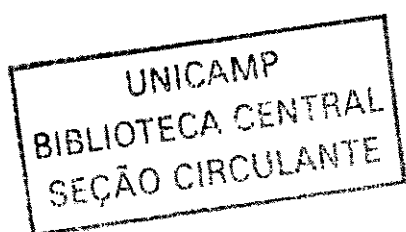


Nilson Cândido Ferreira

200330270

SIMULACROS DA CRIAÇÃO:
ASPECTOS DA POLÊMICA EVOLUCIONISMO VERSUS CRIACIONISMO



Nilson Cândido Ferreira

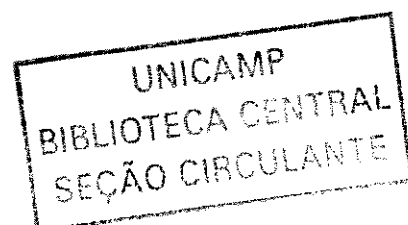
SIMULACROS DA CRIAÇÃO:
ASPECTOS DA POLÊMICA EVOLUCIONISMO VERSUS CRIACIONISMO

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como
requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística,
na área de Análise do Discurso

Orientador: Sírio Possenti

Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	
TUNICAMP	
P4135	
V	EX
TOMBO BC/	55842
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	18/9/03
Nº CPD	

CM001BB126-2

BIBID.300826

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

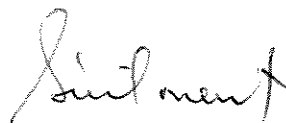
F413s Ferreira, Nilson Cândido
Simulacros da criação: aspectos da polêmica evolucionismo versus
criacionismo / Nilson Cândido Ferreira - - Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Sérgio Possenti
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Criacionismo. 3. Bíblia e evolução. 4.
*Darwinismo. I. Possenti, Sérgio. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Prof. Dr. Sírío Possenti

Universidade Estadual de Campinas



Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Universidade Estadual de Campinas

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Perez de Souza e Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Nilson Cândido

Ferreira

e aprovada pela Comissão Julgadora em
15/10/2003.



Esta dissertação é dedicada a meu avô José Tito (*in memorian*), cujos gestos de carinho e palavras de aprovação marcaram a minha infância e ajudam-me, ainda hoje, a sentir-me um vencedor. Dedico também a meu pai, Enir, pois podendo cursar apenas as quatro primeiras séries do ensino fundamental sonhava legar-me "o estudo" como herança, à Lígia, minha mãe, exemplo de amor e dedicação, à Célia, minha esposa, temporariamente penalizada com a minha dedicação aos estudos, a meus filhos Elias Daniel e Rebeca, pedaços do meu coração, e a meus irmãos Nilza, Zé Antônio e Nilton que me têm incentivado com palavras e gestos.

Agradeço ao CNPq a bolsa de mestrado concedida, aos membros da banca examinadora a forma amigável e gentil com que contribuíram para que as imperfeições deste trabalho fossem diminuídas, e agradeço, de forma muito especial, ao Prof. Dr. Sírrio Possenti, excelente orientador, que sabe apontar caminhos e dar liberdade para o orientando pensar e trabalhar. Agradeço, de coração, a Deus, pois sei que esta vitória foi Ele quem me concedeu e reconheço que, acima de tudo, a sua boa mão me tem guiado.

RESUMO

Esta dissertação analisa a relação existente entre o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista e o discurso criacionista conservador. O neodarwinismo, neste trabalho, representa o pensamento atual das diversas correntes da Biologia que seguem o modelo estruturado por Charles Darwin, a partir de sua obra *A Origem das Espécies*. O criacionismo conservador, também conhecido por fundamentalista, é a ala que interpreta o texto do Gênesis sobre a criação do mundo de forma literal. Esta formação discursiva contrapõe-se ao criacionismo "liberal", que é a ala criacionista que interpreta o Gênesis como literatura metafórica e/ou mitológica.

Este trabalho, que analisa, principalmente, matérias da revista "*Veja*" que circularam no decorrer da última década, tem como discurso de referência o neodarwinismo e é fundamentado na teoria da Análise do Discurso francesa, especialmente nos conceitos de interdiscurso, semântica de base, interincompreensão, polêmica e simulacros discursivos propostos por Maingueneau.

Verifica-se que a base semântica do discurso neodarwinista é fundamentada nas seguintes unidades lexicais: acaso, natureza, acidente (viver-por-viver), Homem-animal-comum/primata, evolução e milhões/bilhões-de-anos/eras. Atesta-se também, a partir do discurso de referência, que a semântica de base do criacionismo conservador é construída a partir das seguintes unidades lexicais: projeto, Criador/Deus, propósito, Adão (Homem-Ser-especial), criação e dias-da-criação.

A análise do *corpus* aponta que o foco da guerra entre esses discursos está centralizado no item lexical "*acaso*" e seu oposto "*projeto*". Isso porque admitir que há "projeto" acarreta em admitir-se que há projetista e, se há projetista e projeto, há também propósito, pois uma coisa pressupõe a outra.

Assim, ancorado no papel atribuído ao "acaso", o evolucionismo constrói o seu discurso e, simultaneamente, nega a legitimidade do discurso antagonista, que é retratado sempre através do simulacro discursivo construído pelo processo da interincompreensão.

O discurso neodarwinista procura construir sobre si uma imagem de porta-voz da verdade e para isso reivindica os sentidos construídos pelos semas: fato, realidade, prova, verdade, ciência de verdade, certeza, evidência, garantia, razão, racional. Os cientistas de sua formação discursiva são descritos como famosos, importantes, renomados, conceituados, sérios, sinceros, defensores da ciência e da verdade, etc. Em contrapartida, o discurso de referência constrói o simulacro discursivo do seu Outro através de semas como: mito, lenda, superstição, palpite, explicação sem sentido, histórias apócrifas, religião ruim, ciência ruim. Quanto aos que pertencem à formação discursiva antagonista, são: religiosos apaixonados, insinceros, supersticiosos, perseguidores da ciência, promotores de "guerras acirradas" em cujo meio encontram-se cientistas que na verdade são teístas inconfessos.

Conclui-se que a relação de interincompreensão e polêmica entre os discursos protagonistas, relação fortemente marcada pela ideologia, faz com que cada um desses discursos veja o seu Outro somente através do simulacro que dele constrói.

Outrossim, a análise dos processos ligados à construção dos sentidos materializados nesses discursos contribui para a formação de leitores mais críticos tanto com relação aos discursos analisados quanto com relação à linguagem em geral.

Palavras-chave: 1. Análise do discurso. 2. Criacionismo. 3. Bíblia e evolução. 4. Darwinismo.

SUMÁRIO

0	INTRODUÇÃO	09
1	RECORTANDO HISTÓRIA	13
1.1	O criacionismo	13
1.2	O evolucionismo	16
1.3	O estado atual da controvérsia	24
1.4	Justificativa por "recortar a história"	26
2	INTERDISCURSO	29
2.1	O primado do interdiscurso	33
2.2	Universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo	36
2.3	O Outro no mesmo	42
3	INTERINCOMPREENSÃO E POLÊMICA	45
4	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	51
4.1	Quadro de relações semânticas	54
4.2	Agrupamentos das seqüências discursivas	61
4.3	Blocos de oposições semânticas; simulacros à vista	68
5	CONCLUSÃO	93
	Palavras finais	97
	ABSTRACT	101
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

INTRODUÇÃO

Objetivando analisar a relação discursiva entre o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista¹ e o seu "outro", o discurso criacionista conservador, e ancorando-nos nos fundamentos teóricos² da análise do discurso de linha francesa, principalmente na perspectiva de D. Maingueneau, iniciamos o presente trabalho coletando da história escrita alguns registros que, ainda que não venham a constituir o *corpus* de análise deste trabalho, evidenciarão que ambos os discursos mantêm, desde o surgimento histórico do caçula, o discurso evolucionista, uma relação de polêmica e interincompreensão.

Consideramos pertinente a análise desse campo discursivo em virtude de essa polêmica envolver dois discursos importantes da nossa sociedade atual, ciência e religião, e recorreremos aos fundamentos teóricos da Análise do Discurso francesa porque as obras que abordam a relação entre esses discursos não o fazem na perspectiva teórica aqui adotada, mas fazem abordagens, normalmente, históricas e/ou apologéticas.

É para evidenciar um pouco a força peculiar desses discursos e para mostrar que a pendenga entre eles nasceu há séculos, mesmo antes do surgimento de Darwin, que selecionaremos alguns "fatos" que foram "registrados" como históricos.

¹ Para efeito de análise, neste trabalho será atribuída a denominação "neodarwinista" ao discurso produzido pelos herdeiros hodiernos de Darwin, sem fazer distinção entre as correntes neodarwinista e ultradarwinista, uma vez que fazem parte da mesma formação discursiva. Contudo, no percurso "histórico" que faremos, distinguiremos, resumidamente, as principais correntes do evolucionismo darwinista.

² Os fundamentos teóricos articulados neste trabalho foram postulados por Michel Pêcheux e também por Dominique Maingueneau e estão nas obras que constam na bibliografia, no final desta dissertação.

Outrossim, por estarmos filiado à perspectiva teórica da análise do discurso, selecionaremos esses "recortes"³ "históricos" para podermos definir as posições enunciativas assumidas pelos "sujeitos" dos discursos considerados.

O *corpus* da análise será constituído por amostra suficientemente representativa do discurso de divulgação científica produzido por herdeiros de Charles Darwin, na última década, e veiculado pela revista "Veja". Além dessa revista, usaremos também uma matéria produzida pelo jornal da USP e algumas seqüências discursivas procedentes do livro de divulgação científica "*O Espectro de Darwin*", cujo autor é o neodarwinista Michael Robertson Rose.

O uso dessas duas últimas fontes também tem como objetivo atestar que, independentemente dos veículos através dos quais o discurso neodarwinista circula, há regularidade nos sentidos produzidos, pois o lugar enunciativo ocupado pelo "sujeito" do discurso é o mesmo.

Assim, como o objeto de análise não será constituído pelos discursos construídos como "históricos", selecionaremos preliminarmente alguns recortes "históricos" que julgamos pertinentes para fazer um percurso "histórico" e para, de alguma forma, retratar as condições de produção⁴ dos discursos em epígrafe e a influência que a história exerce sobre esses discursos.

Assumimos a postura da análise do discurso que concebe o discurso como um objeto de análise que se caracteriza por ser integralmente lingüístico e integralmente histórico. (Maingueneau, 1984, Int. p.1).⁵

Por iniciar o presente trabalho com um percurso "histórico", pretendemos deixar claro que não será considerado determinante o fato de ser uma ou outra pessoa que assume a autoria do seu dizer, uma vez que, para a análise do discurso francesa, o sujeito é constituído historicamente, é de alguma forma institucionalizado, e é a formação discursiva que "determina" a posição que o

³ Assumimos a noção de recorte proposta por Orlandi (1987, p.139ss): "o recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem - e - situação".

⁴ *Condições de produção* é uma designação "utilizada como uma variante de *contexto*. Mas este termo utiliza-se cada vez menos porque minimiza a dimensão INTERACIONAL do discurso e o caráter *construído* enquanto elemento da situação de comunicação". (Maingueneau, 1997 a, p.25).

⁵ Neste trabalho, faremos remissão à obra original de Dominique Maingueneau "*Genèses du discours*", mas utilizaremos a tradução feita por Sírio Possenti e seguiremos a numeração dessa tradução. Registramos aqui a nossa gratidão ao referido tradutor que, gentilmente, nos cedeu um exemplar dessa tradução que está em processo de edição.

sujeito pode assumir, isto é, o sujeito não diz qualquer coisa, ele diz a partir de um certo lugar enunciativo, ainda que pense ser ele a origem do seu dizer.⁶

Outro aspecto que permite à análise do discurso postular que o discurso é um objeto simultaneamente lingüístico e histórico concerne à historicidade dos sentidos produzidos no interior das formações discursivas⁷. Isto é, não só os locutores dizem uma coisa e não outra, mas o sentido daquilo que dizem tem uma certa estabilidade dentro de sua própria formação discursiva, pois, como diz Courtine (1981), "as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas" e acrescenta que "*essa característica não é isolável* das relações contraditórias que uma formação discursiva estabelece com as outras" (cap. II, p.3).⁸

A partir desse momento, passamos a construir o percurso "histórico", anunciado anteriormente, iniciando pelo criacionismo.

⁶ Michel Pêcheux trabalha esta questão por um viés psicanalítico e a caracteriza como "esquecimento". (Por uma Análise Automática do Discurso, p.168ss)

⁷ É a formação discursiva que "determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição numa determinada conjuntura". "Ao falar de *formação discursiva*, parte-se, pois, do princípio de que, para 'uma sociedade (...) só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade". (Maingueneau, 1997 a, p.51).

⁸ Neste trabalho, faremos referência à obra original de Courtine "*Le discours communiste adressé aux chrétiens*", mas usaremos a tradução (que está em processo de edição) feita por Sírío Possenti e seguiremos a numeração dessa tradução. Somos gratos ao referido tradutor que, gentilmente, nos cedeu um exemplar do seu trabalho.

1. RECORTANDO HISTÓRIA

1.1 O Criacionismo

A gênese da relação de polêmica entre o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista e o discurso criacionista conservador precede em muito o surgimento da teoria da evolução de Charles Darwin.

Até a revolução copernicana, o texto bíblico da criação (Gênesis, capítulo 1 e 2) era entendido tanto pelos judeus quanto pelos cristãos como “um tipo de reportagem retrospectiva das origens que indicaria *como* foram criados o céu, a terra, os seres”. (PEÑA, 1989, p. 13). Desde então, além deste tipo de interpretação, outras posições começaram a se configurar: uma que ajusta a interpretação que é feita de algumas passagens da Bíblia às teorias científicas, numa tentativa de produzir harmonia entre fé e ciência, e outra que atribui ao texto bíblico sentidos figurados, ou mitológicos, postulando que a Bíblia é livro religioso e não tratado científico. (LORETZ, 1979, p.52s).

Estas posições, que neste trabalho serão caracterizadas genericamente como pertencendo ao criacionismo moderno, têm sido chamadas de “liberais”. O Criacionismo moderno é a ala do criacionismo que rejeita de maneira mais incisiva quase que exclusivamente o papel que a teoria da evolução tem atribuído ao “acaso”, pois esta corrente acredita que “Deus dirige o processo”. (Cousins, 1997, p.78s). Por ter posição “mais flexível” quanto ao pensamento evolucionista, a relação de polêmica entre o criacionismo moderno e o evolucionismo acontece, geralmente, de forma mais velada.

Para o reformador João Calvino, diferentemente do que pensava a Igreja Católica em sua época, o escritor do Gênesis não teve como objetivo escrever para uma classe específica de

pessoas; pelo contrário, a mensagem da Bíblia deveria ser acessível a todos. Se Moisés tivesse escrito visando aos letrados e falado coisas geralmente desconhecidas, sua abordagem seria compreendida somente por uma elite. Porém, “Moisés ‘procurou adaptar os seus escritos ao uso comum’. A Bíblia era, portanto, um ‘livro para leigos’; ‘aquele que desejasse aprender astronomia, ou outras artes recônditas, que fosse a outros lugares’” [Calvino, *Comentário de Gênesis* 1,15, 1554] *Apud* (Hooykaas, 1988, p. 153).

Na opinião de Calvino, “o Espírito Santo tinha ocasionalmente deixado passar um ou outro equívoco vulgar, a fim de revelar o sentido de Sua mensagem espiritual” (Hooykaas, 1988, p.153).

Calvino admoestava aos leitores que se concentrassem na importância da mensagem, em vez de se preocuparem com cada palavra (*Ibidem*. p.155s).

John Donne dizia que gostava de Calvino porque em casos controversos na interpretação bíblica, Calvino não era taxativo.

‘Calvino diria Videtur, parece ser assim... “Um elogio desse tipo seria o maior que poderia ser feito também a um cientista. Essa espécie de exegese do livro da Escritura foi um exemplo para os que se ocupavam com a interpretação do livro da Natureza” [cientistas] (Hooykaas, 1988, p.156).

Philips van Lansbergen (1561-1632), que era ministro protestante, calvinista convicto e astrônomo famoso, defendeu o ponto de vista de que a escritura não fala sobre assuntos astronômicos ‘segundo a situação real, mas segundo as aparências’ (Hooykaas, 1988, p.160).

A posição de Galileu, relativamente à exegese bíblica e à teoria científica, era semelhante à concepção católica da época “de que ‘verdade’ científica está na Bíblia, embora (em sua opinião) visível apenas para os iniciados” (Hooykaas, 1988, p.162). Portanto, o ponto de vista de Galileu é diferente da posição de Calvino, pois para este “a Bíblia é ‘um livro para leigos’ (*Loc. Cit.*).

Enquanto Galileu projetava nos textos bíblicos suas modernas concepções pessoais, John Wilkins (1638) fazia o contrário, pois julgava ser necessário asseverar que suas opiniões científicas particulares não deviam ser encontradas lá. Portanto, ressoa nas palavras de Galileu a posição dos teólogos católicos que defendiam a infalibilidade das escrituras não apenas em assuntos religiosos como também em assuntos científicos (Hooykaas, 1988. p.168-70).

Um exemplo histórico de interpretação literalista, e que por conseguinte confronta com o sistema de Copérnico, é a de Gisbertus Voet (1588-1676). Ele foi, entre os membros da Igreja

Reformada, o primeiro reitor da Universidade de Utrecht a assumir uma postura “conservadora”, no confronto entre a ciência e a Bíblia.

Segundo Voet, o Salmo 19 não contém um tema poético, mas uma verdade histórica e fatural: por conseguinte, o sistema de Copérnico está em franca contradição com o texto e a intenção da Bíblia. Se o Espírito Santo tivesse de se acomodar às pessoas comuns, Ele teria mentido em nome delas [Voetius, 1636, pp. 35-36.] Apud (Hooykaas, 1988, p.170).¹

Atualmente, a posição aceita pela Igreja Católica - após o papa Pio XII reconhecer "em 1950, na sua encíclica *Humani generis*, a possibilidade de uma evolução biológica ter chegado ao homem" - (Blanc, 1994, p.10), de acordo com Peña (1989, p.22), é que o texto da criação é um relato mítico escrito para confrontar as mitologias cosmogônicas pagãs e corrigi-las em alguns pontos e completá-las inserindo-as no contexto da história da salvação". Ainda de acordo com Peña, os teólogos que não lêem a Bíblia na perspectiva literalista vêem no primeiro capítulo do evangelho segundo João uma retomada esclarecedora do texto da criação de Gênesis. Para esses teólogos, quando o evangelista João fala da criação, ele utiliza a mesma fórmula do Gênesis (*no princípio*) condensando em uma oração a mensagem inicial da Bíblia: “todas as coisas foram feitas por intermédio dele (Jesus Cristo)”. (Evangelho Segundo João, Cap. I, vers. III).

Prosseguindo em sua exposição, Peña (1989, p.22) diz que esta idéia reaparece em seguida, quando o evangelista completa um paralelismo: “sem ele nada do que foi feito se fez”. Essa “redação curiosamente redundante (‘por ele, tudo; sem ele, nada) condensa a essência da fé cristã na criação e a ela deliberadamente se circunscreve, deixando em silêncio tudo o que diz respeito a como e quando”. (Peña, 1989, p.69)

Assim, de acordo com essa corrente teológica, o documento-base da doutrina criacionista não deve ser o Gênesis, capítulo 1º., mas o evangelho segundo João, capítulo 1º. Ademais, se a exegese e a teologia houvessem tido sempre presente essa ordem de preferência, “haver-se-iam economizado muitos e muitos dolorosos conflitos entre fé e ciência, cristianismo e cultura”. (Peña, 1989, p.71).

Para resumir esta notícia breve sobre o discurso criacionista conservador, também conhecido como fundamentalista: este faz uma interpretação “literalista” da Bíblia e postula que nela se encontram tanto o autor da criação quanto o **modo** e o **tempo** da execução da obra.

¹ [G. Voetius, *Sermoen va de Nuttigheyt der Academien*, Utrecht, 1636].

Faremos, a seguir, uma apresentação do evolucionismo, o Outro constitutivo do criacionismo conservador, selecionaremos alguns "fatos históricos", construídos a partir da posição evolucionista, ressaltando que, ao proceder esses recortes, o que nos interessa não é questão da veracidade ou não dos "fatos históricos", mas os acontecimentos discursivos que mostram as formas como o discurso evolucionista manifesta ver a si mesmo, o seu Outro e a relação existente entre ambos.

Queremos ressaltar que esta parte sobre o evolucionismo está baseada apenas em sete obras e que por diversas vezes seguidas reportaremos ao mesmo autor em virtude de cada um deles privilegiar um lado diferente da "história". Contudo, de acordo com o que veremos, para Maingueneau, o discurso é "um espaço de regularidades enunciativas," e, assim, o discurso está inteiro em qualquer fragmento seu² e não reflete apenas o pensamento de um autor, mas de uma formação discursiva que, por sua vez, mantém relação com outras formações discursivas.

1.2 O Evolucionismo

"Até a Renascença, acreditava-se que a reprodução fosse resultado de evento sobrenatural" e que a "reprodução das formas de vida mais simples ocorresse espontaneamente a partir de matéria não viva", ou seja, acreditava-se naquilo que se tornou conhecido como "geração espontânea". (Brody, 1999, p.224). Pensava-se, por exemplo, que as larvas apareciam subitamente na carne, os besouros no esterco e os camundongos no lixo.³

William Harvey (1578-1657), fisiologista britânico, "foi o primeiro a demonstrar que a geração espontânea era impossível porque todo animal provém de um ovo". (Brody, 1999, p.224).

Em 1655, um livro escrito pelo naturalista francês Isaac de la Peyrere (1594-1676) foi publicamente queimado, pois o autor afirmava que pedras encontradas na zona rural da França

² Para esclarecer um pouco mais esse ponto, poderíamos dizer que assim como através do exame do DNA ou das impressões digitais é possível identificar um indivíduo, de forma "semelhante", através da análise de um "fragmento" discursivo é possível reconhecer a que formação discursiva um discurso pertence, pois o discurso está "inteiro" em toda parte.

³ Embora os próximos parágrafos desta seção tenham ficado muito "picados", nosso propósito aqui foi procurar seguir a uma certa sequência cronológica.

"havam sido moldadas por homens primitivos que viveram antes da época de Adão" (Brody, 1999, p.230), o que contrariava o pensamento comum, principalmente o pensamento religioso.

Georges-Louis Lecler de Buffon (1707-88), outro naturalista francês, publicou, em 1749, um livro com um "estudo monumental que refletia as idéias revolucionárias de Buffon nos campos da geologia e da Biologia, sendo o primeiro trabalho a abordar esses temas cientificamente".(Brody, 1999, p.30). Buffon, que chegou à conclusão de que alguns animais estavam extintos, "sugeriu discretamente que os animais talvez houvessem sofrido algum tipo de mudança evolutiva. Afirmou também que alguns mamíferos poderiam ter ancestrais comuns".(Brody, 1999, p.230).

Assim como aconteceu com Galileu em 1633, Buffon também foi obrigado a retratar-se pelo que havia escrito: 'abandono tudo o que em meu livro diz respeito à formação da Terra'. (*ibidem* p.231).

No ano de 1785, o escocês James Hutton (1726-97) apresentou à Royal Society of Edinburgh um trabalho intitulado 'Teoria da Terra', onde ele dizia:

'Solos formam-se pelo desgaste de rochas; as marés e os choques das ondas erodem a costa; acumulam-se camadas de sedimentos; e o ciclo geral de sedimentação, soerguimento de colinas e montanhas e erosão pode ser visto por toda parte.' "Com esse trabalho, Hutton criou... uma nova ciência, a geologia, e se tornou o pai da geologia moderna". (*loc. cit.*).

Alguns anos após a apresentação desse trabalho, Hutton publicou uma obra, *Teoria da Terra*, aonde "aventou francamente que a Terra tinha pelo menos centenas de milhares de anos de existência". (Brody, 1999, p.232). Essa teoria foi fundamental para o advento da teoria da evolução, pois, de acordo com Darwin, é necessário que haja *tempo* suficiente para que as espécies possam evoluir. (*ibidem*, p.231).

Georges Cuvier (1769-1832), zoólogo francês, professor de história natural, "descobriu ossos de mamutes lanosos nas proximidades de Paris, salamandras gigantes, répteis voadores e outras espécies extintas". (*ibidem* p.233). Para Cuvier, "quanto mais profundo o estrato, menos os animais se assemelhavam aos do presente". (*ibidem*, p.233). Contudo, Cuvier, que julgava "que o conceito popular de catastrofismo era correto e que James Hutton estava errado. "explicava a sedimentação e a extinção das espécies" como resultado de "uma série de grandes inundações" que ocorrera num limite de tempo inferior a "6 mil anos", que seria a idade da Terra. (*Loc. cit.*).

Cuvier argumentava que as espécies que não foram extintas nos "repentinos sublevantamentos de terra e inundações repovoaram a Terra" e que as espécies aparentemente novas eram, na verdade, "provenientes de partes do mundo inexploradas". (Brody, 1999, p.234). De acordo com os evolucionistas, este modelo de Cuvier é adotado pelos "criacionistas do século XX". (*loc. cit.*).

Erasmus Darwin (1731-1802), avô de Charles Darwin, médico inglês, afirmava que "as espécies se modificavam adaptando-se ao meio graças a algum tipo de esforço consciente; esse conceito tornou-se conhecido como a doutrina das características adquiridas".(Brody, 1999, p.234).

Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), botânico e biólogo francês, defendia que "os órgãos aperfeiçoam-se com o uso e enfraquecem com a falta de uso; essas mudanças são preservadas nos animais e transmitidas à prole". (Brody, 1999, p.234s). Lamarck, que acreditava que, "de acordo com o propósito supremo de Deus", a vida "ascendia a níveis mais elevados para aperfeiçoar a Criação", "deixou contribuições importantíssimas para a classificação apropriada da vida vegetal e animal (classe, ordem, gênero, etc.)". (*loc. cit.*) Ele, assim como outros "evolucionistas" do século XVIII, "julgava que as variações ficavam restritas dentro de limites". (*ibidem*, p.235).⁴

Charles Lyell (1797-1875), geólogo inglês, publicou, em 1830, uma obra denominada *Princípios de Geologia*, "na qual adotava as idéias de Hutton" e contestava as declarações de Cuvier afirmando que "*o catastrofismo absolutamente não tinha sentido. Embora ocorram catástrofes de tempos em tempos, as forças naturais do vento, da água e dos deslocamentos de terra têm atuado em geral de maneira lenta e uniforme*". (Brody, 1999, p.236).

Mesmo considerando-se que a idade da Terra era mais avançada do que se julgava, "continuava a ser inaceitável - em bases científicas, filosóficas e religiosas - sugerir que *a própria vida* evoluíra de algum modo" (Brody, 1999, p.236), pois ainda não se conheciam "as técnicas de determinação do tempo pela radioatividade ou a capacidade de analisar quimicamente aquele material", ou seja, "não havia um método científico de provar a idade dos achados". (*Ibidem*, p.237).

Em 1831, Charles Robert Darwin (1809-1882), que abandonara o curso de medicina, formou-se em teologia. Enquanto aguardava o momento para exercer o seu ministério na Igreja

⁴ D. E. Brody & A. R. brody, As Sete maiores descobertas científicas da história, p.235.

Anglicana, recebeu um convite para participar, "como naturalista oficial do navio de pesquisas da Marinha Britânica H.M.S. *Beagle*" de uma expedição com propósitos científicos. (Brody, 1999, p.240).

Durante a viagem ele leu e "foi influenciado particularmente pelo livro *Princípios de Geologia, de Lyell*", presente de despedida de seu ex-professor de Botânica, John Steves Henslow. (*ibidem* p.243).

Conforme Darwin ia observando, as formas de vida vivas e as formas extintas e suas atinentes formações geológicas, "começava a ter um *insight* sobre a relação entre aquela geologia mutável e a vida que ela sustenta". (Brody, 1999, p.243).

As observações feitas por Darwin lhe suscitaram alguns questionamentos: qual era a causa da diferença existente entre algumas espécies de animais, cujas características variavam de uma ilha para outra? "Cada uma das ilhas desenvolvera sua própria espécie? (...) Por que os animais são semelhantes em lugares que são tão diferentes? (...) Por que os animais *fósseis* encontrados nas Galápagos não são idênticos às formas *vivas* do lugar? A viagem suscitou essas e outras questões, bem como dúvidas quanto à verdade do *Gênesis* interpretado ao pé da letra." (Brody, 1999, p.243).

Em julho de 1837, Darwin começou a "escrever em seu diário sobre *a transmutação das espécies*". (Brody, 1999, p.244). O uso preferencial do termo transmutação, em vez de evolução, era para ressaltar que, mesmo que vegetais e animais mudem influenciados pelo meio, "podem continuar sendo a mesma espécie". (*loc. cit.*).

Em 1838, lendo "*Um ensaio sobre o princípio da população*", do inglês Thomas Malthus (1766-1834), economista e demógrafo, onde o autor afirmava que "a população humana e a demanda sempre excederão a produção de alimentos e outros bens necessários", Darwin teve uma "grande revelação":

Estando bem preparado para avaliar a luta pela existência que por toda parte prossegue [...] ocorreu-me subitamente que nessas circunstâncias, as variações favoráveis tenderiam a ser preservadas, e as desfavoráveis a ser destruídas. O Resultado disso seria a formação de novas espécies. Então finalmente tive ali uma teoria na qual basear o meu trabalho. (...)

Com base nisso, Darwin concluiu que as plantas e os animais que sobrevivem à acirrada competição entre todos os seres vivos têm de ser mais bem-equipados para viver em seu meio específico do que aqueles que não sobrevivem. (Brody, 1999, p.245).

Darwin (1996, p.27) conclui que na luta da vida e pela vida, os mais fortes e mais espertos prevalecem e que, pela seleção natural, as mudanças que favorecem a sobrevivência são transmitidas às gerações posteriores e as mudanças desfavoráveis são eliminadas. Dessa forma, as espécies vão mudando gradualmente e "os organismos melhor adaptados durante a vida inteira às mudanças ocorridas sempre foram selecionados" e as espécies que não conseguem se ajustar às condições impostas pelo meio são extintas. (*Ibidem*, pp. 45, 28).

Darwin (1996, p.67), em oposição aos que afirmavam que as formas são fixas, imutáveis, era de parecer que "podemos ter boas razões para acreditarmos que as espécies descendem de genitores comuns" (*ibidem*, p.33) e que o Criador impôs leis (Darwin, 1996, p.67) e que, devido a elas, uma ou poucas formas (*ibidem*, p.68) "foram substituindo-se uma após outra, através do processo de seleção gradual de mudanças infinitesimais, até chegarem a uma quantidade infinita e de formas belíssimas e admiráveis" (Darwin, 1996, p.69). É esse princípio que recebeu a denominação de "Seleção Natural ou Sobrevivência dos Mais Aptos" (Brody, 1999, p.249).

No ano de 1844, Robert Chambers, "um bem-sucedido autor de livros de divulgação científica", publicou, sem colocar o seu nome no trabalho, por esperar uma recepção indignada, um tratado "pró-evolução, *Vestígios da história natural da criação*" (Hellman, 1999, p.113). Esse livro foi "severamente atacado (...), pois, infelizmente, os *Vestígios* eram, na verdade, um pastiche de coisas sensatas e absurdas. O próprio Darwin tinha certas dúvidas sobre o livro" (*loc. cit.*). Contudo, Darwin percebeu que esse livro "poderia mesmo estar aplainando o terreno para ele" (Hellman, 1999, p.113).

Em 1859, após tomar conhecimentos de escritos do naturalista britânico Alfred Russel Wallace (1823-1913), cujas idéias eram semelhantes as suas, Darwin resolveu publicar um resumo do que já havia escrito "especialmente induzido a isso porque o sr. Wallace (...) chegou a quase exatamente as mesmas conclusões a que cheguei sobre a origem das espécies" (Brody, 1999, p.250).

O conteúdo desse livro tornou-se desde de a sua publicação objeto de "intensa e generalizada controvérsia" (Brody, 1999, p.251).

Dentre os críticos de Darwin sobressaía o "geólogo inglês Adam Sedgwick (1785-1873), professor em Cambridge e presidente da renomada Sociedade Geológica de Londres", que dizia rejeitar "o uso por Darwin de hipótese e raciocínio dedutivo (ao invés de indutivo) para provar suas teorias", e Richard Owen (1804-92) "anatomista, paleontólogo, membro da Royal Society e

o mais eminente biólogo do país na época em que Darwin divulgou sua teoria" (Brody, 1999, p.251).

As idéias de Darwin foram motivos de debates na reunião realizada em Oxford, em 30 de junho de 1860, pela Associação Britânica para o Progresso da Ciência (Hellman, 1999, p.111). Várias pessoas se pronunciaram sobre o assunto (Hellman, 1999, p.118), mas o que tem recebido maior destaque na literatura evolucionista é o confronto que tinha "de um lado o porta-voz de Owen, bispo Samuel Wilberforce (1805-73), e do outro o porta-voz de Darwin, Thomas H. Huxley (1825-95)" (Brody, 1999, p.252).

Esse debate, considerado "um dos grandes épicos dos anais do debate científico" (Hellman, 1999, p.117), tem sido usado como referência que marca a divisão entre religião e ciência. Como representante da religião tem sido colocado Wilberforce, bispo e matemático com "alguma reputação", que fora apelidado de 'Sam Escorregadio', por estudantes de Oxford, devido a sua "destreza na oratória" (Hellman, 1999, p.112). Como representante da ciência tem sido colocado Huxley, zoólogo inglês, "experimentado polemista", e após esse debate "ficou conhecido como o 'buldogue de Darwin'" (Branco, 1996, p.55).

"De acordo com Ernst Mayr, um dos 'buldogues' de maior escalão nos dias de hoje, o próprio Huxley nunca acreditou no processo darwiniano de seleção natural" (Hellman, 1999, p.115), mas buscava "arrancar a ciência do controle eclesiástico,⁵ (...) assumindo uma atitude decididamente de confronto em relação ao partido da Igreja" (Hellman, 1999, p.116).

Na véspera da publicação do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, Huxley, que acreditava que "a ciência evolucionária e a religião podem coexistir," (Hellman, 1999, p.115) escreveu a Darwin oferecendo-lhe "apoio e encorajamento:

'E quanto aos curas que vão latir e uivar, você deve lembrar-se de que alguns de seus amigos, em todo caso, possuem uma boa carga de combatividade, que (embora você a tenha muitas vezes reprovado com razão) pode ser-lhe agora de boa serventia. Já estou afiando minhas garras e meu bico em prontidão'. [CLARK, 1984, p.137] Apud: (Hellman, 1999, p.116).⁶

⁵ Esses recortes ressaltam a pertinência das palavras de Maingueneau: "O discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa à interdiscursividade para constituir-se". (...) O discurso nasce "da transformação de outros discursos em que a polêmica era tanto estéril quanto inevitável". A Polêmica como Interincompreensão, p.14.

⁶ [R. W. CLARK. The survival of Charles Darwin: a biography of a man and na idea. New York: Random House, 1984, p.137].

De acordo com Hellman, os detalhes desse debate "estão atolados em mistério e confusão. O resultado, de fato, é um *Rashomon* de primeira classe, com vários repórteres dando cada qual a sua própria versão" (Hellman, 1999, p.117).

Em 1871, "nova controvérsia entrou em ebulição", pois foi publicado um outro livro de Darwin, *A descendência do homem* (Brody, 1999, p.253). Foi nesta obra que Darwin afirmou que

'O homem descende de alguma forma menos altamente organizada'. (...) É, portanto, provável que a África tenha sido anteriormente habitada por macacos extintos estreitamente afins com o gorila e o chimpanzé: e (...) essas duas espécies são agora as mais afins com o homem (Brody, 1999, p.253s).

Apesar de encontrar objeções de caráter religioso e algumas objeções provenientes da ciência da época, principalmente a de William Thomson, o Lorde Kelvin, cujos cálculos da idade da terra, aproximadamente 100 milhões de anos (Hellman, 1999, p.122), a teoria de Darwin, antes da Primeira Guerra Mundial (cujo cerne foi associado, por criacionistas, ao darwinismo) (*ibidem*, p.127) "já estava também sendo ensinada em algumas das escolas dos Estados Unidos" (Hellman, 1999, p.125), (...) 'mesmo no Sul teologicamente conservador, um certo número de escolas ligadas à Igreja vinham há décadas ensinando a teoria da evolução'.⁷

Contudo, de acordo com Ronald L. Numbers, "parte desse ensino pode ter sido estridente em demasia e excessivamente interessado em lançar a evolução contra a religião (...) o que pode ter desencadeado uma espécie de contra-revolução" (Hellman, 1999, p.125) que fez com que os criacionistas conseguissem, "no início dos anos 20,... tornar ilegal o ensino da evolução em três estados americanos: Tennessee, Mississippi e Arkansas" (*ibidem*, p.126).

Com base nessa lei, em 1925, John Thomas Scopes, foi processado por, violando a lei estadual, ensinar a teoria da evolução. (Hellman, 1999, p.126). O julgamento dele tem sido considerado como uma espécie de reprodução do episódio, religião e ciência, que envolveu, 65 anos antes, Wilberforce e Huxley. (*ibidem*, p.127).

Nesse acontecimento, diz Hellman (1999, p.128), "assim como no debate em Oxford, os partidários da evolução experimentaram a emoção da vitória". No entanto, no Tennessee, somente a partir de 1967 tornou-se possível ensinar legalmente a teoria da evolução. (Hellman, 1999, p.129).

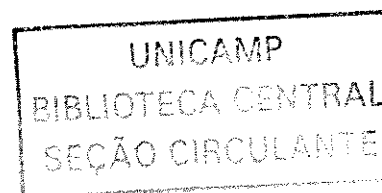
⁷ [Ronald L. NUMBERS, *The evolution of scientific creation*: New York: Alfred A. Knopf, 1992, p.40] *apud* (Hellman, 1999, p.125).

Principais correntes do darwinismo. Atualmente, os princípios de Darwin têm servido de fundamento para geólogos, paleontólogos e biólogos evolucionistas que têm construído explicações atinentes à evolução que são enquadradas, principalmente, em duas linhas: uma é a neodarwinista e a outra é a ultradarwinista, sem falar da "versão da concepção saltacionista", chamada de 'equilíbrio pontuado'. Esta, proposta pelo "muito respeitado biólogo evolucionista Stephen Jay Gould e seu colega Niles Eldridge," embora questione alguns aspectos do darwinismo, "de modo algum nega a integridade básica da seleção natural" (Hellman, 1999, p.115s).

O neodarwinismo, cujo nascimento foi oficialmente marcado pelo congresso de Princeton, realizado em janeiro de 1947 (Blanc, 1994, p.93), foi reconfigurado com base em conhecimentos adquiridos pela genética, "que paulatinamente foi contribuindo para explicar vários dos aspectos que na época de Darwin não era possível compreender" (Branco, 1996, p.48).

De acordo com Ernst Mayr, "de Darwin aos neodarwinistas, a idéia principal foi que 'o único fator que pode conduzir à evolução é a seleção natural'" [1989, p.121.]⁸ *apud* (Blanc, 1994, p.95).

O ultradarwinismo, que tem sido considerado como a "recente versão extremista" do neodarwinismo tradicional,⁹ tem como obra inaugural o livro "*Adaptation and Natural Selection*" (1966), do biólogo americano George C. Williams (Blanc, 1994, p.96). De acordo com o pensamento ultradarwinista, "toda a evolução das espécies deveria ser explicada pela seleção natural **dos genes**¹⁰", uma vez que "o gene é o verdadeiro agente da evolução" (Blanc, 1994, p.98)¹¹ Por isso, o ultradarwinismo é também chamado "por alguns (como o filósofo Pierre Thuillier)" de "*darwinismo do gene*" (Blanc, 1994, p.93).



⁸ [Histoire de la Biologie. Paris, Fayard, 1989, p.121.] *Apud*: Blanc, 1994, p.95.

⁹ De acordo com Blanc (1994, p.25), o neodarwinismo tem também "correntes críticas".

¹⁰ Grifo acrescentado para realçar a diferença entre o *neodarwinismo*, que lança mão dos conhecimentos da genética *explicar "vários aspectos"* da *seleção natural*, e o *ultradarwinismo*, que postula que toda seleção natural é *determinada por fatores genéticos*.

¹¹ Essa idéia foi retomada "pelo sociobiólogo Richard Dawkins, através de sua metáfora do *gene egoísta*" (Blanc, 1994, p.98).

Nos últimos anos, de alguma forma, a teoria da evolução darwinista tem sido contestada¹² pelo geneticista japonês Motoo Kimura, pelo paleontólogo americano Stephen Jay Gould, que afirmam que "a teoria da evolução neodarwinista é incompleta ou falsa em certos aspectos (Blanc, 1994, p.12), pelo geneticista americano H. Carson (*ibidem*, p.14) e pelo bioquímico Michael J. Behe.¹³ Todavia, o inimigo cujo espectro incomoda constantemente o darwinismo, de ontem e de hoje, é o criacionismo conservador.

Conforme observamos na nota número um da Introdução, neste breve percurso "histórico" distinguimos as correntes neodarwinista e ultradarwinista, porém, na análise do *corpus* será atribuída a denominação "neodarwinista" ao discurso produzido pelos evolucionistas herdeiros hodiernos de Darwin, sem fazer distinção dessas correntes, uma vez que fazem parte da mesma formação discursiva.

1.3 O Estado Atual da Controvérsia

O criacionismo conservador foi revigorado a partir dos anos 80 principalmente pelo biólogo Michael Denton, diretor do Centro de Pesquisa em Genética Humana de Sydney, na Austrália, autor do livro "*Evolution: une théorie en crise*" (Blanc, 1994, p.11). Nessa obra o autor diz que há problemas enormes com a teoria evolutiva sem serem discutidos.

Após Denton, muitas outras obras têm surgido, inclusive "mais de 60 livros sobre *Criação versus Evolução*" foram escritos por um único autor, Wilder-Smith.¹⁴

Nos Estados Unidos, a força desses criacionistas pode ser observada na influência que algumas vezes eles têm exercido na lei educacional de alguns estados. Eles "conseguiram um certo número de adeptos entre os cientistas e formaram associações criacionistas" (Branco, p.1996, p.44) que reivindicam que lhes seja dado o direito de ensinar a "ciência da criação" nas

¹² Para breves informações no âmbito do debate científico atual que, embora seja bastante relevante, ultrapassa o escopo deste trabalho, ver Blanc, 1994, p.12ss.

¹³ Behe é o autor do livro: *A Caixa preta de Darwin*, o desafio da bioquímica à teoria da evolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

¹⁴ Essa informação está contida nas capas das quatro séries de fitas de vídeo (tipo documentário): *ORIGENS*: A ciência a serviço de Deus. Produção de Films for Christ. Direção de Paul Taylor. Versão Portuguesa Copyright © 1993, FFC/Eden Films. São Paulo: Reborn Dist. de Vídeo Ltda. 1993. 4 fitas de vídeo (60 min cada fita), VHS, son., color.

escolas públicas, nas mesmas condições em que é ensinada a teoria da evolução (Hellman, 1999, p.131), o que, inversamente ao que ocorria no passado, não tem sido aceito pelos evolucionistas.

"Essa corrente de opinião foi forte o suficiente para que o ex-presidente Ronald Reagan promettesse apoiá-la, quando de sua campanha eleitoral em 1980" (Blanc, 1994, p.10).

Em 1981, foi promulgada uma lei em Louisiana requerendo que cada escola pública que ensinasse a teoria da evolução deveria ensinar também o criacionismo, ou "ciência da criação". Essa lei foi revogada pela Suprema Corte dos Estados Unidos que interpretou que essa lei "tinha intento religioso" (Hellman, 1999, 130).

Essa postura favorável ao "exército criacionista" que "parece estar crescendo" representa o pensamento da maioria dos norte-americanos que, de acordo com "uma pesquisa Gallup de 1993, (...) acreditam que Deus criou os seres humanos há menos de dez mil anos" (Hellman, 1999, 135s).

Um dos episódios mais recentes cujos protagonistas foram os criacionistas conservadores ocorreu em 13 de agosto de 1999: o comitê de Educação do Estado de Kansas, nos EUA, "decidiu eliminar de seus exames questões sobre a teoria da evolução de Darwin e o modelo do Big Bang, para desencorajar o ensino dessas teorias nas aulas" (Gleiser, *Folha de S. Paulo*, 12.09.99).¹⁵ "Menos de dois meses depois", o Departamento de Educação do Estado de Kentucky, EUA, substituiu o termo "evolução" por "mudança com o tempo", para se referir a teoria de Darwin (FOLHA de S. Paulo, Seção: Ciência, "'Evolução' é retirada de escolas nos EUA", 06.10.99).¹⁶

Os que estão atualmente engajados no discurso criacionista conservador são os "Testemunhas de Jeová"¹⁷, a maioria dos crentes pentecostais e uma grande parte dos protestantes, dentre estes a maioria dos Batistas e até mesmo uma grande parte dos calvinistas, mas a questão educacional envolvendo o neodarwinismo e o criacionismo conservador tem sido objeto de controvérsia até mesmo em espaço discursivo "alheios" ao espaço formado especialmente por esses dois discursos, conforme podemos exemplificar através da seguinte

¹⁵ GLEISER, Marcelo. *Folha de S. Paulo*, . "Um exemplo a não ser seguido", 12.09.99.

¹⁶ FOLHA de S. Paulo, Seção: Ciência, 'Evolução' é retirada de escolas nos EUA, 06.10.99.

¹⁷ WATCHTOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY OF NEW YORK, INC. *Veio o Homem a Existir por Evolução ou por Criação?* New York..., 1968, p.5.

citação extraída de uma entrevista concedida pelo filósofo Paul Feyerabend a John Horgan (1998), um dos editores da revista *Scientific American* e autor do livro *O Fim da Ciência*:

(...) Mesmo que os bosquímanos vivam felizes, eles são ignorantes, e o conhecimento não é melhor que a ignorância? 'O que há de tão especial no conhecimento?', replicou Feyerabend. 'Eles são bons uns para os outros. Não se destroem.' As pessoas têm todo o direito de rejeitar a ciência, se assim o desejarem, disse Feyerabend.

Isso queria dizer que os cristãos fundamentalistas também tinham o direito de ter o criacionismo ensinado nas escolas ao lado da teoria da evolução? 'Acho que essa história de 'direito' é uma questão cheia de manhas', respondeu Feyerabend, 'porque quando alguém tem um direito pode golpear com ele a cabeça do outro.' Fez uma pausa. Idealmente, disse, as crianças deveriam entrar em contato com o maior número possível de modos de pensar diferentes, para que pudessem escolher livremente entre eles. Inquieto, ele mudou de posição na cadeira. Sentindo uma abertura, observei que na verdade ele não tinha respondido à minha pergunta sobre o criacionismo. Feyerabend franziu a testa. 'É uma questão estéril. Não me interessa muito. O fundamentalismo não é a antiga e rica tradição cristã.' Mas os fundamentalistas norte americanos são muito poderosos, persisti, e usam as afirmações de Feyerabend para atacar a teoria da evolução. 'Mas a ciência tem sido utilizada para dizer que algumas pessoas têm um baixo coeficiente de inteligência', retorquiu. 'Assim, tudo é empregado de muitas maneiras diferentes. A ciência pode ser um meio para destruir todo tipo de gente.' (grifo acrescentado) (Horgan, 1998, 73s).

1.4 Justificativa por "Recortar a História"

Esta inserção "histórica", aqui, objetiva enfocar, ainda que de forma bastante limitada, devido ao escopo deste trabalho, as "condições de produção" do *discurso evolucionista neodarwinista*, protagonista principal de nossa análise, uma vez que o mesmo será o *discurso de referência*¹⁸ a partir do qual analisaremos a relação entre ele e o seu Outro.

Com esses aspectos "históricos" que articulamos, julgamos vislumbrar algo dos primórdios da relação existente entre criacionismo conservador e evolucionismo ou, de forma mais ampla, entre religião e ciência.

Podemos notar também que a gênese do discurso evolucionista não se dá, como normalmente se concebe, de forma pura, isolada, independente, a partir de um evento, num dado

¹⁸ Courtine (1981, cap. IV, p.1.16) toma como formação discursiva de referência a FD comunista, pois o seu "corpus consiste em um conjunto de discursos dirigidos aos cristãos pelo Partido Comunista Francês no período de 1936 a 1970."

momento, em decorrência de um fato que gera a relação conflituosa com o seu discurso antagônico, no caso, o criacionismo conservador.

Ainda que o discurso criacionista fosse hegemônico até o advento do evolucionismo, "em todos os tempos e em todas as civilizações" (MARTINS, 1997, p.7) sempre surgiram teses, ainda que não científicas, diferentes da "narrativa"¹⁹ do Gênesis, para se "explicar" a origem do universo e da vida. A Bíblia mesma fala da existência de pessoas que não acreditam em Deus²⁰ e, por conseguinte, não compartilham da crença a respeito do que a Bíblia diz sobre a criação divina.

No entanto, os discursos contrários à interpretação literal da Bíblia se fortaleceram grandemente a partir de 1543, ano em que foi publicado o livro de Nicolau Copérnico, no qual ele dizia que não é a Terra, mas o Sol, o centro do universo. (Brody, 1999, p.24).

No espaço interdiscursivo em que a cena era disputada entre os discursos decorrentes, de certa forma, da revolução copernicana e os discursos decorrentes da interpretação literal do texto da criação havia um "espaço de regularidade pertinente" (Maingueneau, 1984, Int. p.5) para que fosse constituído, pelo menos, mais um outro discurso. Justamente nesse espaço, anos mais tarde, configura-se o discurso evolucionista darwinista e depois o neodarwinista.

É por isso que, fundamentados na perspectiva teórica de Maingueneau, que afirma que "o interdiscurso precede o discurso" e assim "a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos," (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5) vemos no espaço interdiscursivo onde se encontram os discursos evolucionistas e os discursos criacionistas o "espaço de regularidade pertinente" (Maingueneau, 1984, Int. p.5) para procedermos o nosso trabalho de análise.

Dessa forma, dentre outras condições de produção, considerando que "todo o discurso, como toda a cultura, é finito, na medida em que repousa sobre divisões iniciais, mas essas divisões não se separam (constituem) sobre um espaço semanticamente indiferenciado" (Maingueneau, 1984, Int. p.5), a identidade do discurso emergente, o evolucionista, se estrutura no entremeio da relação interdiscursiva antecedente.

¹⁹ Com estas aspas procuro não me posicionar a respeito da questão teológica de o texto concernente a criação ser narrativa ou poesia.

²⁰ "Diz o insensato no seu coração: não há Deus." (*A Bíblia Sagrada*, 1969, Salmos, 14.1 e 51.1).

Assim sendo, a gênese do discurso evolucionista acontece em um espaço onde já havia tensão na relação interdiscursiva e isso não somente em nível discursivo, mas também em vias de fatos que envolviam, principalmente, a Igreja Católica e a Ciência.²¹

Essas considerações justificam por que não seria pertinente analisar um desses discursos isoladamente e, ao mesmo tempo, servem para evidenciar que rejeitamos a concepção "um pouco romântica da gênese, a do surgimento absoluto de uma grande descoberta, a obra genial num impulso irresistível" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.11), como se um discurso nascesse "*como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc.*", e não "*de um trabalho sobre outros discursos*" (Maingueneau, 1997, p.120).

É procurando dar conta da complexidade existente nas relações entre os discursos que a análise do discurso francesa tem trabalhado o relevante conceito de interdiscurso.

²¹ "Galileu foi forçado a retratar-se publicamente e jurar nunca mais ensinar a teoria copernicana sob pena de ser torturado e queimado vivo." (Brody 1999, p.24).

2. O INTERDISCURSO

Na perspectiva teórica de Dominique Maingueneau, o conceito de interdiscurso ocupa um lugar muito especial, tanto que ele defende a hipótese do primado do interdiscurso. Este é inscrito na perspectiva "de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, numa relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.1).

Dada a relevância dos conceitos de heterogeneidade e de interdiscurso, farei, a seguir, um breve percurso teórico considerando esses dois conceitos. Todavia, abordarei preliminarmente os conceitos de dialogismo e polifonia que, alguma forma, estão relacionados aos conceitos de heterogeneidade e interdiscurso. Certamente, o interdiscurso receberá uma atenção especial e será abordado na perspectiva teórica de M. Pêcheux e de D. Maingueneau.

Na concepção de Bakhtin, todo discurso tem natureza dialógica e

'...em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.' [Bakhtin, 1975 p.88] *apud* (ZAMBONI, 1997, p.42).

O conceito de dialogismo, na análise do discurso, a partir de Bakhtin, refere-se à

dimensão intrinsecamente interactiva da linguagem oral ou escrita: 'o locutor não é um Adão e, por esse facto, o objecto do seu discurso torna-se infalivelmente o ponto em que se encontram as opiniões de interlocutores imediatos...' [1984, p.302]²² *Apud* (Maingueneau, 1997a, p.32).

²² [Esthétique de la création verbale, Paris, Gllimard, 1984, p.302]

e dialogismo tem também o sentido de intertextualidade. [Todorov, 1981, cap. V]²³ *apud* (Maingueneau, 1997a, p.32).

Maingueneau (1997a, p.33) atribui a Moirand a distinção entre "*dialogismo intertextual e dialogismo interaccional*"²⁴ e diz que o primeiro termo aponta para as "marcas de heterogeneidade enunciativa, para a citação, em sentido mais lato, o segundo para as múltiplas manifestações da troca verbal" (Maingueneau, 1997a, p.33).

Bakhtin (1977) diz que

'qualquer enunciação, mesmo que sob a forma de escrita imobilizada, é uma resposta a qualquer coisa e é construída como tal. Ela é apenas uma malha da cadeia dos actos de fala. Qualquer inscrição prolonga as que a precederam, entra em polémica com elas, espera por reacções activas de compreensão, antecipa-se-lhes, etc.', p.106)²⁵

Nas palavras de Zamboni (1997, p.42s), que aprofunda esse conceito de Bahktin, há dois níveis de uma dupla relação dialógica, uma "orientada para o discurso do Outro na ordem do 'já-dito'" e outra "para o discurso do Outro na ordem do 'ainda-por-dizer', ou seja, da resposta antecipada", mas Zamboni diz que estes dois níveis "podem estar tão estreitamente entrelaçados que se tornam indistinguíveis um do outro na análise."

Inscrito no âmbito mais geral da heterogeneidade, polifonia é um conceito que O. Ducrot retoma de Bakhtin e o desenvolve sistematicamente no domínio do enunciado. Este conceito fora "deslocado" por Bakhtin da retórica, onde "designava o processo de introduzir um diálogo fictício no enunciado," (Maingueneau, 1997a, p.32)²⁶ e "introduzido nas ciências da linguagem" (Koch, 2000, p.50).

O conceito de polifonia tem sido trabalhado em lingüística, "numa perspectiva diferente da Análise do Discurso" (Brandão, 1998, p.57)²⁷ para tratar dos casos em que aquele que enuncia não se "responsabiliza" pelo enunciado que produz, ou seja, para Ducrot, "há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os **enunciadores** e os **locutores**" (Maingueneau, 1997, p.76).

²³ [T. TODOROV, *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*, Paris, Ed. Du Seuil, 1981, cap. V].

²⁴ [S. MOIRAND, *Une grammaire des textes et des dialogues*, Paris, Hachette, 1990, p.75]

²⁵ [Le Marxisme et la Philosophie du langage, Paris, Éd. De Minhit, 1977, p.106] *apud* (Maingueneau, 1997a, p.33).

²⁶ Maingueneau, Os Termos-Chave da AD, p.32.

²⁷ Principalmente por causa da falta da noção de historicidade. (Brandão, 1998, p.61).

Para Ducrot, o locutor é o "responsável pelo dizer, mas não é um ser no mundo, pois trata-se de uma ficção discursiva" (Brandão, 1998, p.58). O locutor se distingue do produtor efetivo do enunciado, isto é, do "sujeito falante empírico" (*loc. cit.*), da mesma forma que o narrador se distingue do autor.

Quanto ao enunciador, este se distingue do sujeito falante e também do locutor. Ducrot (1984) denomina de enunciadores os

Seres que se exprimem através da enunciação, sem que, no entanto, lhes sejam atribuídas palavras precisas; se eles falam é somente no sentido de que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas falas. [p.204]²⁸ apud (Brandão, 1998, p.60).

Ocorre polifonia no nível do locutor quando há desdobramento deste em L1 e L2. Para exemplificar um desdobramento do locutor, podemos citar um caso em que o discurso direto apresenta enunciação dupla:

Fabiana me disse: eu estou terminando a dissertação. Neste caso, L1 se responsabiliza pelo enunciado todo e L2 é responsável apenas pela parte final: "eu estou terminando a dissertação".

De acordo com Koch (2000), deve-se distinguir o conceito de polifonia e o conceito de Intertextualidade. "Na intertextualidade, a alteridade é necessariamente atestada pela presença de um intertexto," enquanto que na polifonia "basta que a alteridade seja encenada" (p.57). Assim, "o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade", uma vez que "todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca" (*loc. cit.*).

A Análise do Discurso da segunda época (AD-2) é marcada especialmente pela introdução, em seus fundamentos teóricos, de dois conceitos muito importantes: **heterogeneidade** e **interdiscurso**. Essa introdução foi decorrente da percepção de que uma formação discursiva "não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadido' por elementos que vêm de outro lugar" (Pêcheux, 1983, p.314).

Baseando-se por um lado na problemática do dialogismo bakhtiniano e por outro "na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan", Authier-Revuz (1990) "introduziu uma distinção largamente utilizada" (Maingueneau, 1997a, p.56) entre heterogeneidade constitutiva do discurso e de seu sujeito e da heterogeneidade

²⁸ [O. DUCROT, *Le dire et le dit*. Paris, Ed. Minuit, 1984, p.204].

mostrada, que é descrita "como formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso" (Authier-Revuz, 1990, p.26).

Essas duas formas de heterogeneidade representam, no conceito de Authier-Revuz (1990), "duas ordens de realidade diferentes" (p.32). A heterogeneidade constitutiva aborda a questão da presença inevitável do Outro no discurso, isto é, de uma exterioridade que está no interior do sujeito, "onde jogam o interdiscurso e o inconsciente" (Zamboni, 1997, p.41). A heterogeneidade mostrada é a que faz alterar a "unicidade aparente da cadeia discursiva, pois elas aí inscrevem o outro (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem)" (Authier-Revuz, 1990, p.29) e que possibilita ao enunciador ser "capaz de se colocar em qualquer momento distante de sua língua e de seu discurso" (*ibidem*, p.32).

Abrigadas na heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz diferencia a autonímia da conotação autonímica. Na autonímia, a heterogeneidade aparece como um fragmento visivelmente marcado na sintaxe discursiva, por exemplo, no discurso relatado direto (C disse: "S"). O fragmento que é deslocado de seu lugar de origem é trazido para outro espaço e é apresentado como objeto. Na conotação autonímica, "o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um objeto que se mostra e do qual se faz uso" (Zamboni, 1997, p.43). Neste caso, os fragmentos aparecem ou aspeados, ou em itálico, ou glosado por uma incisa e sua inclusão na cadeia discursiva é feita, "contrariamente ao caso anterior, sem ruptura sintática" (*loc. cit.*).

Authier-Revuz discerne a presença do outro também em construções mais complexas (discurso indireto livre, alusão, imitação, ironia, antífrase) que "acontecem no espaço do implícito, do simidesvelado, do sugerido" (Zamboni, 1997, p.44).

Para Maingueneau (1997), a "heterogeneidade por vezes deve ser reconstruída a partir de índices variados" (p.97). O autor diz que, diferentemente do que acontece, via de regra, quando se diz que um objeto é heterogêneo, quando se fala da heterogeneidade do discurso não é para desvalorizá-lo, pelo contrário, é para dar a conhecer "um funcionamento que representa uma relação radical de seu 'interior' com seu 'exterior'" (Maingueneau, 1997, p.75).

As formações discursivas, e por conseguinte os discursos, não têm uma relação com elas mesmas e outra, separadamente, com o exterior, antes, "*é preciso pensar, desde o início, a identidade como uma maneira de organizar a relação com o que se imagina, indevidamente, exterior*" (Maingueneau, 1997, p.75).

Em relação à heterogeneidade constitutiva, que aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, Maingueneau (1997) defende que a Análise do Discurso pode defini-la "formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva" (p.75).

Na análise do discurso da primeira época (AD 1), postulava-se que cada formação discursiva era fechada, compacta, homogênea, mas na AD-2 a noção de interdiscurso foi introduzida

Para designar 'o exterior específico' de um FD enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então o como resultado paradoxal da irrupção de um 'além' exterior e anterior (Pêcheux, 1983, p.314).

Courtine (1981) diz que o interdiscurso é definido como "aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente" (cap. II, p.3).

No livro *Análise de Discurso*, Orlandi (1999) analisa "uma grande faixa preta" colocada na entrada de um *campus* universitário, em época de eleições, com o seguinte enunciado em "largas letras brancas: 'vote sem medo!'. Quando a autora discorre sobre interdiscurso, ela diz, com relação ao objeto de sua análise, que

Tudo o que já se disse sobre voto, sobre eleições, sobre eleitores e também todos os dizeres políticos que significaram, em diferentes candidatos, os sentidos da política universitária estão, de certo modo, significando ali. Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que aquela faixa diz" (p. 30s).

Assim, o interdiscurso faz com que uma materialidade discursiva produza efeitos de sentidos independentemente da vontade do "sujeito" do discurso.

2.1 O Primado do Interdiscurso

Para abordar o pensamento de Maingueneau com relação ao interdiscurso e nos posicionar tendo em vista o tipo de *corpus* que será analisado neste trabalho, é preciso considerar, além do seu conceito de interdiscurso, o seu pensamento concernente ao discurso e à formação discursiva. Isto é o que será feito a seguir.

Maingueneau (1984) diz que

Numa primeira aproximação, na perspectiva da 'escola francesa de análise do discurso' entenderemos por 'discurso' uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite defini-lo como um espaço de regularidades enunciativas (Int. p.1).

Nesta definição, podemos perceber que este conceito de discurso abrange textos variados, de diferentes gêneros (livros, revistas, jornais, sermões, panfletos,²⁹ piadas, etc.), cujos sentidos, historicamente constituídos, são produzidos de uma determinada posição enunciativa.

Assim sendo, um discurso racista pode estar produzindo seus efeitos de sentido tanto através de discurso religioso, quanto através de discurso político, discurso científico, através de piadas, etc. Isso quer dizer que um discurso pode estar presente simultaneamente em diversas formações discursivas.

De acordo com Pêcheux e Fuchs (1975), isso se deve ao fato de que "as formações ideológicas (...) 'comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harença, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura', isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico..." (p.166).

A formação discursiva é concebida, dessa maneira, como sendo um espaço relativamente autônomo, cuja relação com "outro" discurso é uma relação eventual. Por isso, não é especificado o papel que um "Outro" discurso, empírico ou virtual, exerce no processo de "fundação" de uma formação discursiva, ou de um determinado discurso.

Essa maneira de se posicionar com relação ao conceito de interdiscurso, como sendo uma exterioridade que "fala antes, em outro lugar, independentemente" (Courtine, 1981, cap. II, p. 3) é claramente a diferença entre Pêcheux e Maingueneau, pois, para este último, com quem nos identificamos teoricamente, não apenas o discurso, mas o *interdiscurso* é a "*unidade de análise pertinente*" (Maingueneau, 1984, Int. p.5).

Maingueneau (1997) também assume que a formação discursiva "define 'o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.)" (p.22), porém, para ele, a identidade de uma formação discursiva não é prévia.

nem necessariamente "fala antes, em outro lugar, independentemente", pelo contrário, essa identidade é resultante da relação que ela estabelece com as outras, pois esta relação é constitutiva. (Maingueneau, 1997, p.187).

Desse modo, considerando constitutiva a relação que uma formação discursiva estabelece com as outras é que Maingueneau (1984, cap.I, *passim*) defende o primado do interdiscurso sobre o discurso e "liga a questão da interdiscursividade com a gênese discursiva para mostrar que não existe discurso autofundado, de origem absoluta" (Brandão, 1998, p.77). Pelo contrário, os diversos discursos se "formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso", ou seja, um discurso está sempre, e desde o princípio, em relação com outro. (Maingueneau, 1984, Int. p.5).

Neste ponto, julgo conveniente marcar uma diferença entre o pensamento de Maingueneau e o de Courtine. Este (1981, cap. II *passim*), antes de Maingueneau,³⁰ já trabalhara a questão da identidade das formações discursivas e já defendera que a heterogeneidade é "elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam" (Brandão, 1998, p.72)³¹ e defendera também que o interdiscurso consiste em "um processo de *reconfiguração incessante* no qual o saber de uma FD é levado (...) a incorporar elementos pré-construídos produzidos em seu exterior... O interdiscurso de uma FD... regula o deslocamento das fronteiras" (Courtine, 1981, cap. III, p.1).

Em uma análise que Courtine (1981, cap.II) faz do discurso comunista dirigido aos cristãos, trabalha vários enunciados que mostram a interferência do discurso cristão no interior do discurso comunista, ou seja, a presença do interdiscurso no discurso. Para exemplificar, citarei a seguir alguns enunciados analisados por Courtine.

(1) Nossa política em relação aos cristãos não tem absolutamente nada de uma tática de circunstância, é um política de princípio...

(Georges MARCHAIS... 19 de novembro de 1970)

(4) Temos ouvido contra nós a crítica, talvez pouco original, de MANOBRAR, de EMPREGAR ARDIS, de agir com duplicidade.

(M. THOREZ, outubro de 1937)

²⁹ Há uma tese de doutorado de Maria Celeste S. S. Marques, defendida na UNICAMP, em 2001, aonde ela busca mostrar que o panfleto é um gênero e um lugar onde o sujeito 'trabalha'. Essa tese foi publicada: MARQUES, M. C. S. S. *Panfletos: uma leitura sob o olhar de Bakhtin e de De Certeau*. Porto Velho, Edufro. 2001.

³⁰ [Langages 62, junho, 1981, 'Analyse du discours politique'] *apud* Maingueneau. 1997, p.112.

³¹ [J-J. COURTINE, J-M. MARANDIN, *Quel objet pour l'analyse du discours?*. In *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille. 1981] *apud* H. BRANDÃO. Introd. à AD, p.72.

(5) *E se, hoje, confirmamos nossa posição de 1937, é que não se tratava, então, como alguns pretendem, de um ARDIL de uma TÁTICA OCASIONAL, mas de uma POSIÇÃO POLÍTICA perfeitamente de acordo com a nossa doutrina: o marxismo-leninismo.*

(W. ROCHET, 13 de dezembro de 1944)" (Courtine, 1981, cap. II, p.15s).

Observando o conceito de Courtine com relação ao interdiscurso, podemos perceber que Maingueneau retoma a reflexão de Courtine, mas ele avança e "adota uma posição mais radical ainda, ao proclamar o primado do interdiscurso sobre o discurso" (Brandão, 1998, p.72) e é essa posição que leva Maingueneau (1984) a afirmar que "a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos" (Int. p.5).

Para estabelecer o seu modelo de análise e explicar o seu conceito de interdiscurso, Maingueneau distingue: *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*.

2.2 Universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo

Maingueneau (1997) entende "por 'universo discursivo' o conjunto de formações discursivas de todos tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura" (p.116). Ele afirma que esse universo discursivo não é globalmente apreensível pelo analista e que esse conceito é utilizado apenas para expressar a finitude do conjunto das formações discursivas que interagem em uma conjuntura dada, ou seja, para estabelecer um parâmetro onde se englobe o conjunto dos discursos de todas as formações discursivas passíveis de serem colocados, de alguma maneira, em uma certa relação.

Na verdade, o universo discursivo é pouco útil para o trabalho do analista, pois não é operacional, servindo apenas para definir a "extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de serem estudados, os campos discursivos" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.2).

Entende-se por campo discursivo "um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.3). O sentido de concorrência aqui é amplo, ou seja, deve incluir tanto o confronto aberto (a polêmica, por exemplo), quanto a aliança, ou a posição aparentemente neutra. Maingueneau (1984) diz que essa concorrência se dá "entre os discursos

que possuem a mesma função social", porém se divergem a respeito do modo pelo qual essa referida função social deve ser preenchida (cap.I, p.3).

Para Maingueneau (1984), a delimitação dos 'campos' "é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas" uma vez que

Suspeita-se que a delimitação de tais campos não tem nada de evidente, que não basta percorrer a história das idéias para vê-las oferecer-se por si mesmas à captura do analista. Nesse nível, é forçoso fazer escolhas, enunciar hipóteses (cap.I, p.3).

No trabalho que Maingueneau desenvolveu em seu livro *A Gênese do Discurso*,³² ele isolou um campo devoto em vez de se prender diretamente em um campo 'religioso'. Ele diz que os "campos não coincidem com um recorte empírico em termos de autores" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.3). e isto, sabemos, em decorrência de um mesmo autor poder escrever, por exemplo, tanto sobre ciência quanto sobre religião. Assim, é "inevitável" observar possíveis interferências de um campo em outro.

Os dois discursos envolvidos nesta análise têm como o grande divisor de águas entre eles a questão da *origem da vida*.³³ Assunto que tem sido abordado no campo discursivo da Filosofia, da Biologia, da Paleontologia, da Geologia, da Química, da Física, da Religião, etc. como se viu no capítulo I.

É por ser assim tão vasto o campo discursivo, que Maingueneau (1984) diz que "esse recorte em 'campos' não define zonas insulares; é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas" (cap.I, p.3).

De acordo com Maingueneau (1984), os discursos são constituídos no interior de um campo discursivo, mas isso não significa que a constituição de todos os discursos desse referido campo ocorra da mesma forma; "uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e eles não se situam todos necessariamente no mesmo plano" (cap.I, p.3).

Caminhando na perspectiva de Maingueneau, gostaria de acrescentar que, além de os discursos dominantes e dominados não se situarem "*todos necessariamente no mesmo plano*", essa relação de dominância, eventualmente, alterna-se. Para exemplificar, consideraremos como

³² Nessa obra, Maingueneau retoma um trabalho que desenvolvera em *Sémantique de la Polémique*, em 1983.

³³ Os criacionistas alegam que, da mesma forma que é necessário ter fé para acreditar que a vida veio de Deus é necessário ter fé para acreditar na teoria da evolução, pois "no esquema biológico de Darwin (...) ao surgir pela primeira vez, a vida deve provir da matéria inanimada" (ROSE, *O Espectro de Darwin*, p.94).

essa alternância pode ser percebida na relação dos discursos que formam o *corpus* que será objeto de análise neste trabalho.

Até o advento do evolucionismo, o domínio do discurso religioso sobre o científico era notório, porém, principalmente, a partir dos escritos de Charles Darwin essa relação de dominância começa a se reverter. Esta reversão é tão nítida que o discurso científico, devido ao prestígio conquistado, passa a ser hegemônico nos meios acadêmicos e a impor seus sentidos, produzir suas evidências, passando, inclusive, a ser usado para "reforçar" alguns pensamentos dos discursos religiosos. Para exemplificar, citarei a seguir um comentário escrito a propósito do capítulo primeiro do Gênesis:

A idéia de que o capítulo pretende revelar a seqüência geral da criação naquilo que ela afetou esta terra baseia-se no caráter que transparece do escrito. Pode-se pensar, porém, que essa idéia é reforçada pelo notável grau de correspondência que se pode ver entre esta seqüência e a deduzida pela ciência atual (Kidner, 1985, p.52). (Grifo acrescentado).

Retomando o que dissemos anteriormente, quando "recortamos história", devido à influência da ciência, muitos teólogos começaram a interpretar o texto da criação, no Gênesis, não mais como narrativa literal, mas como texto figurado. Assim, "os dias" da criação passaram a ser interpretados como eras (Kidner, 1985, p.51ss) e, para dar sustentação bíblica a esta interpretação, esses teólogos começaram ler o texto do Gênesis à luz de versículos bíblicos que dizem que para Deus "*mil anos... são como o dia de ontem que se foi*" (Salmo 90, versículo IV) e "*um dia é como mil anos...*" (Segunda Epístola de Pedro, capítulo III, versículo VIII).

Como a consideração que está sendo feita neste momento tem a ver com a questão da hegemonia dos discursos, não poderia deixar de mencionar alguns indícios que sinalizam uma possível instabilidade da dominância atual do discurso científico evolucionista sobre o discurso criacionista. Percebemos esses possíveis indícios de instabilidade em três instâncias.

A primeira pode ser observada em resultados de estatísticas concernentes às pesquisas de opinião, como a relatada por Cláudio de Moura Castro (Revista *Veja*, 02.08.2000),³⁴ no seu artigo "O Frágil Império da Ciência", onde lemos que "*pesquisa de opinião recente demonstrou que 47% dos americanos acreditam que Deus criou os homens tais como são*". (Grifo acrescentado).

³⁴ Seção: Ponto de vista.

A segunda pode ser notada em artigos como o "*A religião nos limites da razão*", do filósofo José Maria Arruda,³⁵ onde ele fala sobre "*o retorno do sagrado*".

A terceira é a quantidade de livros que têm sido escritos sobre/em defesa do evolucionismo. Citaremos para exemplificar o livro "*A escalada do Monte Improvável*, uma defesa da teoria da evolução", de Richard Dawkins, publicado em 1998 pela Companhia das Letras, e o livro "*O Espectro de Darwin*", de Michael Rose, publicado em 2000, por Jorge Zahar Editor. Isso é característico na medida em que, observando o conjunto das circunstâncias, levamos em conta que sempre aumenta a preocupação em se "defender" quando se sente mais "ameaçado".

Nesta última obra, o autor se mostra incomodado com a postura "teológica" de "muitos físicos". Ele diz que muitos físicos contemporâneos persistem na linha de Newton e Einstein e referem-se a suas pesquisas como reveladoras de Deus e coisas similares. Em seguida, Rose (2000) acrescenta, com ironia, que "é um Deus que mal chega a ser vislumbrado, enquanto não se obtém um grau de doutor em Física" (p.238).

Há um trecho do livro de Rose que mostra indícios de que os biólogos evolucionistas neodarwinistas estão se sentindo de certa forma ameaçados pelo criacionismo, e, por isso, estão querendo "interferir" nos discursos de "muitos físicos", buscando, na verdade, aliados para os seus discursos. o que tem a ver com a questão da instabilidade da dominância discursiva no interior de um campo discursivo. Este trecho confirma também as palavras de Maingueneau (1984) quando diz que os "*campos não coincidem com um recorte empírico em termos de autores:... Antoine Arnauld é tanto autor das chamadas Grammaire e Logique de Port-Royal quanto de escritos religiosos*" (cap.I, p.3).

Rose (2000) é de opinião que

De modo geral, os cientistas naturais devem incentivar os físicos a abandonarem suas preciosas alusões a algum tipo de Deus transcendental, ou suas invocações dele, a menos que esses físicos específicos queiram agir com sinceridade e confessar que são teístas (p. 239).

Com essa citação, que caminha em direção semelhante à do exemplo supracitado por Maingueneau, podemos afirmar que, de acordo com as palavras de Rose, os físicos citados são, simultânea ou alternadamente, autores de textos de Física e também de "escritos religiosos".

³⁵ O autor é professor da Universidade Federal do Ceará e seu artigo está disponível na seção de notícias do BOL <<http://www.bol.com.br/noticias>>. Acesso em: 30.03.2002.

Certamente, podemos perceber também que Rose mostra ser, simultaneamente, autor de escritos de Biologia e, ao mesmo tempo, de escritos contra o criacionismo. Isto pode ser confirmado por suas palavras que antecedem a citação transcrita acima, pois ele, antes de falar da posição de "muitos físicos" teístas, escreve que "*Darwin solapou a criação divina como explicação do mundo biológico*" (Rose, 2000, p.238).

É por aspectos discursivos como esses que a delimitação em campos discursivos político, econômico, filosófico, religioso, científico, literário, gramatical, etc., como nos foi legado pela tradição, é imprecisa. Essa imprecisão, como podemos notar, deve-se ao fato de que esses domínios não têm contornos nítidos e há vezes em que é difícil estabelecer as fronteiras entre ciência, filosofia, religião, política, etc.

Neste momento, queremos ratificar as palavras de Maingueneau (1997) quando diz que

Certamente a tradição legou um certo número de etiquetas (campos discursivos religioso, político, literário, etc.), mas estas são grades extremamente grosseiras, de pouco interesse para a AD, que é obrigada a considerar múltiplos parâmetros para construir campos pertinentes (p.117).

Portanto, uma vez que um campo discursivo comporta diversas formações discursivas, e considerando também que não é possível determinar *a priori* os tipos de relações existentes entre essas formações discursivas, Maingueneau estabelece recortes e os nomeia de espaços discursivos.

Espaços discursivos são subconjuntos de, pelo menos, duas formações discursivas "cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.3).

Os espaços discursivos podem ser discernidos pelo analista como fruto de seu conhecimento de domínios como a história, a literatura, a ciência, a filosofia, a religião, etc., ou pode ser apreendido pelo próprio analista a partir de sua observação de algum indício percebido na materialidade discursiva de um dos discursos envolvidos. Neste caso, pode ocorrer que, com o resultado da análise de um determinado discurso, outros domínios, como o da história, por exemplo, recebam elucidações sobre alguns aspectos ou até alterem sua postura diante de algum acontecimento discursivo analisado.³⁶

³⁶ Maingueneau menciona que isso aconteceu com Michel de Guern, especialista em Pascal, com respeito à biografia de Pascal escrita por sua irmã Gilberte Périr. ((Maingueneau, 1984, cap.I, p.6, nota 16).

O espaço discursivo analisado por Maingueneau (1984) mostra a relação existente entre o humanismo devoto e o jansenismo. O autor afirma que esse espaço discursivo não era previamente dado, "resultou de uma escolha: mesmo se era dominante, o discurso humanista devoto não era o único através do qual o discurso jansenista teria podido constituir-se" (cap.I, p.3). Maingueneau (1984) diz que se apoiou na idéia defendida por "certos especialistas segundo a qual o jansenismo se explicaria essencialmente como uma 'reação' contra o humanismo devoto" (cap.I, p.4).

O espaço discursivo delimitado para operacionalizar a análise que procederemos mais adiante envolve, conforme já está dito, o discurso divulgação científica evolucionista neodarwinista e o discurso de divulgação criacionista conservador. Este espaço discursivo foi escolhido por nós em virtude de esses discursos serem protagonistas de uma polêmica que dura mais de um século e, no entanto, ainda tem sido assunto sempre presente nos noticiários e algumas vezes até nos tribunais. Aliás, é por estarem no mesmo espaço discursivo, sendo de formações discursivas oponentes, que sua relação é dessa natureza.

Em 1999, a editora da Unesp editou o livro (que citamos diversas vezes no capítulo anterior) de Hal Hellman, *Grandes Debates da Ciência*, que trata das "dez das maiores contendas de todos os tempos". Entre essas contendas figura a polêmica que envolve o criacionismo e o evolucionismo, sendo este o assunto do capítulo 5 (O buldogue de Darwin contra Sam "escorregadio").³⁷

Retomando o que já foi dito anteriormente sobre *o primado do interdiscurso*, caminhando na perspectiva de Maingueneau, assumo que embora a relação entre esses discursos seja de polêmica explícita, "pode-se muito bem conceber que a relação constitutiva é acompanhada (marcada) apenas por poucos índices na superfície discursiva" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.4), embora, **em todo o tempo, um discurso esteja posicionando-se em relação ao seu outro**, isso porque o interdiscurso, que era visto como o "exterior" do discurso na primeira época da Análise do Discurso, é, na verdade, inscrito "no próprio coração do intradiscurso" (*loc. cit.*), ou seja, um discurso encontra-se, sempre, no interior do seu Outro.

³⁷ páginas 111-139.

2.3 O Outro no mesmo.

Esse reconhecimento do primado do interdiscurso impele à construção de "um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu o Outro. (Maingueneau, 1984, cap.I, p.4).

Assim, vendo o Outro dessa forma, independentemente de haver heterogeneidade mostrada ou não, um discurso está sempre demarcando a sua posição, e a posição antagônica, pelo que **afirma**, pelo que **nega** e também pelo que **exclui** do seu dizer. (*ibidem*, p.5).

Desenvolveremos, brevemente, nos próximos parágrafos, a partir do que pude apreender da reflexão de Maingueneau, essas formas utilizadas pelos discursos para "demarcarem" seus posicionamentos.

Pelo que afirma, de acordo com a delimitação feita por sua formação discursiva, um discurso demarca a sua posição e a posição que lhe é antagônica. A respeito de si mesmo, o discurso, geralmente, mostra, como veremos a seguir, nos exemplos extraídos do trabalho de Courtine, o aspecto positivo de sua posição e, ao mesmo tempo, procura atribuir ao discurso antagônico aquilo que julga negativo.

Para ilustrar, retomo alguns dos exemplos considerados por Courtine que, ainda que trabalhe em uma perspectiva diferente da adotada por Maingueneau, também mostra, através da análise de vários enunciados do seu *corpus*,³⁸ diversas formas de um discurso se posicionar em relação ao seu antagonista. Exemplos:³⁹ A) "*é a CLASSE OPERÁRIA que assegura a produção dos bens materiais*"; B) "*é a CLASSE OPERÁRIA que sofre mais diretamente a exploração*"; C) "*é dos comunistas que vem a violência*" (texto da Igreja). (Courtine, 1981, cap. V, p.11).

Outrossim, um discurso, por aquilo que nega, também de acordo com o que é regulado por sua formação discursiva, julgando que pertença ao domínio do seu Outro, ou por julgar que convém, por alguma razão, atribuir ao discurso antagônico, demarca a sua posição e a posição de seu Outro. Tomamos aqui mais um exemplo extraído de Courtine (1981, cap. V, p.11): "*A violência, não é de nós que ela vem*".

³⁸ Estes aspectos são amplamente discutidos por J.J. COURTINE no capítulo V: "Elementos de definição da noção de 'tema de discurso', in: *Alguns Problemas Teóricos e Metodológicos em Análise do Discurso, a Propósito do Discurso Comunista Dirigido aos Cristãos*. Trad. Possenti, p.15s.

³⁹ Courtine extraiu os exemplos A e B do Discurso Comunista e o exemplo C do Discurso Cristão.

É importante lembrar aqui que Courtine (1981) trabalha limitando-se ao que o Outro diz efetivamente, mas considerando também o aspecto dialógico segundo o qual afirmar uma coisa é negar o seu contrário (cap. V, p.5). Ele desenvolve a sua análise considerando sempre o Outro através de marcas de alteridade, ou seja, não com regras que podem projetar o domínio pertencente ao Outro, empírico ou virtual, que é a perspectiva de Maingueneau.

Este, por sua vez, espera "ir além da distinção entre heterogeneidade 'mostrada' e heterogeneidade 'constitutiva'" e procura trabalhar "independentemente de qualquer forma de alteridade marcada" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5). Para Maingueneau (*loc. cit.*), não há que "limitar a orientação 'dialógica' apenas aos enunciados portadores de citações, de alusões, etc...., já que o Outro no espaço discursivo não é jamais redutível a uma figura de interlocutor".

Desta forma, um discurso procura, sempre, excluir do seu dizer tudo o que, de acordo com a delimitação da sua formação discursiva, não pertence à "zona do seu dizível legítimo" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5), ou seja, aquilo que é, ou pode ser, atribuído à zona do interdito, do não dizível, que "pertence" ao "conjunto dos enunciados que devem ficar ausentes" (Brandão, 1998, p.75) do seu discurso. Assim, o que é *dito* no discurso primeiro é *interdito* no discurso do Outro, pois o discurso sempre define "*um território como sendo o de seu Outro, daquilo que mais qualquer coisa, não pode ser dito*" e assim, sempre delimitado pela formação discursiva, não é necessário "*dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse Outro*", pois, pela maneira como constitui o seu dizer, já procura excluir o dizer antagônico, deixando na sombra, sem dizer, aquilo que, por alguma razão, não deve ou "*não pode ser dito*" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5).

Isso quer dizer que a oposição pode ser formulada ou de forma afirmativa, ou através de negação explícita do Outro, ou pode ser relativamente velada, dissimulada, ou, eventualmente, até mesmo negada, como acontece, por exemplo, em discurso que, embora racista, o negue ser: "nós não somos racistas, mas negro (ou índio, ou português, ou judeu, etc.) é...".

*Assim o Outro não deve ser pensado como uma espécie de 'envelope' do discurso, ele mesmo considerado como o envelope de citações tomadas em seu fechamento. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior: não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. **Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado por relação a si próprio.** que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma.* (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5). (Grifo acrescentado)

Prosseguindo nessa perspectiva de Maingueneau, é possível ao analista, ao estudar um discurso, chegar ao Outro de seu espaço discursivo, quer ele exista historicamente, quer ele exista "virtualmente", como uma "projeção" desse discurso primeiro.⁴⁰ Para isso, deve-se considerar que "são as articulações fundamentais de uma formação discursiva que se encontram presas nesse dialogismo" e, por isso, todos os enunciados que se desenvolvem através dessas articulações são inscritos nessa relação. (Maingueneau, 1984, cap.I, p.5). É, pois, firmado nisso que Maingueneau (*loc. cit.*) pode asseverar que **"todo o enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo"**. (Grifo acrescentado).

Considerando-se essas assertivas, pode-se chegar a estabelecer que esses enunciados têm dois lados indissociáveis, um "direito", relacionado a sua própria formação discursiva, e um "avesso", que deve ser decifrado pelo analista, pois neste "avesso" subjaz uma rejeição ao discurso do seu Outro (Maingueneau, 1984, cap.I, p.6), ou seja, nesse "avesso" há uma "face oculta em que se mascara a rejeição do discurso de seu Outro" (Brandão, 1998, p.75).

Uma vez que neste trabalho temos nos ancorado no modelo de análise desenvolvido por Maingueneau, cumpre-nos observar que o Outro que tem sido considerado pelo autor que temos seguido aqui não é o Outro da psicanálise lacaniana, que "não se deixa perceber senão pelas interferências, as lacunas, os deslizamentos... que ele introduz na cadeia significante" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.6), mas é o Outro que ocupa o seu lugar em uma disputa constante no interior de um espaço discursivo e "representa a intervenção de um conjunto textual historicamente definível" (*loc. cit.*).

Também, observamos que esse Outro ao qual estamos sempre nos reportando pode ser derivável de um ou de vários discursos prévios de um determinado campo (Maingueneau, 1984, cap.I, p.8), pois tanto de um discurso prévio pode derivar vários outros, como de vários discursos prévios pode derivar um Outro. Isto é possível em virtude de não haver "uma lei estável, dialética, ou outra" (*loc. cit.*).

Veremos, a seguir, na perspectiva teórica de Maingueneau, o modo como um discurso, em relação de polêmica, relaciona-se com o seu Outro.

⁴⁰ Maingueneau entende por discurso primeiro aquele ou aqueles através do(s) qual(is) o discurso segundo se constitui. (1984. Cap. I, p.4. Nota 12).

3. INTERINCOMPREENSÃO E POLÊMICA

Os "recortes históricos" que constam neste trabalho mostram que existe uma relação historicamente constituída entre os discursos que são objeto de nossa análise. Essa relação é apreensível tanto pelo viés histórico, conforme já vimos, quanto pelo viés lingüístico/discursivo, como veremos na segunda parte deste trabalho.

O modelo de análise proposto por Maingueneau (1984), cujos pontos fundamentais temos procurado expor e nos quais fazemos nossa ancoragem teórica, considera que o espaço discursivo, que é "rede de interação semântica", "define um processo de *interincompreensão* generalizada, condição mesma de diversas posições enunciativas" (*ibidem*, cap.IV, p.1).

Dessa forma, um discurso, em relação de antagonismo, além de produzir enunciações "em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva", indissociavelmente, como a outra faceta "do mesmo fenômeno", só compreende o Outro a partir do horizonte próprio de sua formação discursiva, isto é, um discurso *não compreende* "o sentido dos enunciados do Outro" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.1), pois os interpreta traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema" (*loc. cit.*).

Assim, a interincompreensão não se dá no mesmo nível das diversas formas de mal-entendido, mas é uma forma específica de uma formação discursiva não compreender a Outra, pois, para Maingueneau (1997), além de a relação entre um discurso e seu Outro ser constitutiva, é constitutivo também esse processo de *interincompreensão* generalizada, "que determina que se *deve* falar e *não se deve* compreender" (p.121).

Segundo ele, a interação entre dois discursos que se encontram "em posição de delimitação recíproca pode ser compreendida como um processo de 'tradução' generalizada, ligada a...

'*interincompreensão*'" (Maingueneau, 1997, p.120). Esse conceito de "tradução" não se refere a tradução de um idioma para um outro qualquer, mas concerne às "regras de passagem de uma interpretação a uma outra, sem tocar na estabilidade do significante lingüístico" (*Idem*, 1984, cap.IV, p.1).

A delimitação recíproca supracitada é observável a partir do que Maingueneau (*loc. cit.*) denomina de "grade semântica": "cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos sobre dois registros, de uma parte os semas 'positivos', reivindicados, de outra parte os semas 'negativos', rejeitados."

Um discurso, para se constituir e preservar sua identidade no interior de um espaço discursivo, "não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.1). A construção desse simulacro se fundamenta nas regras do processo de interincompreensão e se dá mediante a atividade de tradução.

O processo de tradução é mútuo, cada protagonista do espaço discursivo ocupa tanto o papel de discurso-agente, quanto o de discurso-paciente. O primeiro é aquele que ocupa, e enquanto ocupa, a posição de tradutor e o segundo, o discurso-paciente, é aquele que está sendo "traduzido". Cada discurso, ao ocupar a posição de tradutor, constrói o simulacro do seu Outro operando sempre em seu próprio proveito.

O processo de mútua tradução se constitui porque no discurso, como no interior da língua, existem zonas de interincompreensão, devido à instabilidade dos sentidos construídos "no intervalo entre as posições enunciativas" (Maingueneau, 1997, 120).

São essas traduções que, em "linguagem comum lembram precisamente certos 'diálogos de surdos' entre protagonistas que, no interior do mesmo idioma, 'não falam a mesma língua'" (Maingueneau, 1997, 120). É isso que permite, a propósito de um mesmo enunciado, a passagem de uma "interpretação" a uma outra.

Para ilustrar o que tem sido aqui considerado como tradução, tomamos alguns exemplos trabalhados por Maingueneau em sua análise da relação entre o discurso do humanismo devoto e o jansenismo.

Estando em posição de discurso-agente, o humanista devoto traduz os termos utilizados pelos jansenistas da seguinte forma: "consistência em dureza, verticalidade em tirania.... (e assim por diante)" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.4). Por sua vez, o jansenista em posição de

“enunciador-agente” analisa a “moderação” como “fraqueza mascarada”, a “abundância como uma pluralidade, etc.” (*loc. cit.*).

Maingueneau distingue duas estratégias utilizadas na polêmica entre os humanistas devotos e os jansenistas: uma é a *integração* e a outra, a *exclusão*. A integração “consiste em criticar não a semântica do discurso adversário, mas sua pretensão ao monopólio” e a exclusão é “a rejeição do universo semântico adversário, como incompatível com a verdade” (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.6). Essas estratégias se devem ao fato de que cada “formação discursiva não define somente um universo de sentido próprio, *ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos*” (*loc. cit.*).

O discurso jansenista, por ter a pretensão do monopólio enunciativo, tem atitude de exclusão, enquanto o humanista devoto oscila entre a estratégia da integração (pois reconhece parte do discurso jansenista como legítima) e da exclusão (pois considera inadequada a interpretação que o adversário faz de alguns textos âncoras).

Para Maingueneau (1984), há discursos “cuja semântica exige crucialmente a pluralidade dos discursos”, e outros funcionam porque reivindicam “o monopólio da legitimidade” (cap.IV, p.6).

Para corroborar os conceitos de interincompreensão e de tradução, desenvolvidos por Maingueneau, e confirmar que a propósito de um mesmo objeto a “compreensão” será diferente dependendo da posição discursiva ocupada pelo intérprete, vamos observar um texto concernente à relação existente entre duas teorias arqueológicas divergentes sobre a presença do homem na América do Sul, uma defende a tese que “o homem já habitava o Piauí há 50 mil anos” e a outra defende a tese de que “os homens teriam chegado à América do Sul há 12 mil anos”.

Esta inserção aqui é simplesmente ilustrativa e tem como único objetivo clarear um pouco mais o que temos dito, mas não se refere à polêmica entre o neodarwinismo e o criacionismo conservador, que analisaremos na segunda parte deste trabalho.

Transcreveremos, a seguir, alguns recortes de duas entrevistas, concedidas à “Folha de S. Paulo”, editada em 11.04.93.

(Primeira entrevista: “**Teoria tradicional é falha, diz Guidon**”)⁴¹

A arqueóloga franco-brasileira Niede Guidon é a descobridora dos carvões e pedras que sustentam a tese de que o homem já habitava o Piauí há 50 mil anos. (...) Ela

⁴¹ Os grifos constantes nas duas entrevistas foram acrescentados.

acusa os cientistas que não concordam com suas interpretações de material do sítio da Pedra Furada de fazer um pré-julgamento e serem anticientíficos. (...)

Folha - O que mostra a tese?

Guidon - Existe uma teoria antiga, dos anos 50, de que os homens teriam chegado à América do Sul há 12 mil anos. Mas essa teoria não tem nenhuma base científica. (...)

Folha - Por que há tanta polêmica?

Guidon - Não sei por que, mas a questão da ocupação da América virou uma coisa extremamente passional. Na realidade, não há um comportamento científico. Há pessoas que dizem: "eu acredito nessa teoria e não quero que ela mude". (...)

Folha - Se as provas são tão evidentes, por que a polêmica não acaba?

Guidon - Se as pessoas viessem ver o sítio em vez de ficar falando seria mais fácil para elas se convencerem. (...)

(Segunda entrevista: "Sítios antigos são duvidosos")

O arqueólogo francês André Prous disse que não cabe aos cientistas que duvidam da interpretação do material escavado no sítio arqueológico da Pedra Furada provar que essa interpretação está errada. O ônus da prova cabe a quem está propondo um conhecimento novo. "Niede está querendo inverter a ordem das coisas."

Prous contesta que a teoria tradicional não tenha base científica. Segundo ele, os sítios com menos de 12 mil anos de idade são inequívocos e existem em grande número. Os sítios mais antigos, ao contrário, são "duvidosos" e bem mais raros. (...)

O arqueólogo francês repetiu que não vê muita utilidade em fazer uma visita ao sítio arqueológico da Pedra Furada.

Esses dois textos nos ajudam a perceber como os discursos envolvidos em uma relação de polêmica se materializam. No primeiro texto, Guidon "ataca" tanto os cientistas que não concordam com a sua teoria, quanto à teoria que os mesmos defendem. Ela afirma que os cientistas que não concordam com a sua teoria fazem "pré-julgamento" e são "anticientíficos. Quanto à teoria antagônica, além de não ter "nenhuma" base científica, "virou uma coisa extremamente passional", e a filiação a ela se deve à crença e a outros interesses: "eu acredito nessa teoria e não quero que ela mude".

Podemos ver que, para Guidon, o seu discurso é a verbalização dos fatos e, sendo assim, para a polêmica ter fim, uma visita dos seus rivais ao sítio arqueológico aonde ela trabalha seria muito importante para eles "se convencerem".

Um dos simulacros do discurso do Outro é construído por Guidon através de uma "citação" das palavras "ditas" pelos antagonistas: *"Há pessoas que dizem: eu acredito nessa teoria e não quero que ela mude"*.

De acordo com Maingueneau (1984), uma vez que um sentido não pode manter-se estável quando é tirado de um discurso e passado para outro, a citação, na polêmica "exerce um papel absolutamente crucial", pois, parecendo trazer o Outro para o interior do discurso, introduz apenas o simulacro do seu Outro "pelo próprio gesto que parece introduzir a realidade do corpo estranho" (cap.IV, p.7).⁴²

Do outro lado, ocupando a posição mais cômoda, a do discurso hegemônico, o arqueólogo André Prous, após *defender* a teoria a qual está filiado dizendo que "os sítios com menos de 12 mil anos de idade são inequívocos e existem em grande número", também *ataca* a teoria rival dizendo que os sítios mais antigos são "duvidosos" e "bem mais raros".

As duas posições são divergentes também quanto à importância de ver o local. Enquanto Guidon afirma que se os adversários de sua teoria visitassem o sítio "em vez de ficar falando seria mais fácil para elas se convencerem", Prous afirma que "não vê muita utilidade em fazer uma visita ao sítio arqueológico da Pedra Furada".

Esses dois exemplos que citamos apresentam marcas visíveis (citações e refutações) da presença do Outro no interior de cada discurso, ou seja, ambos são casos em que a polêmica, "interpelação do adversário numa troca regrada" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.7), traz marcas de heterogeneidade, ultrapassando, assim, o "nível dialógico, o da interação constitutiva" (*loc. cit.*).

De acordo com Maingueneau (1984), a lista dos assuntos efetivamente debatidos em uma polêmica, é muito limitada, pois a controvérsia sempre gira em torno de poucos pontos, o que facilita para o analista descobrir os *pontos chave* (cap.IV, p.7).

Em uma relação de controvérsia, cada discurso procura responder aos golpes que recebe e, simultaneamente, golpear o adversário. Os golpes entendidos como os mais ameaçadores, aqueles que recaem sobre algum ponto chave, são os que preferencialmente são respondidos (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.8). Quanto aos pontos de ataque, são também escolhidos de acordo com o sistema de restrições de cada discurso, visando sempre um ponto chave e procurando, sobretudo, ressaltar erros do adversário. "Polemizar é sobretudo apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que é autoridade (que não se discute)" (*ibidem*, p.9).

⁴² Maingueneau, A polêmica como interincompreensão, p. 7.

Diferentemente do que parece à primeira vista, na polêmica, mais importante do que a divergência é a convergência, o 'conjunto ideológico comum'.⁴³ Ou seja, existe uma convicção de que há um código que transcende os discursos envolvidos e que, sendo uma instância que não está nem de um lado e nem de outro, tem condições de arbitrar de forma neutra. É uma “ficção que sustenta a polêmica sem poder pôr nela um termo” (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10).

Quando as condições históricas mudam, o discurso é abandonado: “alguma coisa abalou tudo o que o sustentava silenciosamente e a crença se transferiu para outros lugares” (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.12).

Na perspectiva de Maingueneau (1984), um discurso não pode convencer o outro. Quando se polemiza é para convencer a si mesmo (a polêmica é consigo mesmo) e, principalmente, dar corpo ao seu discurso. Isto não quer dizer que a polêmica não é importante, pelo contrário, “o discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa à interdiscursividade para constituir-se” (cap.IV, p.14).

A seguir, ancorados nos fundamentos teóricos até aqui considerados e lançando mão de outros conceitos da análise do discurso, passaremos a analisar o *corpus* previamente anunciado.

⁴³ (J. Dubois e J. Sumpf. *Linguistique et révolution*, in Communications no. 12, 1868, p.151) *apud*: Maingueneau, 1984, cap. IV, p. 9.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Conforme já dissemos, o *corpus* deste trabalho é constituído de textos de divulgação científica. Assim, antes de procedermos à análise propriamente dita, posicionar-nos-emos com relação à concepção de divulgação científica adotada neste trabalho.

Divulgação científica, aqui, refere-se a todas as "formulações discursivas" que, destinadas aos leitores em geral e circulando através de meios não especializados, são ancoradas em saber científico e, a pretexto de propagar ciência, transmitem conhecimentos científicos, ou melhor, "saberes informacionais" (Moirand, 2000, p.17,22) que, encenando uma relação intrínseca com a ciência,⁴⁴ produzem efeitos de cientificidade e difundem "modos de relações com o saber" (Moirand, *op. cit.* p.22).

Portanto, o tipo de divulgação considerado neste trabalho é atinente aos acontecimentos discursivos que se realizam fora dos círculos "herméticos" dos cientistas e que, neste caso, têm sido chamados, por alguns autores, de discursos de "disseminação intrapares ou extrapares" [Bueno, 1984],⁴⁵ conforme o caso, e, por outros, de discursos científicos "primários ou fontes" (Coracini, 1991, p.57).⁴⁶

Neste ponto, passaremos a proceder à análise do *corpus*, isto é, seguindo as pistas deixadas na materialidade lingüística, selecionaremos seqüências discursivas relevantes para a nossa análise e estudaremos o *funcionamento discursivo da relação de polêmica que envolve o espaço discursivo delimitado*, ou seja, o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista

⁴⁴ ORLANDI (2001) retoma o conceito de *encenação* trabalhado por Maingueneau e mostra que o discurso da divulgação científica encena uma "relação intrínseca com o discurso (de origem?) científico". (p.26).

⁴⁵ *Apud* ZAMBONI. 1997. p.72.

(discurso de referência) e o discurso criacionista conservador. Essas seqüências discursivas são "recortes" "extraídos" das fontes mencionadas, pois não procederemos a uma análise extensiva de toda a materialidade discursiva, mas retomaremos apenas os dados relevantes para nossos objetivos analíticos. Assim, o *corpus* será constituído por conjuntos de seqüências procedentes de vários pontos do universo escolhido e essas seqüências serão agrupadas de acordo com pontos comuns que serão considerados nas diversas etapas da análise.

Trabalharemos com as marcas lingüísticas presentes na materialidade discursiva, mas não consideramos que o discurso seja transparente (e sim que tem um funcionamento) e não pensamos que o sentido é estável na língua (e sim que é efeito de sentido produzido no acontecimento discursivo).

Para dar consistência à nossa análise, estaremos considerando as condições de produção dos discursos e estudaremos os mecanismos discursivos presentes na produção dos sentidos, historicamente constituídos, independentemente da intenção do "sujeito" do discurso, como já foi dito.

Iniciaremos a análise do *corpus* procurando observar a sua estrutura semântica e, a partir da base semântica, analisaremos a relação existente entre os discursos que formam espaço discursivo que temos considerado.

Agruparemos algumas seqüências discursivas que materializam a semântica específica do neodarwinismo. A partir disso, pretendemos, simultaneamente, observar aquilo que o discurso agente assume, aquilo que nega, aquilo que ele "reivindica" para si, aquilo que atribui ao discurso contrário.

Com isso, além de analisarmos a relação entre os discursos em epígrafe, verificaremos também, através das seqüências discursivas analisadas, a "importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário" (Maingueneau, 1997, p.155).

Extrairemos essas seqüências de um texto publicado na revista *Veja* de 02.06.93. Esse é o primeiro texto do *corpus*, considerando a ordem cronológica, e serve de referência para a construção da análise.

A escolha desse texto específico não foi motivada por qualquer questão inerente ao "conteúdo", uma vez que aceitamos o pressuposto de Maingueneau (1984) de que a base

⁴⁶ Sophie MOIRAND (2000) refere-se a esses discursos como "ditos primários ou fontes". p.10, nota 2.

semântica específica de uma formação discursiva é materializada, de forma geral, em qualquer discurso por ela produzido, pois, como foi definido no início deste trabalho, o discurso é "um espaço de regularidades enunciativas" (Int. p.1).

Cada seqüência discursiva, cujos termos-chave serão sublinhados, aparecerá na mesma ordem em que ocorre no texto de origem e será precedida por um número e pela letra E, para indicar pertencer à formação discursiva evolucionista.

Tais símbolos (números e letras) servirão como índice de identificação semântica, no quadro de relações semânticas a seguir, pois indicarão em qual discurso se enquadra, a que tema se refere e qual é a semântica do discurso concorrente.

Título: "O farol da evolução". (Revista *VEJA*, 02.06.93, p.80,1).

- 1E. "Célula... sem ter sido projetada por uma inteligência superior."
- 2E. "Para fabricar um relógio é preciso um relojoeiro, mas para fabricar um relojoeiro não é necessário um criador."
- 2E. "Tirando Deus da Natureza..."
- 2E. "Tirou Deus do homem, colocando o anjo decaído na mesma linha de produção natural que fabrica macacos, ostras..."
- 3E. "Se essa estrada leva a algum ponto só as gerações futuras poderão dizer."
- 4E. "Seres vivos... descendem de uma única forma primordial de vida."
- 4E. "Essas linhagens têm a certa altura do passado ancestrais comuns..."
- 4E. "Tirou Deus do homem, colocando o anjo decaído na mesma linha de produção natural que fabrica macacos, ostras..."
- 4E. "Homens e macacos tiveram um ancestral comum..."
- 5E. "O farol da evolução."
- 5E. "A evolução dotou o organismo humano de estratégias de defesa..."
- 6E. "Todos os seres vivos... são produtos das eras..."
- 6E. "Fóssil... há 150 milhões de anos num bloco de uma argila..."

Observando a semântica de base do discurso evolucionista, organizada nesse primeiro agrupamento de seqüências discursivas, e que, por conseguinte, não faz parte da semântica de base do criacionismo, antes tem nele um correspondente oposto, podemos construir um quadro de referência que, de um lado, apresenta a grade semântica evolucionista e, do outro, apresenta cada correspondente oposto, criacionista.

Podemos verificar, analisando a semântica de base das seqüências acima, que a grade semântica evolucionista pode ser composta dos seguintes semas ou de outros discursivamente

equivalentes⁴⁷ a eles: acaso, natureza, acidente/viver-por-viver, homem-animal-comum/primatas, evolução, eras/milhões-de-anos.

A partir da semântica de base do evolucionismo, considerando a natureza dialógica do discurso, de acordo com o que vimos, e ancorando-nos no princípio dialético de que, ao *afirmarmos alguma coisa, negamos o seu contrário*, podemos construir o seu correspondente antagônico, que é formado a partir das seguintes unidades lexicais: projeto, Deus, propósito/teleologia, Homem-Ser-especial/Adão, criação, dias-da-criação.

Para visualizarmos melhor a oposição semântica peculiar aos protagonistas de nossa análise, mostraremos o seguinte quadro de relações semânticas aonde, **de um lado é apresentado aquilo que o criacionismo conservador afirma (e, por conseguinte, o neodarwinismo nega) e de outro lado é apresentado aquilo que o neodarwinismo afirma (e, conseqüentemente, o criacionismo conservador nega).**

4.1 Quadro de Relações Semânticas

CRIACIONISMO (C) ⁴⁸	EVOLUCIONISMO (E)
1C. Projeto/Plano	1E. Acaso
2C. Criador/Deus	2E. Natureza
3C. Propósito/Teleologia	3E. Acidente/ Viver-por-viver
4C. Homem-Ser-especial/Adão	4E. Homem-animal-comum/primata
5C. Criação	5E. Evolução
6C. Dias-da-criação	6E. Eras/milhões/bilhões-de-anos

⁴⁷ Convém notar que não é equivalência na língua, no dicionário, mas como diz Maingueneau, (1997) "é preciso referir-se ao seu valor no discurso" (p. 150).

⁴⁸ Dentre outras obras, os enunciados básicos do criacionismo podem ser encontrados em LIMA, 1993, p.23ss. MORRIS, 1979, *passim* e em ANKERBERG & WELDON, 1995, p.14s.

Após o levantamento da semântica de base materializada no primeiro texto trabalhado, percorremos os demais textos que circularam através da revista *Veja*, na última década, e outros periódicos, e verificamos que não foram necessários novos traços para caracterizar a semântica de base desses discursos.

Isso confirma que o discurso está em cada fragmento e que "em cada uma de suas enunciações, por ínfimo que pudesse ser seu objeto, o discurso investe tudo..." (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.8), pois "toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade" (*Idem*, 1997, p.120).

No entanto, acrescentamos duas seqüências discursivas que, de acordo com o nosso parecer, podem evidenciar melhor a base semântica que temos proposto:

3E. A idéia de 'propósito da vida' perde sentido com o darwinismo... a função de todas as funções é levar à reprodução. É fazer com que o pássaro transmita para gerações futuras os genes que o 'construíram'. A utilidade dos organismos é, assim, muito estreita: maximizar a sobrevivência de genes" (Richard Dawkins). (Revista Veja, 17.06.1998, p.148).⁴⁹

4E. O papel desempenhado pela espécie humana é tão fortuito quanto o dos bem-te-vis, das baleias ou dos jacarés" (Revista Veja, 28.09.94, p.92).⁵⁰

Ancorando-se nas unidades lexicais do quadro de relação semântica que construímos na página anterior, o criacionismo conservador, como vimos na primeira parte deste trabalho, afirma que o mundo é obra de Deus, que criou todas as coisas, especialmente o Homem (Adão e Eva) - a sua imagem e semelhança -, no decorrer de uma semana, para que o ser humano vivesse para adorar a Deus e para dominar a natureza, usufruindo, assim, da obra da criação. Outrossim, há coisas que o homem não consegue discernir e deve aceitá-las pela fé na revelação da Bíblia ou, então, entendê-las como mistério de Deus.

Da mesma forma, expandindo suas unidades lexicais, o evolucionismo neodarwinista **afirma** que o que existe tem sua origem na própria natureza, **negando** assim que há um criador; **afirma** também que a evolução se deve ao acaso, **nega** a existência de projeto prévio; **afirma** a contingência (acidente) da vida, que todos os seres vivos vivem por viver, **nega** a existência de propósito divino, de teleologia, de objetivo final; **afirma** que o Homem evoluiu a partir de

⁴⁹ Título: "O Apóstolo de Darwin".

⁵⁰ Título: "Uma Nova Luz na Viagem do Homem".

ancestrais primatas, **nega** a existência de Adão; **afirma** que o ser humano é um animal como os outros, **nega** que o homem é um ser mais digno que caminha para chegar a um momento "alto" **afirma** a evolução, **nega** a criação; **afirma** que a evolução transcorreu em milhões ou bilhões de anos, **nega** a "semana da criação". Ademais, **afirma** que todas as coisas devem ser entendidas de acordo com as explicações dos cientistas, **não** se deve recorrer à fé, à Bíblia ou a Deus.

Procedendo à análise das unidades lexicais consideradas, verificamos que o principal foco da guerra entre esses discursos está na questão representada pelo item lexical "acaso" e seu corresponde oposto "projeto". Isso porque admitir que há "projeto" acarreta admitir que há projetista e, se há projetista e projeto, há também propósito, pois uma coisa pressupõe a outra.

Assim, a um só tempo, quando o evolucionismo constrói o seu discurso em torno da casualidade do processo evolutivo, ele está negando a existência de projeto, de projetista e de propósito.

Convém ressaltarmos que **a enunciação ancorada no "acaso" não implica, necessariamente, que esse termo, ou quaisquer outros que produzam sentidos equivalentes a ele, seja encontrado na materialidade discursiva produzida pela formação discursiva evolucionista. Significa, sim, que mesmo quando ele não se materializa, o acaso é o sema básico que, de forma privilegiada, "canaliza" os sentidos produzidos pelos discursos neodarwinistas.**

Salientamos também que a posição singular ocupada pelas unidades lexicais (ou outras discursivamente equivalentes a elas) que compõem o quadro que elaboramos não implica, necessariamente, que elas não aparecerão no discurso antagônico. Elas podem aparecer, e aparecem, porém com sentidos diversos, ou seja, de acordo com o sentido construído em cada formação discursiva.

Para exemplificar o que acabamos de afirmar, vamos observar uma sequência discursiva que aparece em uma entrevista concedida por François Jacob a Eliane Azevedo (revista *Veja*, 1^o de março de 1995, p.7-9.).⁵¹

A posição discursiva do entrevistado torna-se perceptível já no título da entrevista: "Foi tudo sorte" e pode ser confirmada no enunciado que é colocado logo abaixo do título, centralizado na página, escrito em letras que, embora menores do que as letras do título, têm mais

⁵¹ Título: "Foi tudo sorte".

do que o dobro do tamanho das letras do corpo do texto: "*biólogo francês ganhador do Prêmio Nobel diz que a vida na Terra depende unicamente do acaso e que a noção de um criador só atrapalha a ciência*".

Todavia, no decorrer da entrevista, após aparecerem construções como: "'*não existe criador nenhum nessa história*', garante. '*A vida é fruto de uma grande coincidência...*', Jacob afirma:

O nosso cérebro, que é produto da evolução, parece não ter sido feito para entender os mecanismo da evolução. É o eterno dilema da criatura tentando desvendar o criador. Temos uma grande dificuldade em compreender tudo o que contraria nossa intuição e nossos padrões de raciocínio. (Grifo acrescentado).

A construção "cérebro... sido feito para", dita por um evolucionista como o biólogo François Jacob, poderia ser considerada por um criacionista conservador como uma "contradição" discursiva ou como evidência de recalque.

A explicação pela "contradição" poderia ter o seguinte teor: dizer que o cérebro é "feito" acarreta em dizer que há um agente que é capaz de "fazer" cérebro e essa posição é ocupada por Deus no criacionismo e, portanto, deveria ser negada, ao invés de ser "evocada" de forma inesperada no interior do discurso evolucionista.

Além disso, o conectivo "*para*" pode indicar, aqui, objetivo (intuito. fim) e objetivo pressupõe um ser que tem a faculdade de traçar planos, projetar, e este é também o papel, no discurso criacionista, atribuído a Deus. Assim, no discurso evolucionista, essa é também uma posição que não pode ser ocupada, antes necessitaria ser negada, pois a evolução não tem a faculdade de traçar planos, projetar, pois é um fenômeno "cego", irracional, casual.

Construindo uma explicação pelo viés da psicanálise, o criacionismo poderia ver na construção supracitada indícios de que, no fundo, embora Jacob tente recalcar sua religiosidade, vivenciada, aliás, até a idade de 12 anos, pois era um judeu que ia à sinagoga, ela aflora e "revela" o que está impregnado em seus conceitos, ou seja, embora ele queira se fazer passar por um evolucionista, no fundo ele é um criacionista que não quer assumir a sua posição.

Contudo, na perspectiva teórica que seguimos, a expressão destacada acima ("sido feito para"), embora seja idêntica à que é cara ao discurso do criacionismo conservador, que, ancorando-se em textos bíblicos, sempre vê a criação divina permeada de objetivos, **é uma construção cujo sentido produzido no discurso deve ser entendido no âmbito da semântica de base da formação discursiva neodarwinista representada na fala do "sujeito" do discurso.**

Assim, fazendo ancoragem na semântica de base do discurso "de Jacob", entendemos que, tanto "sido feito" quanto "para", não indicam, no fio discursivo, que ele está "revelando" que, no fundo, ele acredita no discurso ao qual ele diz se opor. Antes, as suas palavras estão produzindo os sentidos autorizados pela formação discursiva à qual Jacob pertence, ou seja, ele está procurando justificar as causas da incapacidade de os "mecanismos da evolução" serem entendidos. Assim, esse mesmo enunciado poderia ser produzido por qualquer outro "sujeito" evolucionista que ocupasse a posição que aqui está sendo ocupada por Jacob.

Retornando ao quadro das relações semânticas, não restam dúvidas de que **dos três primeiros semas decorrem os outros três, uma vez que: criação de espécies fixas ou evolução, humanidade especial ou não e poucos dias de criação ou bilhões de anos de evolução se restringem ao modo e ao tempo em que as coisas aconteceram**, constituindo-se em uma etapa secundária de um processo cujos fundamentos já estariam estabelecidos pelos três semas anteriores.

Quanto ao criacionismo moderno, julgamos oportuno ressaltar que esta corrente criacionista diverge do neodarwinismo "apenas" nos quatro primeiros itens do quadro supra, uma vez que admite que as espécies evoluem e que os dias da criação do Gênesis não devem ser entendidos literalmente, mas como eras.

Com isso, notamos que **o discurso em que Darwin aparece como "sujeito"** (representando em grande parte o discurso de geólogos e naturalistas de sua época), **em "A Origem das Espécies"**, estaria hoje mais próximo da formação discursiva do criacionismo moderno do que da formação discursiva do neodarwinismo, uma vez que, como vimos no recorte histórico sobre o evolucionismo, **seu objeto de estudo se limita "apenas" aos três últimos tópicos de nossa tabela e, também, a formação discursiva de Darwin admite a existência de leis estabelecidas pelo Criador e permite dizer que "a existência dessas leis exaltaria na mesma proporção o nosso conceito da potência do Criador onisciente"**. (Darwin, 1996, p.67s).⁵²

⁵² Observamos em Darwin (1996) a ocorrência do termo "Criador" nas seguintes páginas: 24, 39, 50, 65, 67 (2 vezes) e 68. Ainda há uma nota de rodapé dizendo que, na segunda edição de sua obra, Darwin introduziu a expressão 'pelo Criador' na seguinte sequência: *"há uma grandeza simples no fato de considerar a vida, com as suas capacidades de desenvolvimento, assimilação e reprodução, como se tivesse sido originalmente insuflada [pelo Criador] na matéria sob uma ou poucas formas..."* (p.69).

Para nós, **a centralidade**, nesses discursos, **da posição do "acaso" ou do "projeto" divino** (que por seu aspecto transcendental, em última instância, é impossível de ser negado ou comprovado por provas científicas objetivas)⁵³ **é o fator preponderante que alimenta a polêmica e a interincompreensão entre essas formações discursivas e que dá vigor a essa controvérsia** que, como temos visto, tem-se arrastado por todos esses anos com pequenos sinais, apenas, de tréguas esporádicas.

Através do que temos visto até aqui, confirmamos que *"a lista dos assuntos efetivamente debatidos é muito limitada, e mesmo não variada, a polêmica indo e voltando em torno de poucos pontos"* (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.8). As duas formações discursivas constroem seus discursos variando, de certa forma, os pontos litigiosos, mas a semântica de base é sempre a mesma, "na realidade, 'o enunciado é raro', para retomar uma expressão de Foucault, e redundante" (*loc. cit.*). Há sempre a mesma delimitação do que é peculiar a cada discurso e do que pertence ao outro ou é "conveniente" que a ele seja atribuído.

Outrossim, analisando os dados acima e observando o funcionamento da polêmica através desses discursos, ratificamos a tese sobre o primado do interdiscurso sobre o discurso, defendida por Maingueneau, ao propor que o objeto pertinente para a análise não é um discurso isolado, mas o espaço discursivo, o interdiscurso.

Ratificamos também que há ligação entre a questão da interdiscursividade e a gênese discursiva, uma vez que não existe discurso autofundado, de origem absoluta, antes, os diversos discursos se "formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso" (Maingueneau, 1984, Int. p.5), isto é, um discurso, desde o princípio, está sempre em relação com outro.

A seguir, serão associadas à semântica de base dos discursos considerados as seqüências discursivas que compõem o *corpus*. Tais seqüências serão precedidas por números que indicarão suas procedências. Assim, por exemplo, ao depararmos com a seqüência número um: 1. ("*...para fabricar um relógio é preciso um relojoeiro, mas para fabricar um relojoeiro não é necessário um criador...*") saberemos que o número um (1) indica a fonte específica (revista Veja de 02.06.1993, cujo título da matéria é "*O furo da evolução*") de onde essa seqüência discursiva procede, isto é, os números são os índices que indicam o texto de origem.

⁵³ O próprio neodarwinista Jacob diz (VEJA, *Foi tudo sorte*, 01.03.1995) que "o nascimento de todo ser humano é produto do acaso que juntou um pai e uma mãe em circunstâncias que ninguém planejou. Não existe lei física, química ou biológica capaz de explicar por que, em 1 trilhão de possibilidades genéticas, nasceu você em vez de outra pessoa".

As referências abaixo são as fontes de onde recortamos as seqüências discursivas para formação do *corpus* deste trabalho:

1. VEJA, 02.06.1993 - *O farol da evolução*;
2. VEJA, 28.09.1994 - *Uma nova luz na viagem do homem*;
3. VEJA, 01.03.1995 - *Foi tudo sorte*;
4. VEJA, 29.11.1995 - *O pai de todos*;
5. VEJA, 07.02.1996 - *Especial: A grande pergunta*;
6. VEJA, 30.07.1997 - *Big-bang biológico*;
7. VEJA, 17.06.1998 - *O apóstolo de Darwin*;
8. VEJA, 06.10.1999 - *Primos canibais*;
9. VEJA, 28.04.1999 - *Ele está entre nós?*;
10. VEJA, 02.08.2000 - *O frágil império da ciência*;
11. VEJA, 28.03.2001 - *Fogueira das vaidades*;
12. VEJA, 13.03.2002 - *Eles eram da família*;

Para enriquecermos o nosso *corpus* e confirmarmos a perspectiva teórica de Maingueneau que vê o discurso como uma dispersão de textos que mantêm o espaço de regularidades enunciativas, isto é, mesmo circulando em veículos diversificados, a semântica de base permanece estável, recortaremos algumas seqüências que materializam os discursos considerados em mais duas fontes diversas, a saber, em um livro de divulgação científica e em um jornal universitário.

A) JORNAL DA USP: (1º a 07.06.1998, p.12) - *Darwin na visão da moderna Biologia*.

B) Livro: "O ESPECTRO DE DARWIN" (Rose, 2000).

O jornal da Universidade de São Paulo veicula uma matéria construída a partir de conferências realizadas no Instituto de Biociências por Michael Ruse, "um dos mais respeitados especialistas em Filosofia da Ciência" (Jornal da USP, 1º a 07.06.1998, p.12).

A segunda fonte, o livro "*O Espectro de Darwin*", tem como autor Michael Rose, "professor titular de Biologia evolucionária na Universidade da Califórnia".⁵⁴ Assim, neste caso, o autor, além de pesquisador, é também "divulgador" da teoria da evolução.

⁵⁴ Apresentação feita na contracapa do livro.

Convém lembrar que esse jornal, o livro e a revista *Veja* nos permitem comprovar o conceito de dispersão textual proposto por Maingueneau, mas, pensando em termos de condições de produção, além de outras diferenças gerais, o jornal difere da revista *Veja* e do livro supracitado por não ter fins lucrativos, por circular em ambiente diverso, por ser produzido por pessoas diferentes, com relações institucionais diferentes, etc.

A seguir, agruparemos as seqüências discursivas procedentes das fontes supracitadas. Os "recortes" discursivos serão associados aos itens lexicais que compõem a semântica de base dos dois discursos. Os termos que são objeto especial da nossa atenção serão destacados tipograficamente.

4.2 Agrupamentos das Seqüências Discursivas

Agrupamento 1: Projeto X Acaso

1. "...para fabricar um relógio é preciso um relojoeiro, mas para fabricar um relojoeiro não é necessário um criador. Ou seja, uma célula qualquer, um milhão de vezes mais complexa do que um relógio, pode vir a existir sem ter sido projetada por uma inteligência superior."
3. "Biólogo francês ganhador do Prêmio Nobel diz que a vida na Terra depende unicamente do acaso e que a noção de um criador só atrapalha a ciência".
3. "'Não existe criador nenhum nessa história', garante. 'A vida é fruto de uma grande coincidência...'
3. 'O mesmo acaso que propiciou o surgimento da vida há 3 bilhões de anos faz com que ela se reproduza até hoje'.
3. "Na teoria da evolução, está comprovado que o surgimento e a reprodução da vida dependem unicamente do acaso. E o nosso cérebro não está habituado a aceitar o acaso como razão das coisas."
3. "O nascimento de todo ser humano é produto do acaso que juntou um pai e uma mãe em circunstâncias que ninguém planejou. Não existe lei física, química ou biológica capaz de explicar por que, em 1 trilhão de possibilidades genéticas, nasceu você em vez de outra pessoa."
7. "'Somos máquinas de sobrevivência', escrevia ele. Veículos-robôs programados cegamente para preservar a moléculas egoístas conhecidas como genes''.

B. "As idéias de Charles Darwin convenceram muitas pessoas de que (...) a gênese da ordem dos seres vivos devia ser explicada em termos de uma causa material cega. (p.235).

7. "Essa estranha relação [entre figos e vespas], diz Dawkins, não decorre de algum secreto desígnio divino, mas de um 'ajuste fino darwiniano' demonstrável e crível."

7. "Ora, a existência de um projetista tão formidável é também muito estranha."

Agrupamento 2: Criador/Deus X Natureza

1. "...para fabricar um relógio é preciso um relojoeiro, mas para fabricar um relojoeiro não é necessário um criador. Ou seja, uma célula qualquer, um milhão de vezes mais complexa do que um relógio, pode vir a existir sem ter sido projetada por uma inteligência superior.

1. "Tirando Deus da natureza, Darwin já teria causado uma revolução no mundo civilizado europeu de sua época, em que os melhores cientistas, inclusive o próprio autor de *A Origem das Espécies*, formaram-se dentro de escolas religiosas."

1. "A evolução dotou o organismo humano de estratégias de defesa..."

2. "O homem é mais parecido do que diferente dos outros animais e a ciência está repleta de evidências segundo as quais a vida na Terra pode ter surgido e evoluído por seus próprios meios".

3. "A idéia de um Deus colocando ordem no caos e dando uma feição lógica a todas as coisas ajuda a resolver nossas angústias existenciais, mas não contribui em nada para a ciência. Então, Deus é uma opção de escolha."

7. "Essa estranha relação [entre figos e vespas], diz Dawkins, não decorre de algum secreto desígnio divino, mas de um 'ajuste fino darwiniano' demonstrável e crível."

B. "(...) A unidade essencial da vida... poderia ser canhestramente explicado em termos da repetitividade de uma divindade, ou explicado de maneira natural em termos de uma árvore evolutiva que relacione todas as formas de vida com um ancestral comum." (p.95)

B. "Infelizmente, constata-se que as origens humanas são mais obscuras na explicação evolucionista do que nos mitos sobre deusas-mães das profundezas e deuses-pais celestiais. (p.177)

B. "As idéias de Charles Darwin convenceram muitas pessoas de que Deus não havia criado todas as coisas vivas, mas, ao contrário, de que a gênese da ordem dos seres vivos devia ser explicada em termos de uma causa material cega. (p.235).

B. "Em lugar de uma criação benevolente, Darwin tornou plausível uma gênese puramente material da vida." (p.236)

B. "Mas os físicos e os químicos também têm muita coisa em jogo na luta com o criacionismo. Se uma criatura (sic) onipotente pode intervir nos acontecimentos do universo conhecido, não há nenhuma razão para se supor que qualquer lei da ciência tenha que se manter necessariamente constante. Na verdade, na medida em que estão sujeitos à intervenção divina, os processos cientificamente estudados tornam-se impróprios para qualquer estudo científico ulterior." (p.237)

B. "Darwin solapou a criação divina como explicação do mundo biológico, ao fornecer um mecanismo impessoal e intelectualmente atraente para a geração de formas de vida adaptadas e variadas: a evolução pela seleção natural. (p.238).

B. "De modo geral, os cientistas naturais devem incentivar os físicos (sic) a abandonarem suas preciosas alusões a algum tipo de Deus transcendental, ou suas invocações dele, a menos que esses físicos específicos queiram agir com sinceridade e confessar que são teístas." (p.239).

Agrupamento 3: Propósito X Acidente

7. "Ora, a existência de um projetista tão formidável é também muito estranha."

7. "A idéia de 'propósito da vida' perde sentido com o darwinismo.

7. "a função de todas as funções é levar à reprodução. (...) A utilidade dos organismos é, assim, muito estreita: maximizar a sobrevivência dos genes".

Agrupamento 4: Homem-Ser-Especial X Homem-Animal-Comum/Primata

1. Ele foi mais incisivo, tirou Deus do homem...".

2. "O homem é mais parecido do que diferente dos outros animais e a ciência está repleta de evidências segundo as quais a vida na Terra pode ter surgido e evoluído por seus próprios meios".

B. "(...) A unidade essencial da vida... poderia ser canhestramente explicado em termos da repetitividade de uma divindade, ou explicado de maneira natural em termos de uma árvore evolutiva que relacione todas as formas de vida com um ancestral comum." (p.95)

Agrupamento 5: Criação X Evolução

1. "A evolução dotou o organismo humano de estratégias de defesa..."

A. "A teoria da evolução continua sendo a explicação mais correta da origem e desenvolvimento da vida no planeta".

A. "A evolução biológica é hoje reconhecida como um fato".

A. "Ruse não vê motivos para a acirrada guerra promovida pelos protestantes fundamentalistas norte-americanos - com quem debate há pelo menos 20 anos - contra a evolução."

A. "As críticas dos fundamentalistas contra o evolucionismo são frágeis..."

A. "O sempre repetido argumento de que a teoria da evolução é tão provável quanto é possível que chips sejam lançados para o alto e, ao cair no chão, formem um computador".

A. Uma teoria tão poderosa, diz, não pode ser ignorada por qualquer pessoa que se diga civilizada - incluindo os protestantes fundamentalistas, dos Estados Unidos ou do Brasil.

A. "O fundamentalismo é 'religião ruim e ciência ruim', porque desconsidera as provas científicas da teoria da evolução".

A. "O evolucionismo não é apenas uma teoria científica. Muito além disso, ele permeia a mente das pessoas e toda cultura ocidental - daí o seu poder e importância."

A. "Ruse também critica a idéia de ensinar a Bíblia em cursos de Biologia - como se tentou fazer em 1981 no estado norte-americano do Arkansas, quando o professor se empenhou pessoalmente para barrar..."

B. "O único concorrente do peixe de Cristo, em matéria de enfeites metálicos para automóveis, é o peixe de Darwin, com suas quatro pernas. Darwin é um símbolo de resistência contra os clérigos e os ortodoxos de todas as partes." (p.12)

B. "Infelizmente, constata-se que as origens humanas são mais obscuras na explicação evolucionista do que nos mitos sobre deusas-mães das profundezas e deuses-pais celestiais.(p.177)

B. "Darwin solapou a criação divina como explicação do mundo biológico, ao fornecer um mecanismo impessoal e intelectualmente atraente para a geração de formas de vida adaptadas e variadas: a evolução pela seleção natural. p.238)

Agrupamento 6: Dias-da-Criação X Eras/milhões-de-anos

3. "O problema é que muitas vezes a gente tem de usar mais a imaginação do que dados concretos. (...) A forma mais elementar de vida surgiu na Terra há cerca de bilhões de anos. É

muito tempo. Não existem fósseis nem rastros dessa semente primitiva, a não ser nós mesmos... A falta de dados é apenas um lado do problema... o outro [é] o nosso cérebro... Temos uma grande dificuldade em compreender tudo o que contraria a nossa intuição e nossos padrões de raciocínio."

2. "Até então, a crença corrente era que o homem surgira em sua forma atual no primeiro (sic) dia da criação. O ser humano, imaginava-se, nasceu pronto para a Academia de Letras."

5. "Físicos que discordam da teoria de que o universo teria sido criado pelo Big Bang, por exemplo, enxergam nessa explicação uma tradução, para os meios científicos, do célebre Dia da Criação de que fala a Bíblia. Nesse caso, o Big Bang, que também não pode ser verificável, não seria uma teoria científica, racional, mas uma construção teórica de origem religiosa."

Observando esses agrupamentos, concordamos com Maingueneau que defini o discurso como "um espaço de regularidades enunciativas", pois pudemos constatar que a ancoragem de um discurso em sua base semântica delimita, o tempo todo, o espaço discursivo que lhe é peculiar e, simultaneamente, o espaço discursivo que pertence, ou convém ao discurso-agente atribuir, ao seu Outro.

Outrossim, pudemos ver que um discurso, a todo momento, trabalha expandindo os seus poucos *pontos-chave*⁵⁵ e, embora as materialidades discursivas possam se diversificar, a semântica de base do Outro discurso é inteiramente negada pelo discurso-agente, quer a demarcação seja feita de forma explícita ou velada.

Um dos procedimentos utilizados para demarcar os sentidos no discurso, tornando-os compatíveis à sua semântica global, é, segundo Maingueneau (1984), o *comentário* (procedimento "que permite a um discurso tornar compatíveis com seu sistema fragmentos do *corpus* canônico que parecem ir em sentido oposto") (cap.IV, p.10). Maingueneau (1984), ao analisar o vocabulário do discurso humanista devoto, chegou à conclusão de que "o lexema *doçura*⁵⁶ constituía de alguma forma a 'palavra-chave'⁵⁷ desse conjunto textual" e que esse termo

⁵⁵ Maingueneau diz que "para a análise é difícil não ver aí *pontos-chave*, como se fala de palavras chave, pontos de intricação semântica que abrem um acesso privilegiado à incompatibilidade global dos discursos". (A polêmica como interincompreensão, p.8).

⁵⁶ O autor diz que "Doçura vale aqui tanto para *doce* quanto para *doçura* e *docemente*". ((Maingueneau, 1984, cap.III, p.4).

⁵⁷ Para Maingueneau (1997), "uma unidade só é definida como tal [palavra-chave] através de uma grade explícita de análise de vocabulário que leva em conta, a um só tempo, o funcionamento da formação discursiva e o valor da unidade em língua". (p.151).

não pertencia "ao vocabulário obrigatório do discurso devoto" (cap.III, p.4). Constatou-se, ainda, que o humanismo devoto havia "pensado sua própria enunciação como 'discurso doce' e a de seus adversários como 'discurso duro'" (*ibidem*, p.5).

Contudo, São Francisco de Sales, humanista devoto, diante de um texto bíblico sobre o Pentecostes, onde está escrito que um 'vento violento' veio aonde os Apóstolos estavam, uma vez que "a violência releva do registro negativo do humanismo devoto, (...) para não opor-se ao texto de Pentecostes, não lhe resta senão comentá-lo de forma a fazê-lo passar no registro semântico positivo", disse: "o espírito é realmente violento, mas *de uma violência doce, suave e pacífica*" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10).

Assim, através de um *comentário* procurou-se "anular, pois, o que no texto pode parecer revelar as categorias do Outro" (*loc. cit.*).

Quanto aos nossos discursos, vimos anteriormente que a unidade lexical que, de forma privilegiada, ancora sentidos no discurso neodarwinista é "acaso" e que o seu concorrente no criacionismo é "projeto".

Examinado o nosso *corpus*, deparamo-nos com duas seqüências discursivas que, semelhantemente ao que vimos acima, materializam semas que podem ser interpretados como "registro negativo", a saber, "programado" e "causa".

A primeira seqüência, produzida pelo evolucionista Richard Dawkins, é: 7.3. 'somos máquinas de sobrevivência' (...) veículos-robôs **programados cegamente** para preservar a moléculas egoístas conhecidas como genes'.

A unidade lexical "*programados*" pode veicular aqui pelo menos dois sentidos. O primeiro pode referir-se a uma espécie de programação interna, ou seja, uma autoprogramação, como um programa de computador, que diante de circunstâncias variadas atua de formas variadas. O outro sentido possível concerne à existência de um programador externo, um projetista inteligente que, de fora, de acordo com seus propósitos, programa previamente o funcionamento de sua obra.

Como a existência de projetista inteligente é o ponto fundamental da semântica de base do criacionismo. Dawkins procura restringir o termo programado para que seja acomodado ao quadro semântico de sua formação discursiva. Isso ele faz colocando o advérbio "*cegamente*" ao lado de "*programado*".

Com essa construção um tanto quanto paradoxal, o "sujeito" procura "anular, pois, o que no texto pode parecer revelar as categorias do Outro" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10). pois

revelar as categorias do Outro seria contradizer o pensamento que a sua formação discursiva tem sobre o papel do acaso na teoria da evolução.

A segunda seqüência discursiva, esta produzida pelo evolucionista Rose, é a seguinte: (B.10.) "As idéias de Charles Darwin convenceram muitas pessoas de que (...) a gênese da ordem dos seres vivos devia ser explicada em termos de uma causa material cega". (p.235).

De forma semelhante ao que acontece na seqüência anterior, aqui a unidade lexical "causa" pode veicular pelo menos dois sentidos. O primeiro sentido pode referir-se a um ou vários fenômenos que apareçam como condição necessária para a existência de outro ou outros fenômenos. O segundo sentido pode enfocar a relação entre um ser inteligente e um ato praticado voluntariamente por ele e pelo qual é responsabilizado.

Como esse último sentido faz parte da semântica de base do criacionismo, o "sujeito" evolucionista procura, mediante o acréscimo de "*material cega*" à unidade lexical "*causa*", semelhantemente ao procedimento de São Francisco de Sales e de Richard Dawkins, "*anular aquilo que no texto pode parecer revelar as categorias do Outro*" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10), pois Deus, obviamente, não poderia ser essa "causa material", nem uma causa cega, aliás.

Ademais, podemos verificar que a delimitação semântica de um discurso, como diz Maingueneau, obedece a regras e, seguindo-as, é possível aprender a construir discursos diversos e, podemos acrescentar, é possível até mesmo aprender a enunciar a partir de posições discursivas antagonistas.

Isso significa que um "sujeito", razoavelmente "treinado", ancorando o seu discurso na semântica de base do neodarwinismo (acaso, natureza, despropósito, homem-ser-comum, evolução e milhões-de-anos) poderá falar como se estivesse na posição de um neodarwinista e, por outro lado, se a ancoragem se der na semântica de base do criacionismo conservador (projeto, Criador, propósito, homem-ser-especial, criação, dias-da-criação) será possível, também, a mesma pessoa produzir um discurso criacionista conservador.⁵⁸

Agora, reutilizando as seqüências discursivas anteriormente agrupadas e lançando mão de outras procedentes das mesmas fontes supracitadas, agruparemos "recortes" que, de acordo com o

⁵⁸ Supomos que isso ajuda a ratificar aquilo que é chamado por Maingueneau de "competência discursiva" e a confirmar que o assujeitamento defendido por Michel Pêcheux deve ser reavaliado, pois apesar de o "sujeito" ser assujeitado, ele ainda tem competência para aprender novos discursos e, como acrescentamos, até mesmo, simular a ocupação de posições ideológicas antagonistas. Dessa forma o "sujeito" não é onisciente, mas também não é um robô que comporta uma só programação.

acontecimento discursivo, materializam semas "reivindicados", valorizados pela formação discursiva do discurso de referência.

Através do conhecimento desses semas positivos, concomitantemente, podemos chegar aos semas rejeitados, desvalorizados e, por conseguinte, atribuíveis ao discurso antagonista.

Após cada agrupamento, partindo do princípio que um discurso "revela" o seu Outro (o Outro no mesmo, conforme Maingueneau), verificaremos se há, no *corpus*, materialização semântica que atesta essa relação intrínseca, ou se esse antagonismo semântico permanece velado no nível da constituição dos discursos.

Feito o levantamento das unidades lexicais valorizadas, reivindicadas pelo discurso neodarwinista, faremos um paralelo entre essas e as unidades lexicais desvalorizadas, rejeitadas e, por conseguinte, atribuídas ao seu antagonista, enfim, verificaremos a construção do simulacro discursivo do seu Outro.

Antes de iniciarmos essa etapa, queremos lembrar mais uma vez que a análise do discurso procura os mecanismos discursivos e não se limita aos conteúdos dos discursos e às palavras cristalizadas nos dicionários, pois o sentido é produzido no discurso, ele não está na língua, também, o que interessa não é o que o autor quis dizer, mas como construiu o sentido.

Para construirmos o paralelo supracitado, reuniremos, em quatro blocos, as seqüências discursivas que, de certa forma, constroem sentidos similares. Cada bloco aglutinará as seqüências que materializam, primeiramente, os semas valorizados e, em seguida, os semas rejeitados pelo discurso-agente. É a análise desses semas que nos mostrará as representações construídas no imaginário do discurso-agente, tanto com relação a si mesmo quanto com relação ao seu antagonista, ou seja, é percorrendo esse caminho que encontraremos os simulacros construídos na materialidade discursiva.

4.3 Blocos de Oposições Semânticas; simulacros à vista

Bloco 1

Os semas "reivindicados" pelo discurso-agente neste bloco são: fato, realidade, prova, verdade, pesquisa, ciência de verdade, certeza, evidência, razão. Vejamos as seqüências que materializam tais semas ou outros que lhe são discursivamente semelhantes.

1.6. "Os fatos mostram que a estrada de Darwin era mesmo o caminho mais correto".

7.8. "O darwinismo lhe pede para pressupor apenas dois fatos : a hereditariedade e a seleção natural. (...) Partindo dessas duas idéias demonstráveis , o darwinismo prova como estruturas tão 'improváveis', tão complicadas de imaginar como um olho, por exemplo, se desenvolveram na natureza."

A.3. "A evolução biológica é hoje reconhecida como um fato ".

10.6. "Cada teoria é confrontada com a realidade , de forma rigorosa e perfeitamente explicitada, de modo que qualquer um que faça o mesmo experimento chegue às mesmas conclusões. A teoria conflita com os resultados? Então, lata de lixo para ela.

2.5. " Pesquisas da Biologia molecular mostram que do ponto de vista genético homem e chimpanzé são 88% idênticos.

9.2. Há dois anos, uma pesquisa feita na Alemanha reforçou essa convicção ao comparar amostras de DNA humano com as de fósseis de Neandertal. Por esse estudo, uma espécie não deixou traços genéticos na outra. O esqueleto encontrado em Portugal desmente essa teoria. "Agora temos uma prova de que humanos e neandertais se misturaram, cruzaram e produziram uma descendência", diz Erik Trinkaus, professor da Universidade de Washington e um dos maiores especialistas no assunto.

1.4. "O *archaeopteryx* [fóssil do dinossauro] foi para Darwin (...) a prova pública, escancarada , de que estava certo.

2.17. "A prova final veio em 1960, quando se descobriu que mesmo as mais simples bactérias dividem o mesmo código genético com os animais..."

8.1. "Paleantropólogos franceses e americanos revelaram pela primeira vez provas contundentes de esses primos dos *Homo sapiens*, extintos há 30 000 anos, praticavam canibalismo..."

12.1. "Na semana passada, o biólogo americano Alan Templeton, da Universidade de Washington, apresentou o que acredita ser provas concretas de que o que ocorreu na Idade da Pedra não foi um holocausto, mas uma absorção gradual dos grupos mais primitivos."

12.2. "O antropólogo americano Erik Trinkaus, coordenador do estudo sobre o fóssil de Portugal, acredita que a pesquisa de Templeton, somada aos ossos do menino, é a prova que faltava de que o homem moderno e o neandertal fizeram amor, e não a guerra."

2.18. "O homem é mais parecido do que diferente dos outros animais e a ciência está repleta de evidências segundo as quais a vida na Terra pode ter surgido e evoluído por seus próprios meios".

10.7. "Assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição.

2.16. "Darwin promoveu a Biologia de simples hobby, como a filatelia, à condição de ciência de verdade."

1.3. "O dinossauro que caiu nas mãos de Darwin (...) era um pássaro, com certeza, porque tinha penas e ossos típicos de ave. (...) Era um ser híbrido, um ancestral comum a duas espécies e, sem dúvida, precursor dos pássaros modernos."

2.9. "Seu cérebro era semelhante ao de um símio, mas ela possuía uma característica que elimina a possibilidade de o fóssil pertencer a um macaco - era bípede, com certeza."

3.2. "'Não existe criador nenhum nessa história', garante. 'A vida é fruto de uma grande coincidência...'"

5.1. "Há três anos, os sensores do satélite Cobe encontraram variações nas energias ancestrais no espaço que aumentaram as certezas dos cientistas na existência do Big Bang, a explosão primordial que, conforme é largamente aceito, deu origem ao universo há bilhões de anos..."

7.5. "A obra [A Escalada do Monte Improvável] tem dois objetivos. O primeiro é demolir o criacionismo (...) o segundo, mostrar como a evolução das espécies, por meio da seleção natural, é um processo gradual e incontestável."

8.2. "Ao lado dos ossos das vítimas de canibalismo estavam também ossos de cervos, uma das caças mais comuns na época. As fissuras e rachaduras encontradas nas seis ossadas de Neandertal estavam em pontos semelhantes às que aparecem nos ossos dos animais e foram feitas por instrumentos muito parecidos. Foi esse detalhe que dissipou todas as dúvidas: as duas espécies faziam parte da dieta dos antigos habitantes da caverna francesa."⁵⁹

8.3. "'Não estamos dizendo que todos os neandertalenses eram canibais, assim como nem todas as tribos humanas praticaram o canibalismo'. garantiu Tim White".

⁵⁹ Observar que esses detalhes, embora subjetivos, são considerados suficientes para que essa formação discursiva os considere como suficientes para dissipar "todas as dúvidas".

2.12. *"O Homem, em sua forma atual, imagina um futuro inextinguível para a espécie. A verdade, pelo ponto de vista dos paleontólogos, é que dentro de 1 milhão de anos o homem poderá não existir mais."*

5.2. *"Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."*

7.2. *"Dawkins assumiu na comunidade científica internacional o papel de uma espécie de apóstolo do darwinismo, cujas verdades ele não se cansa de defender, refinar e divulgar."*

No *corpus* que temos analisado, além dos efeitos de sentido de verdade produzidos de variadas formas permear todo o discurso, os semas verdade e verdadeiro são apresentados na materialidade discursiva, conforme podemos observar.

O conceito de verdade ocupa um lugar privilegiado na construção dos discursos, aparecendo ou não na materialidade discursiva, pois os discursos, normalmente, são construídos de forma que sejam interpretados como sendo a expressão da verdade.

Quando um discurso se considera como a única voz da verdade, os discursos que se lhe opõem são rebaixados à condição de falhos, ou insensatos, ou irracionais, ou falsos, ou mentirosos, etc.

O neodarwinismo produz o seu discurso evidenciando a sua pretensão de ser a voz legítima da verdade e, por isso, quem lhe parece dissonante acaba sendo rebaixado de alguma forma. Então, vejamos mais adiante como o neodarwinismo constrói a imagem do seu Outro, o seu simulacro.

Outrossim, observando-se as seqüências acima, podemos notar a freqüente alusão, direta ou indireta, a algo que, segundo essa formação discursiva, realmente existe ou aconteceu, isto é, a um "fato". O valor atribuído àquilo que o discurso-agente considera como fato, realidade, faz com que o discurso-agente ancore-se, sempre, em unidade lexical que produz efeitos de sentido de "fato".

A forma com que o discurso neodarwinista privilegia os sentidos produzidos por "fato" reflete uma visão de que é possível interpretar os fatos, a realidade, de forma plenamente objetiva, imparcial, neutra e, indo além, ele assume para si o papel de porta-voz dos fatos e procura desqualificar o seu Outro com construções do tipo: (10.7) *"assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição"*. O valor persuasivo da construção

de um discurso alicerçado sobre aquilo que é construído como "fato", como realidade, é tão grande que é corrente a expressão "contra fatos não há argumentos". Contudo, é necessário lembrar das palavras de Reboul (1998) "*fatos já são argumentos (...) como todo argumento, o fato pode ser contestado (...) mostrando que o fato em questão é incompatível com outros fatos, comprovados. Finalmente, contestando o valor argumentativo do fato, sua 'interpretação'...* (p.64)".

Perelman (1996) afirma que deve-se

Levar em conta não só a seleção dos dados, mas igualmente o modo como são interpretados, o significado que se escolheu atribuir-lhes. (...) Um mesmo processo pode ser descrito, na verdade, como o fato de apertar um parafuso, de montar um veículo, de ganhar a vida, de favorecer o fluxo de exportações (138s)

e Coracini (1991) afirma que "*naturalmente (guardadas as diferenças situacionais), seria ingênuo acreditar na imparcialidade da observação dos fatos. É claro que tanto o político quanto o cientista adequarão a observação aos seus interesses (objetivos)*" (p.43).

Falando sobre a possibilidade de um resultado ser "interpretado de diversas maneiras, rigorosamente opostas, o evolucionista Marcel Blanc (1994) cita o seguinte exemplo dado por R. D. Lewontin:

*Em 1971, o pesquisador americano F. M. Johnson relaciona suas observações que dizem respeito à frequência de diferentes alelos presentes em populações da mosca *Drosophila ananassae* que habita as ilhas do Oceano Pacífico. São encontradas numa série de arquipélagos formado por ilhas, de 80 a 100 km distantes entre si. Os arquipélagos, por sua vez, estão afastados de 300 a 3.000 km uns dos outros. As frequências alélicas são muito semelhantes dentro dos arquipélagos, mas muito diferentes de um arquipélago para outro. Uma distribuição dessa ordem é perfeitamente compatível com a teoria neutralista, diz Lewontin: o **acaso** pode ser responsável pelo fato de que, em um arquipélago, um alelo terá uma frequência de 85%; em outro, muito afastado, 37%; em outro ainda, igualmente muito afastado, 5%, etc.: as migrações entre as ilhas pouco distantes dos arquipélagos fazem com que as frequências alélicas sejam, em compensação, semelhantes (por homogeneização das populações). F. M. Johnson, porém, dá uma interpretação selecionista. Segundo ele, o meio-ambiente é mais parecido de uma ilha para outra, no interior dos arquipélagos, que de um arquipélago para outro, uma vez que estes são muito distantes uns dos outros. Logo, foi a **seleção natural** que, ao contrário, manteve um alelo com 85% de frequência em um arquipélago, 37% em um outro e assim por diante (p.130).*

Agora, uma vez que os sentidos produzidos pelo discurso do neodarwinismo acabam possibilitando a construção de sua imagem como sendo a voz dos fatos, a expressão da realidade,

vejam como ele constrói a imagem do seu Outro, ou seja, como ele constrói o simulacro do discurso antagonista.

Conforme havíamos anunciado, partindo dos semas considerados positivos por essa formação discursiva, procuraremos o avesso deles, os semas atribuídos ao discurso antagonista.

Ponderemos, se os semas reivindicados pelo neodarwinismo são: fato, realidade, prova, verdade, certeza, evidência, garantia, razão, pesquisa, ciência de verdade, etc., podemos esperar que esse discurso rejeitará os seguintes semas e que caracterizará com eles o discurso antagonista: mito, lenda, palpite, superstição, explicação sem sentido, religião, histórias apócrifas, pseudociência, etc.

Agora, procuraremos no *corpus* se há materialização dos sentidos "previstos" em virtude da relação de interincompreensão existente entre os dois discursos que temos considerado, ou se o antagonismo semântico desses discursos permanece velado no nível da constituição do discurso. Em outras palavras, veremos em que nível se dá a construção do **simulacro** do discurso do Outro. Vejamos.

B.8. *"Infelizmente, constata-se que as origens humanas são mais obscuras na explicação evolucionista⁶⁰ do que nos mitos sobre deusas-mães das profundezas e deuses-pais celestiais.(p.177)*

10.7. *"Assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição.*

A.9. *"O fundamentalismo é 'religião ruim e ciência ruim', porque desconsidera as provas científicas da teoria da evolução".*

B.5. *"Charles Darwin tornou-se gradativamente ateu (...). Contam-se histórias de uma conversão sua ao cristianismo no leito de morte, mas elas são inteiramente apócrifas." (p.36).*

5.2. *"Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."*

Realmente, os sentidos construídos através dessas seqüências discursivas confirmam o que já era previsto na teoria proposta por Maingueneau, tanto com relação à interincompreensão quanto no que concerne à construção do simulacro do Outro e evidenciam que, ultrapassando o nível da constituição do discurso, o dialogismo aqui é mostrado na materialidade discursiva.

⁶⁰ Notar que para essa formação discursiva, a sua explicação é mais obscura, mas explica um FATO. A explicação do Outro é mais clara, mas é MITO.

Na sequência discursiva B.8., o "sujeito" do discurso-agente admite que "infelizmente" a explicação de sua formação discursiva é mais obscura do que a explicação dada pelo antagonista, mas mesmo que a explicação do outro seja menos obscura, ela é rejeitada porque estaria ancorada em algo que não é tido como fato, mas explicação que, segundo essa formação discursiva, é baseada em mito.

Nessa sequência discursiva percebemos a construção dos sentidos daquilo que podemos dizer que (a nosso ver) constitui o par de oposição por excelência entre o que o discurso-agente assume, reivindica, e aquilo que rejeita e atribui ao seu Outro. Esse par se materializa nos sentidos opostos construídos através do semas **FATO** e **MITO**.

Em última instância, o enunciado que poderia resumir o que neodarwinismo pensa a seu respeito e a respeito do antagonista seria: "nós nos fundamentamos em fatos e o criacionismo se fundamenta em mitos", ou, intensificando o simulacro que, com certeza, está no nível da constituição da relação de interincompreensão e polêmica: "o neodarwinismo se baseia só em fatos e o criacionismo fundamentalista se baseia só em mitos".

Vamos ao próximo bloco.

Bloco 2

Os semas "reivindicados" pelo discurso-agente neste bloco são: mostrar, demonstrar, provar, comprovar, revelar. Vejamos as sequências que materializam tais semas ou outros que lhe são discursivamente semelhantes.

1.2. *"Uma célula e todos seres vivos, mostrou Darwin, são produtos das eras e da ação de duas leis sobre eles: a evolução e a seleção natural."*

1.5. *'Charles Darwin foi um farol que iluminou o homem na noite mais escura e mostrou que existe uma estrada...'*

7.5. *"A obra [A Escalada do Monte Improvável] tem dois objetivos. O primeiro é demolir o criacionismo (...) o segundo, mostrar como a evolução das espécies, por meio da seleção natural, é um processo gradual e incontestável."*

10.1. *"Darwin mostrou que as espécies mudam, vão se transformando, umas competindo com as outras e sobrevivendo as mais aptas."*

2.7. *"Algumas das características dos fósseis que encontraram são suficientes para demonstrar que a espécie de Aramis já pertence à linha evolutiva do homem..."*

3.5. "Na teoria da evolução, está comprovado que o surgimento e a reprodução da vida dependem unicamente do acaso. E o nosso cérebro não está habituado a aceitar o acaso como razão das coisas."

Os verbos destacados neste bloco exercem um papel fundamental nesse discurso devido a forma como ele constrói sentido no *corpus*. Eles não são enunciados nele inocentemente, significando apenas uma indicação, mas para produzirem, no fio discursivo, efeitos de sentido de realidade, de acontecimento, de certeza.

Nos enunciados acima, seria muito diferente se a enunciação tivesse sido construída com os verbos dizer, argumentar, alegar, etc, em vez dos verbos supracitados, pois se alguém alega (ou diz, ou argumenta, ou afirma, etc.) algo, isso é mais fácil de ser negado por outro do que se alguém "mostra" (no sentido de "expor à vista") algo ao seu interlocutor. Neste caso, o interlocutor é levado, em tese, a se confrontar com a realidade, com os fatos.

Através desse mecanismo argumentativo, dificulta-se a contestação por parte do interlocutor, pois é muito mais difícil contestar a "realidade" de um fato do que a narrativa de um relato. "No caso de um enunciado de relato, constativo, na terminologia de Austin, cabe sempre perguntar se ele é fiel aos fatos, se é uma descrição adequada dos fatos; no limite, trata-se sempre de decidir se ele nos dá ou não uma versão correta do que ocorre(u)" (Ilari & Geraldi, 1998, p.72).

Uma leitura errada que se pode fazer do verbo "mostrar" e seus similares nos sentidos produzidos pela formação discursiva neodarwinista é que se trata de "força de expressão". Porém, para saber que essa leitura não tem sustentação, é necessário que o leitor tenha conhecimento de que, na realidade, alguns sentidos aí produzidos não têm correspondência histórica. Para exemplificarmos, podemos citar a seqüência discursiva 1.2. aonde lemos: "*Uma célula e todos seres vivos, mostrou Darwin. são produtos das eras e da ação de duas leis sobre eles: a evolução e a seleção natural*".

Na verdade, seria impossível para Darwin ter feito tudo isso que esse enunciado pode significar, uma vez que Darwin não teve nem os dados, nem os equipamentos necessários e nem mesmo o tempo suficiente para fazer tudo isso. Mesmo porque, até hoje, com todos os avanços tecnológicos, não foi possível mostrar tudo isso, uma vez que tem seres que não têm manifestado sinais de evolução (aí reside uma das razões para a existência das várias teorias da evolução.

inclusive a teoria do equilíbrio pontuado, defendida pelo paleontólogo americano J. Stephen Gould,⁶¹ a qual tem alcançado bastante prestígio ultimamente).

Outra leitura imprópria do verbo "mostrar" no sentido construído pelo neodarwinismo é atribuir a ele o sentido de "indicar", "apontar", pois nós já pudemos observar que essa formação discursiva constrói sentidos utilizando, preferencialmente, semas que denotam certeza. Para comprovar isso, basta rever nas seqüências discursivas expostas a presença freqüente dos semas: prova, provar, demonstrar, certeza, convicção, fato, garantia, etc.

Para confirmar que o uso desses verbos considerados aqui não é neutro, antes tem um importante papel discursivo, queremos ressaltar que, quando diz respeito ao discurso-agente, esse verbo aparece diversas vezes, todavia não aparece nem sequer uma vez quando se refere ao discurso antagonista, isto é, o Outro discurso não mostra, não demonstra, mas argumenta, diz, pretende, alega, etc.

Esse mecanismo é utilizado para que o interlocutor seja colocado diante de acontecimentos discursivos que devem ser interpretados como fatos, realidade e, assim, o interlocutor é induzido a acreditar que esse discurso é "demonstrativo, é 'neutro' e objetivo" e está isento de subjetividade" (Coracini, 1991, p.111). Com isso "*vem à tona o princípio da objetividade e imparcialidade como requisito de cientificidade, que se expressaria no texto por meios lingüísticos, tais como: ausência dos sujeitos da enunciação, busca de uma linguagem 'neutra'...*" (ibidem, p.71).

Além da forma apresentada pelos verbos que acabamos de considerar, eles também são amplamente apresentados, conforme veremos a seguir, na forma ativa expressando a ação de sujeitos não-humanos, ou seja, o próprio *objeto* de análise é colocado para ocupar a posição de o *sujeito* agente.

Observemos.

9.1. "**Fóssil** achado em Portugal **revela** que o neandertal cruzou e teve filhos com os seres humanos".

1.6. "Os **fatos mostram** que a estrada de Darwin era mesmo o caminho mais correto".

2.5. "**Pesquisas** da Biologia molecular **mostram** que do ponto de vista genético homem e chimpanzé são 88% idênticos.

⁶¹ Gould diz que existem espécies que "têm características quase pré-históricas ainda hoje". VEJA, 1^o.03.95.

2.8. "...A camada muito fina do esmalte dos dentes prova que ele se alimentava apenas de frutos e folhas."

2.11. "As pegadas mostravam um grupo em movimento. Em certo ponto, um dos afarensis parou, como se olhasse para trás, assustado com alguma coisa ameaçadora..."

6.1. Estudo mostra que uma mudança nos pólos da Terra acelerou a evolução da vida no planeta.

10.3. "Pesquisa de opinião recente demonstrou que 47% dos americanos acreditam que Deus criou os homens tais como são, enquanto 49% aceitam a evolução como explicação correta. Pesquisa com alunos de cursos superiores mostrou a falta de bases científicas de 45% daqueles que duvidam da teoria da evolução.

11.3. "A descoberta do Kenyanthropus mostra que outra espécie de hominídeo, como são chamados os ancestrais do homem, viveu na mesma época.

5.1. Há três anos, os sensores do satélite Cobe encontraram variações nas energias ancestrais no espaço que aumentaram as certezas dos cientistas na existência do Big Bang, a explosão primordial que, conforme é largamente aceito, deu origem ao universo há bilhões de anos..."

O processo discursivo que utiliza um sujeito sintático não-humano, para verbos que, em princípio, o demandam, produz um forte efeito de persuasão, pois, esse "sujeito" não é "interpelado em sujeito pela ideologia", não tem interesses comprometedores, não é "assujeitado" a qualquer instituição, e nem está a serviço de qualquer ideologia, uma vez que, como afirma Coracini, nesse caso, "o próprio objeto da pesquisa, os dados observados são [apresentados como] os responsáveis diretos pela interpretação e conclusão introduzidas pelo verbo ativo..." (Coracini, 1991, p.105).

Em contrapartida a esse discurso construído como claro, objetivo, neutro, o discurso-agente constrói o simulacro do seu Outro a partir de seqüências como estas transcritas abaixo:

B.7. "(...) a unidade essencial da vida... poderia ser canhestramente explicado em termos da repetitividade de uma divindade, ou explicado de maneira natural em termos de uma árvore evolutiva que relacione todas as formas de vida com um ancestral comum." (p.95)

A.5. "As críticas dos fundamentalistas contra o evolucionismo são frágeis..."

A.6. "O sempre repetido argumento de que a teoria da evolução é tão provável quanto é possível que chips sejam lançados para o alto e, ao cair no chão, formem um computador".

7.8. "...O darwinismo lhe pede para pressupor apenas dois fatos: a hereditariedade e a seleção natural. (...) Partindo dessas duas idéias demonstráveis, o darwinismo prova como estruturas tão 'improváveis', tão complicadas de imaginar como um olho, por exemplo, se desenvolveram na natureza. Em contrapartida, a religião lhe pede para acreditar numa entidade que, num único gesto, sacou do vácuo organismos complexos."

10.3. "Pesquisa de opinião recente demonstrou que 47% dos americanos acreditam que Deus criou os homens tais como são, enquanto 49% aceitam a evolução como explicação correta. Pesquisa com alunos de cursos superiores mostrou a falta de bases científicas de 45%⁶² daqueles que duvidam da teoria da evolução.

B.5. "Charles Darwin tornou-se gradativamente ateu (...). Contam-se histórias de uma conversão sua ao cristianismo no leito de morte, mas elas são inteiramente apócrifas." (p.36).

5.2. "Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."

10.7. "Assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição."

A.10. "Ruse também critica a idéia de ensinar a Bíblia em cursos de Biologia - como se tentou fazer em 1981 no estado norte-americano do Arkansas, quando o professor se empenhou pessoalmente para barrar...".

A nosso ver, a simples observação do contraste entre o que o discurso-agente diz a respeito a si mesmo e o que diz a respeito do Outro já é suficiente para notarmos que há uma nítida construção do simulacro do discurso opositor. Contudo, detendo-nos um pouco em alguns aspectos, poderemos compreender um pouco mais sobre os mecanismos desse discurso.

Na seqüência discursiva B.7, o "sujeito" do discurso, ocupando de forma velada o papel juiz, fala sobre duas maneiras de explicar "a unidade essencial da vida", uma é a maneira do Outro discurso explicar. "canhestramente", e a outra maneira de explicar é a da formação discursiva com a qual o "sujeito" está comprometido: "explicado de maneira natural", ou seja, detalhada de acordo com a realidade.

⁶² Aqui o sentido é construído destacando a falta de bases científicas dos 45%, minoria, que não têm base científica para duvidarem da teoria da evolução. É óbvio que, a propósito da mesma pesquisa, os criacionistas vão enfatizar que 55% dos entrevistados, maioria, tem bases científicas para duvidarem da teoria da evolução.

Observemos ainda que, quando é feita a "descrição" relativa ao Outro, o sentido é construído com o advérbio "canhestramente" anteposto ao particípio para ressaltar a caracterização do tipo de explicação que se quer atribuir ao Outro, todavia, no segundo caso, o "sujeito" do discurso não apenas diz que a segunda explicação é feita "de maneira natural" como também constrói o sentido colocando a locução adverbial após o particípio, ou seja, na ordem sintática considerada "natural".

De acordo com o que temos visto, o "sujeito" do discurso tem construído o simulacro discursivo do Outro tanto através da semântica quando através da sintaxe,⁶³ mas o processo discursivo é um só e obedece as mesmas regras da interincompreensão.

Com relação à sequência A.6. ("o sempre repetido argumento de que a teoria da evolução é tão provável quanto é possível que chips sejam lançados para o alto e, ao cair no chão, formem um computador".), vemos que a negação do discurso antagonista acontece através de uma espécie de autofagia ("argumento que consiste em mostrar que o enunciado do adversário se destrói por si mesmo" Reboul, 1998, p.169), argumento usado quando se pretende ridicularizar o adversário, neste caso, através de uma "citação".

Culioli [1990] diz que é uma ilusão pensar que a negação 'se resume essencialmente à negação de tipo lógico, isto é, caracteriza-se pelo contrário, quando, de fato, a negação é, a um só tempo, a rejeição, a ausência, a alteridade, o vazio, o absurdo, o impossível' [84] *apud* (Indursky, 1997, p.243). (Grifo acrescentado)

De acordo com Maingueneau (1984),

A citação exerce um papel crucial: rompendo a condição do Mesmo com fragmentos localizáveis do Outro, aparece como um engodo/artifício necessário, que introduz apenas um simulacro pelo próprio gesto que parece introduzir a realidade do corpo estranho (...) Ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro (cap.IV, p.8).

Observando a "citação" do "argumento" que o discurso-agente faz, podemos perceber que o simulacro acontece a partir da interpretação que cada um dos dois discursos manifesta a respeito do objeto da comparação.

Na citação presente na sequência discursiva que estamos considerando, temos como objeto da comparação a "teoria da evolução" como um todo. Essa enunciação pode levar o leitor a

⁶³ Maingueneau (1984) fala também de outras formas quando trata da "Semântica Global" (cap.III).

considerar sem fundamento a *comparação* atribuída ao discurso criacionista e chamada de *argumento* pelo discurso agente. Vejamos novamente a referida seqüência para melhor observá-la: A.6. (“o **sempre repetido argumento** de que **a teoria da evolução é** tão provável quanto é possível que chips sejam lançados para o alto e, ao cair no chão, formem um computador”).

Uma vez que os leitores, de forma geral, estão, pelo menos em parte, convencidos de que a teoria da evolução tem coerência, a *comparação* atribuída aos criacionistas só pode ser considerada ilegítima, descabida e assim, ao citar essa *comparação* de tal forma e denominá-la de “argumento”, constrói-se a visão que aquilo que o Outro diz não tem fundamento, é coisa absurda e com isso desqualifica-o.

Quando procuramos no interior da formação discursiva paciente esse “argumento” aqui citado, percebemos que aí ele é constituído de forma bastante diferente. Isso porque aquilo que o discurso-agente diz que o Outro está dizendo, na verdade, não é o que o Outro está dizendo, mas é aquilo que é “entendido”, de acordo com as regras da interincompreensão, como se o Outro estivesse dizendo, ou seja, é o simulacro das palavras do Outro.

Para clarear um pouco mais o que temos dito, vejamos o que dizem os criacionistas ao fazer uma comparação como a que foi “citada” pelo discurso-agente.

Consideremos o seguinte sistema com dois componentes A e B. As duas combinações possíveis são A – B e B – A. No entanto, para que o sistema funcione, somente A – B seria uma combinação válida. Portanto a probabilidade seria de uma em cada duas combinações. Um sistema de três componentes A, B, e C produziria as seguintes combinações: A-B-C, A-C-B, B-A-C, B-C-A, C-A-B, C-B-A, num total de seis combinações. Em termos de probabilidade, neste caso, uma em cada seis combinações seria válida. (...)

De acordo com pesquisa feita pela NASA, as formas de vida mais simples (moléculas de proteínas) possuem 400 aminoácidos e cada aminoácido possui de quatro a cinco elementos básicos. Para efeito de cálculo, digamos que nossa forma de vida mais simples teria 100 elementos em vez de 400... O número de combinações seria de um número seguido de 158 zeros...

Uma proteína possui em média cerca de 300 aminoácidos. Um DNA para controlar tal proteína possui 1000 nucleotídeos. Sendo que existem quatro tipos diferentes de nucleotídeos, a possibilidade para uma seria de 4^{1000} combinações, ou seja 10^{600} . Para se ter uma idéia, em processos científicos, a probabilidade de que algo aconteça no caso de uma em 10^{15} é considerada como inexistente. Ou seja, a probabilidade é zero. Uma molécula que se reproduz em outra exatamente igual passa por um processo de aproximadamente 1500 operações, ou seja, 2^{1500} possibilidades diferentes, considerando que existam duas possibilidades de escolha para cada operação. Este número representa 10^{450} ... Huxley deduziu que no caso da evolução do cavalo haveria cerca de milhão de mutações, $2^{1.000.000}$ ou seja uma possibilidade entre $10^{300.000}$ (Lourenço, 1999. p.3).

Considerando esse tipo de cálculo os criacionistas concluem:

O cálculo matemático do índice de probabilidade que tem a vida, caso se deva ao puro acaso, foi feito por Hoyle com tanto gênio quanto eficácia: a probabilidade de que se produza por casualidade uma única das 200.000 proteínas que aparecem no corpo humano é igual àquela que tem uma pessoa de resolver, às cegas, o cubo de Rubik: pensar que o edifício da vida foi erigido por acaso é tão irracional como esperar que um tufão recomponha corretamente um Boeing 747 despedaçado e transformado em sucata (Peña, 1989, p.210).

Para a nossa análise, o que é importante não é a validade ou não do cálculo, que nem mesmo é citado pelo discurso-agente, mas a observação da construção do simulacro através da citação. É importante a observação de que a alteridade é "*colocada em conflito com o corpo citante que o envolve, o elemento citado se expulsa dele mesmo pelo simples fato de que ele se sustenta de um universo semântico incompatível com aquela enunciação que o envolve*" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.7s). Assim, o que é rejeitado pelo discurso neodarwinista não são unicamente conteúdos, é também toda a discursividade criacionista, "*toda a sua semântica, radicalmente Outra em relação àquela que a envolve*" (*loc. cit.*).

Outra seqüência discursiva que mostra como diante do mesmo fenômeno as formações discursivas rivais vêem coisas antagônicas é a A.10. "*Ruse também critica a idéia de ensinar a Bíblia em cursos de Biologia - como se tentou fazer em 1981 no estado norte-americano do Arkansas, quando o professor se empenhou pessoalmente para barrar*".

É relevante analisar a questão mencionada: "ensinar a *Bíblia* em cursos de Biologia". Aqui, de forma parecida ao que acontece na seqüência discursiva anterior, faz-se menção de alguma coisa atribuída ao discurso-paciente, é mencionada a idéia dos criacionistas.

Lendo essa seqüência, o leitor pode assumir duas posições: ou se questionar sobre a sanidade mental dos criacionistas que pretenderiam coisa absurda, "*ensinar a Bíblia em cursos de Biologia*", uma vez que o que se poderia esperar é que eles pretendessem ensinar a Bíblia em aulas de religião, não em aula de Biologia, ou, por outro lado, o leitor pode perceber que estamos diante de um simulacro discursivo, construído através daquilo que Maingueneau (1984) chama de "tradução": "pentecostes pervertido no qual cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, mas no interior do mesmo idioma" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.1).

Procedendo-se a leitura na ótica da segunda alternativa, o leitor pode perceber que aquilo que os neodarwinistas estão chamando de Bíblia é a mesma coisa que os criacionistas conservadores chamavam primeiramente de "ciência da criação", posteriormente de "teoria do

desígnio inteligente" e mais recentemente de "teoria da complexidade inicial". (Hellman, 1999, p.130).

Os princípios que controlam as interpretações que um discurso faz em relação aos enunciados do seu Outro nos ficam claros pelas palavras de Possenti (s/d. a):

Sempre que se fala de um discurso 'de fora', especialmente se se trata de uma posição que conflita com o referido discurso, ocorre uma interincompreensão constitutiva. Ou seja, os enunciados de um discurso são interpretados segundo os princípios (a semântica global) do outro discurso, e o resultado é sempre um simulacro (p.5). (Grifo acrescentado).

Caminhemos agora para o bloco 3.

Bloco 3

Os semas "reivindicados" pelo discurso-agente neste bloco são: racional, sério, monumental, sincero, famoso, importante, renomado, conceituado, maior especialista, etc. Vejamos as seqüências que materializam tais semas ou outros que lhe são discursivamente semelhantes.

5.2. "Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."

1.16. "Uma fabulosa noção colocada de pé pelos médicos darwinistas ajuda a entender melhor as estratégias de sobrevivência..."

7.10. "A religião nos explica uma coisa complexa, a vida, com outra coisa complexa, Deus. Se levamos a razão a sério, temos de concordar que Darwin é mais simples e poderoso."

2.10. "A confirmação de que ela (Lucy) andava ereta veio quando a equipe da famosa arqueóloga Mary Leakey descobriu várias pegadas (...) conservadas em cinza vulcânica, na Tanzânia."

5.4. "Pesquisadores de primeira linha como Hawking, Smoot e Lederman (...) inquietam-se em descobrir qual o sentido da existência humana e o objetivo da vida na Terra".

9.2. "(...) Agora temos uma prova de que humanos e neandertais se misturaram, cruzaram e produziram uma descendência", diz Erik Trinkaus, professor da Universidade de Washington e um dos maiores especialistas no assunto.

10.4. "Pior: alguns Estados vêm aprovando leis que obrigam a ensinar o "criacionismo científico" (cuja cientificidade é negada pelos biólogos sérios)".

B.18. "De modo geral, os cientistas naturais devem incentivar os físicos a abandonarem suas preciosas alusões a algum tipo de Deus transcendental, ou suas invocações dele, a menos que esses físicos específicos queiram agir com sinceridade e confessar que são teístas." (p.239).

Dentre os semas "reivindicados" deste bloco, consideraremos agora a unidade lexical "sério" materializada nas seqüências discursivas 7.10. e 10.4. e após a inserção dos semas negativos consideraremos a palavra "sincero".

Como já procuramos deixar claro ao reportarmo-nos a Haroche, as palavras não têm um sentido próprio, inerente, que falaria por si, mas elas falam, com muitos sentidos, pelos "sujeitos" que, nas relações de poder, as colocam em funcionamento.

Nas relações de poder, algumas palavras são "reivindicadas" quando se quer colocar em funcionamento "*processos de exclusão e de atribuição de prestígios e poderes*" (Orlandi, 1987, p.265): a palavra sério é uma delas.

Orlandi (1987) diz que "o modo como se usa esta palavra mostra-nos qual é sua função, do ponto de vista ideológico" (p.265).

Freqüentemente, quando os "sujeitos" querem conquistar (ou manter) prestígio/poder, eles se apresentam como sérios e, como temos notado, concomitantemente, exclui o Outro do rol dos sérios, confinando-o ao reduto dos "não sérios", aonde ele deve permanecer silenciado.

Ao dizer-se sério, o discurso-agente procura legitimar, além de si mesmo, todas as vozes que reproduzem o seu ponto de vista.

Quando desqualifica a legitimidade, pelo discurso da seriedade, (...) impede que se reconheça que daquele lugar (do sujeito dito não-sério) se possa formular um saber que tenha validade. Mais do que isso, de forma categórica, silencia, de antemão, a própria possibilidade de discutir essa produção categorizada como não-séria.

Dessa forma, o discurso da seriedade realiza tanto o objetivo do silenciamento como o da injunção ao dizer: de um lado, silencia e, de outro, obriga a reprodução do discurso instituído (o do mesmo). (...)

Esta categorização é, assim, ponto de partida e de chegada, pois se não está no sério, o trabalho nem é discutido por estar desqualificado, e se está no sério é indiscutível porque legítimo. (Orlandi, 1987, p.268), (Grifo acrescentado).

Diante desses semas "positivos" agrupados acima, o que podemos esperar é que o discurso-agente diga a respeito do seu opositor que o seu discurso é artificial, apaixonado, não científico, sem sentido, sem autenticidade, etc., pois, conforme Maingueneau (1997), "é preciso

desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável" (p.125). Vejamos o que, concernente a isso, encontramos em nosso *corpus*.

A.2. *Os criacionistas são "religiosos apaixonados"*

10.4. *"Pior: alguns Estados vêm aprovando leis que obrigam a ensinar o "criacionismo científico" (cuja cientificidade é negada pelos biólogos sérios)".*

7.11. *"A idéia de 'propósito da vida' perde o sentido com o darwinismo.* B.5. *"Charles Darwin tornou-se gradativamente ateu (...). Contam-se histórias de uma conversão sua ao cristianismo no leito de morte, mas elas são inteiramente apócrifas."* (p.36).

5.2. *"Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."*

10.7. *"Assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição."*

B.18. *"De modo geral, os cientistas naturais devem incentivar os físicos (sic) a abandonarem suas preciosas alusões a algum tipo de Deus transcendental, ou suas invocações dele, a menos que esses físicos específicos queiram agir com sinceridade e confessar que são teístas."* (p.239).

O contraste entre o que discurso neodarwinista reivindica para si e o que ele atribui ao seu Outro é notório na materialidade discursiva. Todavia, devido à especificidade dessa última seqüência, queremos tecer algumas considerações a seu respeito.

Nessa seqüência discursiva (B.18.), o "sujeito" direciona o seu discurso, a um só tempo, aos criacionistas assumidos e àqueles a quem considera criacionistas "inconfessos", no caso, alguns físicos cujos discursos científico e religioso dão sinais de "interferência".

Interferência desse tipo é inevitável, diz Maingueneau (1984), pois os "campos não coincidem com um recorte empírico em termos de autores:... Antoine Arnauld é tanto autor das chamadas Grammaire e Logique de Port-Royal quanto de escritos religiosos" (cap.I, p.3).

Blanc (1994) fala da interferência dos discursos sobre Biologia de Edward O. Wilson e de Richard Dawkins nos discursos deles mesmos sobre os comportamentos sociais (moldados por instintos) e acrescenta:

Ora, como numerosas pesquisas de opinião indicaram, aqueles que crêem mais voluntariamente na hereditariedade da inteligência professam geralmente idéias políticas antiigualitárias, à maneira da organização política conhecida na França pelo nome de

Nova Direita. Será por acaso que Ernst Mayr é, por outro lado, membro do comitê de patrocínio da revista *Nouvelle Ecole*, órgão teórico da Nova Direita? (p.19).

Dessa forma, confirmamos mais uma vez⁶⁴ que o recorte em "campos discursivos" não define zonas insulares, mas permite "múltiplas redes de trocas" (Maingueneau, 1984, cap.I, p.3).

Então, na sequência discursiva (B.18) que estamos considerando, o discurso-agente constrói de si uma imagem de sinceridade e, concomitantemente, leva o leitor a entender que os físicos cujos discursos têm afinidade com o criacionismo não estão querendo agir com sinceridade.

Requerer para si a imagem de discurso sincero é comum aos discursos em geral, pois, como diz Maingueneau (1996), "é um princípio vinculado a qualquer enunciado pretender ser sincero" (145).

Uma vez que ser sincero na "concepção psicológica ou ética (...)é dizer o que se pensa" (Maingueneau, 1996, p.121), o sentido construído nessa sequência discursiva é que os físicos cujos discursos refletem, aos olhos neodarwinistas, o pensamento criacionista, estão usando de artifícios para alcançarem objetivos inconfessos.

Numa relação de antagonismo, dizer que o Outro não é sincero, que usa de expedientes espúrios, de ardis, de tática, etc., é comum. Vejamos dois exemplos provenientes da análise de Courtine, já mencionada anteriormente.

(4) Temos ouvido contra nós a crítica, talvez pouco original, de MANOBRAR, de EMPREGAR ARDIS, de agir com duplicidade.
(M. THOREZ, outubro de 1937)

*'E, se hoje confirmamos nossa posição de 1937, é porque não se tratava, então, como alguns pretendem, de um **ardil**, de uma **tática ocasional**, mas de uma **posição política** perfeitamente de acordo com nossa doutrina: o marxismo-leninismo'.*
[Waldeck-Rochet, 13/2/1944] apud: (Courtine, 1981, cap. II, p.16).

Assim, de forma semelhante ao que era dito com respeito aos comunistas, o discurso-agente leva o leitor a inferir que os físicos que fazem "preciosas alusões a algum tipo de Deus transcendental, ou suas invocações dele" estão disseminando de forma camuflada, no interior do discurso da Física, o discurso religioso criacionista.

⁶⁴ Isso porque já consideramos essa questão quando vimos o que Maingueneau define como "campo discursivo", no capítulo sobre o interdiscurso.

Com isso esses cientistas específicos estariam usando o grande prestígio do discurso da Física para propagarem o pensamento "rejeitado" do criacionismo, da religião. Isso desagrade aos neodarwinistas, cujo discurso "pretende o monopólio enunciativo" e por isso tem atitude de exclusão, de "rejeição do universo semântico adversário, como incompatível com a verdade" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.6).

Uma vez que o discurso criacionista deve ser visto como um discurso artificial, apaixonado, baseado em lendas e mitos, sem autenticidade e sem base científica, o neodarwinismo tem que rejeitar essas referidas "alusões a um Deus transcendental", pois isso pode levar o leitor a concluir que se alguns físicos reportam a Deus em algumas de suas explicações teóricas isso pode criar ou fortalecer uma imagem positiva concernente ao discurso antagônico.

É justamente esse medo de fortalecer o discurso criacionista que faz com que um grupo de cientistas rejeite a teoria do Big Bang, conforme já vimos no agrupamento 6: "5.8. **"Físicos que discordam da teoria de que o universo teria sido criado pelo Big Bang, por exemplo, enxergam nessa explicação uma tradução, para os meios científicos, do célebre Dia da Criação de que fala a Bíblia. Nesse caso, o Big Bang, que também não pode ser verificável, não seria uma teoria científica, racional, mas uma construção teórica de origem religiosa."**

É relevante observarmos que a rejeição aqui citada não é fundamentada em questões da teoria em si, mas em eventuais interferências discursivas.

São questões desse tipo que levaram Blanc (1994), que se posiciona favoravelmente às "correntes críticas do neodarwinismo," a dizer que **"é provável que aceitemos ou recusemos essa teoria [da evolução] ou partes dessa teoria, não em primeiro lugar por razões científicas, mas pura e simplesmente por razões filosóficas"** (pp.25, 270) (Grifo acrescentado).

Isso confirma de forma bastante clara as palavras de Maingueneau (1984): "a formação discursiva não define somente um universo de sentido próprio, *ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos*" (cap.IV, p.6).

É bom ressaltarmos que a atitude de exclusão do neodarwinismo é relacionada ao seu antagonista: com relação aos outros discursos científicos, a sua atitude comum é de convívio pacífico e a sua pretensão, atualmente, se limitaria a ocupar o lugar que tem sido atribuído à Física, a saber, a posição de "rainha das ciências". (FOLHA de S. Paulo. Flávio Dieguez & André Chavez. 02.01.2002).

Chegou à hora de prosseguirmos para o quarto e último bloco.

Bloco 4

Os semas "reivindicados" pelo discurso-agente neste bloco são: defensor, perseguido. Observemos como tais semas, ou outros que lhe são discursivamente semelhantes, materializam-se nas seqüências discursivas abaixo.

B.15. "Ao defenderem dos criacionistas o campo científico, os biólogos evolucionistas estão defendendo toda a ciência." (p.237).

1.11. "Já velho, enfrentando uma úlcera tenaz, Darwin defendeu-se com irritação no livro 'O Ancestral do Homem', de 1871."

7.2. "Dawkins assumiu na comunidade científica internacional o papel de uma espécie de apóstolo do darwinismo, cujas verdades ele não se cansa de defender, refinar e divulgar."

1.9. Darwin viveu sob a hostilidade dos leigos, religiosos e políticos.

1.10. Esteve sempre sob o fogo da ciência estabelecida.

1.13. "Quanto a mim, acho melhor ser descendente de um pequeno macaco ou de um babuíno do que de selvagens que se deliciam torturando os inimigos, que oferecem sangue em sacrifícios, praticam o infanticídio sem remorso, tratam suas esposas como escravas e vivem assombrados com as mais estúpidas superstições".

Uma vez que temos conhecimento dos semas "reivindicados" pelo discurso-agente, podemos esperar os semas que serão atribuídos ao Outro serão: perseguidores, agressores (em outras palavras, promotores da "guerra"). Confirmamos.

B.12. "O criacionismo é um movimento intelectualmente sofisticado, com alguns defensores brilhantes. Não se trata de um bando de insatisfeitos analfabetos. Eles travam sua guerra religiosa com determinação e sutileza." (p.237).

A.4. "Ruse não vê motivos para a acirrada guerra promovida pelos protestantes fundamentalistas norte-americanos - com quem debate há pelo menos 20 anos - contra a evolução."

B.3. "Sobretudo no que diz respeito ao choque entre os darwinistas e seus perseguidores, nenhum biólogo evolucionista pode alegar objetividade." (p.12).

Embora tenhamos encontrado em nosso *corpus* relativamente poucas materializações discursivas atinentes ao assunto desse último bloco, isso não significa que esses discursos não sejam amplamente marcados pela caracterização do Outro como sendo o "verdadeiro" causador

da polêmica, antes, esse aspecto permeia o modo como uma formação discursiva vê a antagonista.

Observando-se as seqüências acima, podemos perceber que há uma constante tensão nos sentidos produzidos, isso porque, em todo tempo, simultaneamente, os discursos atacam a posição antagonista e defendem a sua própria posição. Maingueneau (1984) diz que

"Num certo nível, a distinção entre ataque e defesa não é de forma alguma pertinente: se o fato estrutural que é a razão da polêmica é constitutivo, é inútil procurar saber quem ataca e quem defende. A ameaça é recíproca e generalizada desde que se institui o discurso novo (cap.IV, p.8).

Todavia, podemos perceber que ora os "ataques" são produzidos mais incisivamente, ora são produzidos de forma mais atenuada.

Com isso o discurso-agente procura manter o leitor na posição de interlocutor, pois, afinal, os discursos têm como um dos seus objetivos angariar adeptos da formação discursiva antagonista, para que venham assumir a posição defendida pelo discurso-agente.

Poderíamos chamar o jogo de tensão presente nesse acontecimento discursivo de "operação picada de morcego", pois, segundo dizem, o morcego hematófago, ao picar a sua vítima, batia as suas asas "para dissimular a picada".

Julgamos ser essa ilustração pertinente porque mostra a "picada do morcego" (o ataque) e o "bater de suas asas" (a imagem de perseguido) como sendo constitutivos de um só acontecimento, ou seja, o ataque e a defesa, na polêmica, fazendo parte de um só processo discursivo.

Para exemplificar a "operação picada do morcego", escolhemos três seqüências discursivas:

(A.4.) *"Ruse não vê motivos para a acirrada guerra promovida pelos protestantes fundamentalistas norte-americanos - com quem debate há pelo menos 20 anos - contra a evolução."*

(B.12.) *"O criacionismo é um movimento intelectualmente sofisticado, com alguns defensores brilhantes. Não se trata de um bando de insatisfeitos analfabetos. Eles travam sua guerra religiosa com determinação e sutileza." (p.237).*

1.13. *"Quanto a mim, acho melhor ser descendente de um pequeno macaco ou de um habuíno do que de selvagens que se deliciam torturando os inimigos, que oferecem sangue em sacrifícios, praticam o infanticídio sem remorso, tratam suas esposas como escravas e vivem assombrados com as mais estúpidas superstições".*

Na primeira seqüência o grau de tensão é bastante atenuado e o “sujeito” constrói de si uma imagem de alguém que parece responder aos “ataques” sem entrar no jogo do adversário. Enquanto o Outro promove “acirrada guerra”, o sujeito, tranqüilamente, (sem ver motivo que justifique a atitude do Outro), simplesmente “debate”.

Isso nos leva a recorrer mais uma vez às palavras de Maingueneau (1984), que até parecem ser escritas a propósito desse enunciado supra: “os protagonistas devem jurar que dispensariam completamente o conflito, que eles só entram na disputa obrigados, mas de fato eles estão já presos em seu interior” (cap.IV, p.8).

Esse tipo de visão a respeito de si e a respeito do Outro é freqüente em relação de confronto. Courtine (1981) cita um enunciado cujo sentido construído é semelhante ao que acabamos de considerar: “*A violência, não é de nós que ela vem*” (cap.V, p.11).

Na segunda seqüência discursiva, cujo grau de tensão também é atenuado, o sujeito afirma que os opositores tem qualidades (“movimento intelectualmente sofisticado, com alguns defensores brilhantes. Não se trata de um bando de insatisfeitos analfabetos”). Essa atitude de “reconhecimento” das qualidades do Outro, cria alguns efeitos de sentido muito favoráveis ao discurso-agente: o efeito de sinceridade, de justiça, de imparcialidade, pois o sujeito tem a “grandeza” de “reconhecer” até mesmo as qualidades dos opositores.

Esse é um mecanismo de persuasão bastante eficaz, pois abre caminho para aquilo que posteriormente será dito. Nessa seqüência discursiva o objetivo do discurso-agente não é “elogiar” o adversário, mas dizer que os Outros é que “travam a guerra...”.

Na terceira seqüência discursiva, podemos perceber um alto grau de tensão e a imagem construída do Outro evidencia uma relação extremamente conturbada, mas o “culpado” é o Outro.

Darwin, para construir uma imagem de inocente, de frágil, de perseguido, utiliza a figura do “pequeno macaco” (observemos o adjetivo anteposto ao substantivo para acentuar o contraste) e contrasta-a com o inimigo desumano, autor de terríveis atrocidades.

Esse contraste é para legitimar a atitude do “sujeito” que não “ataca”, mas diante das atrocidades do inimigo, usa os seus mecanismos, legítimos, de “defesa”.

Com certeza, o que é visto, a partir de uma posição, como defesa (legítima), pode ser visto de outra posição como ataque (hárbaro).

Ilari e Geraldi (1998) dizem: *"uma mesma campanha militar de ocupação poderá ser apresentada como uma invasão ou uma defesa (a história da guerra do Paraguai é contada de outro modo... do outro lado da fronteira)"* (p.67).

Possenti (s/d. a) nos dá um exemplo bastante relevante e atual:

Lá onde um militante de esquerda vê movimentos sociais legítimos que põem em xeque uma ordem social injusta, o conservador verá a desordem social e a quebra da ordem jurídica (concretamente, lá onde um militante do MST vê uma ocupação, o latifundiário vê uma invasão) (p.5).

Nessas seqüências discursivas, podemos verificar que o discurso é construído dosando o grau da "defesa/ofensa" que pode fazer sem que atinja o leitor antagonista a tal ponto que o leve a recusar a continuar ocupando a posição de interlocutor e, até mesmo, conforme o caso, a procurar instâncias que estariam acima de ambas as posições (tribunais de justiça, por exemplo) e que poderiam arbitrar sobre a eventual "ofensa", calúnia, difamação, etc.

Diante do que temos visto, podemos notar que o discurso-agente procura tornar público aquilo que considera como erro,⁶⁵ como transgressão por parte do adversário, pois com isso o adversário é colocado "em situação de infração em relação a uma Lei que é autoridade (que não se discute)" e uma vez desqualificado (por ser injusto, mentir, distorcer informações, desrespeitar as regras sociais, etc...) ele é desinvestido "de seu direito à palavra, independentemente de qualquer conteúdo" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.9). (Grifo acrescentado).

Contudo, quer "atacando" o Outro, quer "defendo-se" dele, o discurso sempre procura construir a sua fala a partir de sua própria semântica de base e recusa, sempre, a semântica antagonista, na busca, incessante, de desvencilhar-se definitivamente do espectro do seu Outro.

Porém, o que o discurso não percebe é que "não existe relação polêmica 'em si': a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo" (Maingueneau, 1984, cap.V, p.5). Quando **um discurso pensa que está vendo o espectro do seu Outro, na verdade, ele está vendo a sua própria sombra, e não se reconhece.**

Para visualizarmos melhor os contrastes entre os semas "positivos" (reivindicados) e os semas "negativos" (rejeitados), que terminamos de considerar, construímos o quadro a seguir.

⁶⁵ MAINGUENEAU (1984) diz que "polemizar é sobretudo apanhar publicamente em erro..." (cap.IV, p.9).

Quadro dos semas reivindicados versus semas rejeitados:

SEMAS REIVINDICADOS:	SEMAS REJEITADOS:
1. Cientistas, famosos, importantes, renomados, conceituados, racionais, sinceros.	Apaixonados, supersticiosos, perseguidores, insinceros, (No caso de cientistas, teístas inconfessos)
2. Fato, realidade, prova, verdade, ciência de verdade, certeza, evidência, garantia, razão.	Mito, lenda, palpite, superstição, explicação sem sentido, religião, histórias apócrifas, religião ruim, ciência ruim.
3. Mostrar, demonstrar, provar, comprovar.	Explicação canhestra, argumentos frágeis, falta de bases científicas, histórias apócrifas, pedido para acreditar.
4. Científico, racional, sério, monumental.	Sustentado por mito, desenvolvido com argumentos frágeis, carente de bases científicas, cientificidade negada pelos biólogos sérios, apaixonado, insincero, sem sentido, canhestramente explicado.
5. Defensores	Perseguidores, promotores de "acirradas guerras", "guerreiros".

5. CONCLUSÃO

Diante do que vimos, não restam dúvidas de que esses discursos são verdadeiramente antagonistas e que a controvérsia existente entre eles é regida pelas regras da interincompreensão que levam às construções dos simulacros discursivos (e, assim, um discurso não conhece o seu Outro, mas apenas o simulacro que constrói dele). Ou seja, *em uma relação de polêmica, um discurso vê a si mesmo através do "espelho mágico" da polêmica que reflete a imagem do espectador de forma ajustada*, de acordo com o ideal de perfeição concebido no imaginário desse discurso e, por outro lado, *vê o seu antagonista através da "lente mágica" da polêmica, cuja função é desqualificar o rival, custe o que custar, através da deformação da sua imagem* (que também é construída no imaginário do discurso agente), para que ele seja colocado abaixo do limite mínimo necessário para uma convivência relativamente pacífica.⁶⁶

Verificamos também que, em uma relação de polêmica, a citação das palavras do Outro é muito semelhante ao que ocorre em alguns seqüestros. Seqüestram-se as palavras do discurso antagonístico e essas, uma vez dominadas no cativeiro do adversário, são forçadas a dizer tudo aquilo que o autor do seqüestro as obriga. Porém esse dizer não representa a sua libertação, antes serve apenas para o seu próprio "aniquilamento".

Vimos que o discurso neodarwinista está sempre marcando, através da sua semântica de base, a sua posição e a posição do seu Outro. Isto é, a partir daquilo que o discurso agente assume [sua SEMÂNTICA DE BASE], é possível encontrar aquilo que nega [a SEMÂNTICA ANTAGÔNICA] e a partir daquilo que ele "reivindica" para si ["QUALIDADES"], podemos

⁶⁶ "Para Brandt (1980, p.121), o funcionamento de uma polêmica deve ser entendido como uma troca entre subjetividade tornada possível graças a uma lógica do imaginário em que os interlocutores articulam representações recíprocas (do outro e de si mesmo)" *apud* (Brandão H., 1998b, p.93).

encontrar aquilo que atribui ao discurso oposto ["DEFEITOS"]. Assim, um pequeno conjunto de seqüências discursivas é suficiente para a identificação da estrutura semântica específica do neodarwinismo e do seu Outro.

Isso nos mostra como é relevante, a partir das seqüências discursivas que compõem o *corpus*, considerarmos a "importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário" (Maingueneau, 1997, p.155).

Confirma-se a tese de Maingueneau (1984) sobre o primado interdiscurso sobre o discurso, uma vez que fica claro que o discurso neodarwinista não nasceu de um retorno as próprias coisas, "*mas da transformação de outros discursos*" (cap.IV, p.14) e, portanto, a "*unidade pertinente*" para a análise não é esse discurso isolado, mas o espaço discursivo no qual ele se constituiu, o interdiscurso (*ibidem*, cap.I, p.9).

Chegamos também à conclusão de que, apesar de todas as divergências entre os dois discursos considerados em nossa análise, isto é, o discurso-agente apresentando-se como científico (racional, porta voz da verdadeira ciência, sério, defendido por cientistas sérios e famosos, apresentado mediante fatos demonstráveis e de provas que produzem plena certeza, fruto de trabalho monumental que mostra a realidade) e apresentando o discurso-paciente como mito, fábula, lenda, palpite, superstição, sem base científica, etc., esses discursos não atuam em campos dissimétricos. Antes, **o discurso neodarwinista preocupa-se com o seu Outro por razões puramente "ideológicas", isto é, porque é fortemente marcado pela ideologia, luta para ocupar espaço do seu Outro**. Aliás, como já dissemos, é por estarem no mesmo espaço discursivo, sendo de formações discursivas oponentes, que sua relação é dessa natureza.

Assim, o discurso neodarwinista que circula através da divulgação científica não é o discurso da ciência, mas é uma versão "ideológica" sobre ciência e, além de ocupar o espaço da ciência, quer ocupar também o espaço da religião e parte do espaço da filosofia. Por outro lado, o seu Outro, o discurso criacionista conservador, **pelo que vimos a partir do discurso de referência** de nossa análise, além de ocupar o espaço da religião, tem procurado também ocupar o espaço atribuído à ciência.

Dessa forma, a disputa entre esses discursos acontece porque ambos desejam exclusividade para ocupar o espaço que disputam. Ou seja, a luta travada nesse espaço discursivo não tem como objetivo que um tenha primazia sobre o Outro, mas cada um busca a anulação do Outro: sua eliminação do espaço discursivo.

Certamente, são questões como essas que levaram Paul Feyerabend (1979) a afirmar ser a ciência 'a mais recente, mais agressiva e mais dogmática instituição religiosa' (p.15) apud: Coracini, 1991, p.36).

Algumas seqüências discursivas que encontramos ao construirmos o nosso *corpus* deixam clara a luta para ocupar, de forma exclusiva, um espaço que está dividido entre os dois. Vejamos.

2.13. "A curiosidade a respeito de sua origem e destinação, uma das paixões mais fortes no ser humano, está no alicerce das religiões, de boa parte da ciência e da aflição dos bilhões de sucessores do Australopithecus."

3.4. "O problema é que muitas vezes a gente tem de usar mais a imaginação do que dados concretos. (...) A forma mais elementar de vida surgiu na Terra há cerca de bilhões de anos. É muito tempo. Não existem fósseis nem rastros dessa semente primitiva, a não ser nós mesmos... A falta de dados é apenas um lado do problema... o outro [é] o nosso cérebro... Temos uma grande dificuldade em compreender tudo o que contraria a nossa intuição e nossos padrões de raciocínio."

5.2. "Idéias como a vida depois da morte e a origem divina do universo, antes tidas como verdades, foram rebaixadas à categoria de lendas graças ao monumental trabalho racional dos cientistas."

5.4. "Pesquisadores de primeira linha como Hawking, Smoot e Lederman (...) inquietam-se em descobrir qual o sentido da existência humana e o objetivo da vida na Terra."

5.8. "Físicos que discordam da teoria de que o universo teria sido criado pelo Big Bang, por exemplo, enxergam nessa explicação uma tradução, para os meios científicos, do célebre Dia da Criação de que fala a Bíblia. Nesse caso, o Big Bang, que também não pode ser verificável, não seria uma teoria científica, racional, mas uma construção teórica de origem religiosa."

B.2. "O único concorrente do peixe de Cristo, em matéria de enfeites metálicos para automóveis, é o peixe de Darwin, com suas quatro pernas. Darwin é um símbolo de resistência contra os clérigos e os ortodoxos de todas as partes." (p.12)

"No esquema biológico de Darwin, (...) ao surgir pela primeira vez, a vida deve provir da matéria inanimada" (ROSE, O Espectro de Darwin, p.94).

"De acordo com Ernst Mayr, um dos 'bulldozes' de maior escalão nos dias de hoje, o próprio Huxley nunca acreditou no processo darwiniano de seleção natural", mas buscava "arrancar a ciência do controle eclesiástico, (...) assumindo uma atitude decididamente de confronto em relação ao partido da Igreja" (Hellman, 1999, p.115s).

Essas seqüências discursivas nos mostram também que ambos os discursos "estão imersos em um universo a priori largamente aceito por ambas as partes" (Maingueneau, 1984, cap.III, p.6), ou seja, ambos os discursos:

1) manifestam ter convicção de que "há um código que transcende os discursos envolvidos e que, sendo uma instância que não está nem de um lado e nem de outro, tem condições de arbitrar de forma neutra" (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10).

- 2) Pretendem responder como a vida se originou.
- 3) Pretendem dizer "qual é o sentido da vida".⁶⁷
- 4) Manifestam pensar que a verdade é transparente e apreensível.
- 5) Têm uma "teoria moral", a partir da qual querem "determinar o bem e o mal".⁶⁸

Além disso, esses discursos:

- 1) Ocultam,⁶⁹ por detrás do seu "saber científico", o jogo de interesses (de poder) que os impulsiona.⁷⁰
- 2) Lutam para eliminar o seu Outro. (Querem não apenas a primazia, mas cada qual manifesta pretender o monopólio discursivo. *Há discursos "que só podem funcionar reivindicando o monopólio da legitimidade"* (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.6), (*"...modo tendencialmente monológico: (...) representando-se como o discurso do verdadeiro"*) (Authier-Revuz, 1999, p.13).
- 3) Afirmam ter os mecanismos para a apreensão da verdade e que as suas "provas" são verdadeiras e incontestáveis. Por isso afirmam ser a verdadeira ciência e acusam o Outro de praticar pseudociência.

Isso explica a razão pela qual àquilo que o *criacionismo conservador* chama de *verdadeira ciência*, o *neodarwinismo* chama de *teísmo disfarçado*, de *religião*, e àquilo que o *neodarwinismo* chama de *verdadeira ciência*, o *criacionismo conservador* chama de *ateísmo disfarçado*, *materialismo*.

A presente análise atesta também que a polêmica entre esses discursos revela a "vizinhança" entre eles, pois (por exemplo, ainda não conhecemos a "história" de um debate entre astrônomos e torcedores de futebol acerca do que vem a ser uma estrela, mas entre os torcedores brasileiros e os argentinos, aí sim, conhecemos a polêmica sobre quem é o maior astro do futebol mundial: Pelé ou Maradona), como já citamos, a polêmica *'pressupõe um conjunto*

⁶⁷ BLANC (1994) diz: "ora, se o neodarwinismo gera controvérsia em nossa época, é porque ele também pretende dizer, de certa forma, qual é o *sentido da vida*" (p.21).

⁶⁸ Por exemplo: O evolucionista E. R. G. Edwards diz que "*mal (...) é deixar nascerem crianças geneticamente doentes ou malformadas*". (Blanc, 1994, p.24).

⁶⁹ Há casos em que o criacionismo conservador "assume" que está colocando "*A ciência a serviço de Deus*": Ex.: Nas capas das fitas de Vídeo sobre as Origens, Reborn, 1995. Cf. nota 23.

⁷⁰ Coracini (1991) diz que no discurso científico primário "o jogo de interesses (de poder) se acha, em geral, velado, em nome do saber acadêmico" (p.44).

ideológico comum' entre os opositores. [Dubois e Sumpf, 1868, p.151]⁷¹ *apud* (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.9).

Analisando a controvérsia existente entre esses discursos, confirmamos que Maingueneau (1997) tem razão em afirmar que

O exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável (p.125).

Finalmente, os discursos em epígrafe, em vários momentos, se "aproximam" de um discurso filosófico e têm como **instância que os transcende**, e que teria condições de arbitrar sobre eles de forma neutra (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10), os conceitos de **verdade, realidade, fatos e bom senso**.

A análise desse espaço discursivo nos permite perceber também **um silêncio muito significativo, pois é deixada na sombra a razão do INTERESSE pelo monopólio enunciativo**, pela ocupação exclusiva de um espaço que, *se não fossem as motivações ideológicas* que atravessam esses discursos (prestígio, poder, etc), poderia ser partilhado mais pacificamente por ambos, pois *cada um não veria o outro como um rival a ser anulado*, mas como um discurso que ocupa uma posição diferente do campo discursivo.

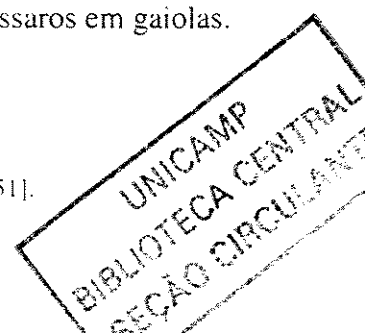
Palavras Finais

Além de assumir que a polêmica pressupõe que há entre os discursos envolvidos um "*conjunto ideológico comum*", Maingueneau (1984) propõe que, em parte, a polêmica de um discurso é consigo mesmo, pois "*o Outro representa esse duplo cuja existência afeta radicalmente o narcisismo do discurso*" (cap.IV, p.15).

Essa luta consigo mesmo lembra-nos uma história que meu pai contava a respeito de uma de suas artes do seu tempo de criança.

Naquela época, quando o discurso ecológico era bem diferente, as crianças que moravam na zona rural tinham como um dos seus divertimentos prediletos prender pássaros em gaiolas.

⁷¹ [J. Dubois e J Sumpf, 'Linguistique et révolution', in *Communications* no. 12, 1868, p.151].



O meu pai tinha um canário da terra que sempre "recebia a visita" de outros canários soltos, mas, como não era um bom anfitrião, logo partia para a briga.

Um dia, o meu avô comprou um espelho bem grande e meu pai quis usá-lo para testar o grau da "violência" do seu canário. Colocou, escondido de meu avô, o espelho diante do canário. Imediatamente, ele partiu para a briga consigo mesmo e fez uma trinca no espelho novo.

O entretenimento imaginado se transformou em medo do castigo pelo *prejuízo* causado. Meu pai, então, colocou o espelho de volta na parede e procurou comportar-se como se não soubesse de nada...

Para nós, há semelhança entre o que aconteceu nesse episódio e o que acontece com o discurso de divulgação científica neodarwinista. Este está preso à controvérsia e, querendo ser a expressão dos fatos, a expressão exata da verdade, briga com um inimigo construído em parte no mundo real e em parte no mundo de sua imaginação, de sua projeção.

O prejuízo é a construção de uma imagem de ciência perfeita, que só tem provas e certezas e isso acarreta na construção da ilusão de que esse tipo de saber está pronto, acabado, não precisa de novos pesquisadores ou de novas hipóteses.

A construção de uma imagem adequada da ciência, em lugar da imagem mística vulgarizada, poderia fazer com que as frestas que existem nos trabalhos dos cientistas não fossem vistas como fraquezas repugnáveis que necessitam ser ocultadas, mas seriam expostas como "janelas" através das quais poderiam ser vislumbrados horizontes desafiadores a serem conquistados, pois a construção de uma imagem mistificada da ciência, embora possa trazer verba para algumas pesquisas e muito prestígio à ciência e a alguns cientistas, acaba levando o público a ter uma visão distorcida da ciência e a considerá-la de uma "grandeza inatingível" pelos "simples mortais" e isto, por conseguinte, faz com que muitas pessoas, com grande potencial, se sintam incapacitadas para se ingressarem no mundo hermeticamente fechado da ciência.

Contudo, como essa velha briga vai continuar e como essa imagem mistificada da ciência continuará a ser divulgada, esperamos ter contribuído, com este trabalho, para que a visão dos leitores em geral seja mais crítica, mais madura, tanto com relação à linguagem, quanto no que concerne ao "discurso da divulgação científica evolucionista neodarwinista" (e, de forma mais ampla, ao discurso de divulgação científica em geral) e no que diz respeito ao "discurso de divulgação científica criacionista conservador" (e, também, por que não, do discurso religioso).

Diante do que vimos até aqui, algumas questões se nos apresentam: essa polêmica se materializa somente no gênero da divulgação científica, isto é, somente quando os dois discursos são destinados ao público em geral a pretexto de divulgar ciência? Ou aparece também no âmbito do discurso científico primário, quando acontece a disseminação destinada à comunidade dos cientistas? Seriam essas questões relevantes para um próximo estudo? Estamos refletindo sobre isso...

ABSTRACT

This dissertation analyses the relation between the Neodarwinist evolutionary scientific disclosing discourse and the conservative creationist discourse. The Neodarwinism, in this study, shows the contemporary thought of the several Biology tendencies that follow the method structured by Charles Darwin, in his work *On the Origin of Species*. The conservative creationism, also known as fundamentalist, has a literal interpretation of the *Genesis* text about the creation of the world. This discourse is against the "liberal" creationism which renders *Genesis* as metaphorical and/or mythological literature.

Our study, which mainly analyses publications from the "Veja" magazine that were published in the last decade, has the neodarwinism as a reference discourse and is based on the French discourse analysis theory, specially on the concepts of inter-discourse, base semantics, inter-uncomprehension, controversy and discourse simulacrum proposed by Maingueneau.

It is verified that the semantic foundations of the neodarwinist discourse are based on the following lexical unities: chance, nature, accident (live for living), commom-animal-man/primate, evolution and millions/billions of years/ages. It is also certified, from the reference discourse, that the semantic foundations of the conservative creationism are built on the following lexical unities: project, God/Creator, purpose, Adam (special-human being), creation and creation-days.

The corpus analyses indicates that the focus of the war between those two discourses is centralized on the lexical item "*chance*" and its opposite "*project*". That is so because if we admit that there is a "project", we have to admit there is a planner, and, if there is a planner and a project, there should be a purpose, once one thing presupposes the other.

Thus, anchored on the role attributed to "*chance*", the evolutionism builds up its discourse and, simultaneously, denies the legitimacy of the antagonistic discourse, which is always evidenced through the deductive simulacrum built by the inter-uncomprehension process.

The neodarwinist discourse tries to build on itself an image of truth speaking-trumpet and, for that purpose, uses the concepts built by the semantic meanings: fact, reality, proof, truth, science of truth, certainty, evidence, warranty, reason, rational. The scientists of this discourse formation are highly regarded and described as famous, important, renowned, serious, honest, science and truth defenders, etc. On the other hand, the reference discourse builds the deductive simulacrum of its "Other" through semantic meanings such as: myth, legend, superstition, suggestion, meaningless explanation, apocryphal histories, bad religion and bad science. Those who belong to the antagonistic discourse formation are considered: insincere, superstitious, passionate religious men, science persecutors and promoters of "exasperated wars" where there are scientists who are in fact non-confessed theists.

In conclusion, the inter-uncomprehension relation and controversy among the protagonist discourses, which is strongly marked by ideology, causes each one of these discourses to face its "Other" through the simulacrum built by itself.

Likewise, the analysis of processes related to materialized meaning buildings in those discourses contributes to the formation of more critical readers concerning both the analyzed discourses and language as a whole.

KEY WORDS: 1. Discourse analysis; 2. Creationism; 3. Bible and Evolution; 4. Darwinism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- A Bíblia Sagrada*. (1969). Trad. João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ANKERBERG, John e WELDON, John. *Os Fatos sobre Criação e Evolução*. Porto Alegre: Obra missionária chamada da meia-noite, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1990). "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (19) UNICAMP, Campinas. (pp. 25-42).
- _____. (1998). *Palavras Incertas*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- _____. (1999) "Dialogismo e Divulgação Científica, In: *Revista Rua* (5). Campinas, SP: UNICAMP, NUDECRI, pp.9-15.
- BEHE, Michael J. (1997). *A Caixa Preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Ciência e Cultura).
- BLANC, Marcel. (1994). *Os Herdeiros de Darwin*. São Paulo, SP: Scritta.
- BRANCO, Samuel Murgel. (1996). *Evolução das Espécies*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Moderna. (Coleção Polêmica).
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (1998a). *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª. Ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP. (Série Pesquisas)
- _____. (1998 b). *Subjetividade, Argumentação, Polifonia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- BRODY, David E. & BRODY, Arnold R. (1999). "A Evolução e o Princípio da Seleção Natural". In: *As Sete Maiores Descobertas Científicas da História*. São Paulo: Companhia das Letras, pp.221-238.

- CORACINI, Maria José R Faria. (1991). *Um Fazer Persuasivo: O discurso subjetivo da ciência*. Campinas, SP - São Paulo: Ed. Pontes - Educ.
- COURTINE, Jean-Jacques. (1981). "Le discours communiste adressé aux chrétiens". *Langages* (62). Paris: Didier-Larousse. Tradução de Sírío Possenti. (Em processo de edição em Língua Portuguesa).
- COUSINS, Peter James. (1997). *Ciência e Fé: Novas Perspectivas*. São Paulo: ABU.
- DARWIN, Charles. (1996). *A Origem das Espécies*. Rio de Janeiro: Edição Integral. (Clássicos Econômicos Newton 9).
- FOLHA de S. Paulo, Seção: Ciência, 'Evolução' é retirada de escolas nos EUA. São Paulo: 06 out. 1999.
- HELLMAN, Hal. (1999). "O buldogue de Darwin contra Sam 'escorregadio': as guerras da evolução". In: *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: Editora UNESP. pp.111-139. (Biblioteca básica).
- HOOYKAAS, R. (1998). *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- HORGAN, John. (1998). *O Fim da Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. (1998). *Semântica*. 8 ed. São Paulo: Editora Ática. (Série Princípios).
- INDURSKY, Freda. (1997). *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- KIDNER, Derek. (1985). *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Ed. Vida Nova & Ed. Mundo Cristão.
- KOCH, Ingedore Villaça. (2000). *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 4.ed. São Paulo: Contexto. (Caminhos da Linguística).
- LIMA, Celso Piedemonte de. *Evolução Biológica: Controvérsias*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993. (Série Princípios).
- LOURENÇO, Adauto J.B. (1999). *Criação x Evolução*. Limeira: Apostila.
- LORETZ, Oswald. (1979). *Criação e Mito*. São Paulo: Ed. Paulinas, (Biblioteca de estudos bíblicos, 6).
- MAINGUENEAU, Dominique. (1984). *Genèses du discours*. Pierre Mardaga, Editeur. Bruxelles. Tradução de Sírío Possenti. (em processo de edição em Língua Portuguesa).

- MAINGUENEAU, Dominique. (1996). *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Leitura e Crítica).
- _____. (1987). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3^aed. Campinas, SP: Pontes & Editora da Unicamp. 1997.
- _____. (1997 a) *Os Termos-Chave da Análise Do Discurso*. Lisboa: Gradiva.
- MARTINS, Roberto de Andrade. (1997). *O Universo: Teorias sobre sua Origem e Evolução*. São Paulo: Editora Moderna.
- MOIRAND, Sophie. (2000). "Formas discursivas da difusão de saberes na mídia". In: *Revista RUA* (n.6). Campinas, SP: UNICAMP, NUDECRI, pp.9-24.
- MORRIS, Henry. *Criação ou Evolução*. 2a. ed. São Paulo: Ed. Fiel, 1979.
- ORLANDI, Eni P. (1987) *A Linguagem e seu Funcionamento*. 2 ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1999). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- _____. (2001). "Divulgação científica e efeito leitor". In: GUIMARÃES Eduardo (Org.). *Produção e Circulação do Conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001, pp. 21-30.
- PÊCHEUX, Michel. (1983). "A Análise de discurso três épocas". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. pp.311-319. (Coleção Repertório).
- PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. (1975). "A Propósito da análise automática do discurso". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. pp.163-252. (Coleção Repertório).
- PEÑA, Juan L. Ruiz de la. (1989) *Teologia da Criação*. São Paulo: Ed. Loyola.
- PERELMAN, Chaïm. (1996) *Tratado da Argumentação*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- POSSENTI, Sírio. (s/d.) *Slogan. Polifonia e Memória Discursiva*. Campinas, UNICAMP, inédito..
- _____. (2002) Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. In: *Os Limites do Discurso*. Curitiba, Criar Edições.
- REBOUL, Olivier. (1998). *Introdução à Retórica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- ROSE, Michael Robertson. (2000). *O Espectro de Darwin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SAGAN, Carl. (1996). "Kit de detecção de Mentiras". In: *O Mundo Assombrado pelos Demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, p.210-215.
- ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. (1997). *Heterogeneidade e Subjetividade no Discurso da Divulgação Científica*. Tese de doutoramento. IEL, UNICAMP.